



Elisa Teixeira Duarte

**Considerações sobre a experiência subjetiva
contemporânea a partir do conceito
winnicottiano de criatividade**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientadora: Cláudia Amorim Garcia

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2006



Elisa Teixeira Duarte

**Considerações sobre a experiência
subjéctiva contemporânea a partir do
conceito winnicottiano de criatividade**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Cláudia Amorim Garcia
Orientadora

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof^o. Octávio Almeida de Souza

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof^a. Lúcia Rabello de Castro

Departamento de Psicologia – UFRJ

Prof. Pulo Fernando Carneiro de Andrade

Coordenador Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia e
Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 2006

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Elisa Teixeira Duarte

Graduou-se em Psicologia pela Puc-Rio em 2003. Durante sua formação, voltou-se ao estudo da teoria psicanalítica, tendo participado de pesquisas acadêmicas afins, e estagiado na área clínica de instituições psiquiátricas e no próprio serviço de atendimento psicológico da universidade. Após formar-se, passou a atender no Centro de Investigação e Atendimento Psicológico da PUC-Rio (CIAP), no qual permaneceu até seu ingresso no curso de mestrado, em 2004.

Ficha Catalográfica

Duarte, Elisa Teixeira

Considerações sobre a experiência subjetiva contemporânea a partir do conceito winnicottiano de criatividade / Elisa Teixeira Duarte ; orientadora: Cláudia Amorim Garcia. – Rio de Janeiro : PUC, Departamento de Psicologia, 2006.

99 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia.

Inclui referências bibliográficas.

1. Psicologia – Teses. 2. Winnicott, Donald Woods. 3. Criatividade. 4. Embotamento criativo. 5. Reação. 6. Falso self. 7. Mal-estar contemporâneo. 8. Suporte ambiental. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Aos meus pais, pelo amor que se impôs às dificuldades.

Agradecimentos

A professora Cláudia Garcia, por sua orientação sempre cuidadosa e atenta, pela maneira apaixonada como apresenta o mundo e a psicanálise, e pela coerência, ética e comprometimento com os preceitos teóricos e de vida que, carinhosamente, foram transmitidos ao longo destes anos de convivência.

Ao José Otávio Naves, professor e amigo, pelo acolhimento, ensino e incentivo durante toda a trajetória, desde a graduação, tão importantes em meu crescimento pessoal e profissional, e fundamentais à realização deste trabalho.

Ao professor Octavio Souza, pela forma especial como transmite a psicanálise, e por ter acreditado em minhas possibilidades.

Aos amigos do grupo de pesquisa, pelas discussões, sugestões e críticas, muitas vezes inflamadas, mas sempre enriquecedoras.

Aos funcionários da PUC, em particular aos do departamento de psicologia, SPA e CIAP, sempre dispostos a cooperar com o que fosse preciso.

A CAPES, pelo suporte financeiro concedido à realização desta dissertação.

Aos familiares e amigos, por terem me auxiliado das mais diversas formas.

Ao Paulo, pela força, incentivo e amor de todas as horas.

Resumo

Duarte, Elisa Teixeira; Garcia, Cláudia Amorim. **Considerações sobre a experiência subjetiva contemporânea a partir do conceito winnicottiano de criatividade.** Rio de Janeiro, 2006. 99 p. Dissertação de mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente dissertação teve por objetivo ressaltar a relevância do conceito winnicottiano de criatividade no entendimento do mal-estar contemporâneo. Baseada em considerações feitas por autores das ciências sociais e da psicanálise, considerou que a sociedade atual tem potencializado uma forma particular de sofrimento psíquico, denominada, aqui, de embotamento criativo, que se caracteriza, principalmente, pelo sentimento de vazio existencial. Partindo da teoria winnicottiana, que destaca a importância do meio para a experiência criativa, o trabalho lançou a hipótese de que o cenário atual não estaria fornecendo o necessário suporte a tal experiência, induzindo à experiência subjetiva de desamparo, o que teria por corolário o embotamento criativo. Neste sentido, essa dissertação ressaltou não só a importância da teoria winnicottiana sobre a criatividade para a escuta clínica, como também a importância desta teoria como instrumental crítico privilegiado que permite questionar o mundo em que vivemos.

Palavras-chave

Winnicott, Donald Woods; criatividade; embotamento criativo; reação; falso self; mal-estar contemporâneo; suporte ambiental.

Abstract

Duarte, Elisa Teixeira; Garcia, Cláudia Amorim. **Considerations about contemporary subjective experience, from the point of view of Winnicott's concept of creativity.** Rio de Janeiro, 2006. 99 p. MSc Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The objective of the present dissertation was to emphasize the relevance of Winnicott's concept of creativity, in the understanding of contemporary discontent. Based on the sociological and psychoanalytical literature, this study considered that present society induces a peculiar form of psychic suffering here denominated as creative fragility, mainly characterized by the feeling of existential emptiness. In accordance with Winnicott's theory, that emphasizes the importance of the environment for the building up of creative experience, this dissertation hypothesized that current society does not provide the necessary support for creativity, but on the contrary stimulates the experience of helplessness, which interferes with creativity. Therefore, this dissertation argued that the Winnicott's creativity theory is not only crucial for clinical purposes but also represents an important critical instrument in the understanding of the world we live in.

Keywords

Winnicott, Donald Woods; creativity; creative fragility; reaction; false self; contemporary discontent; environmental support.

Sumário

1. Introdução	9
2. A criatividade e a construção do sentido de realidade	14
2.1. O solo necessário à experiência criativa: a importância do meio para o desenvolvimento emocional primitivo	15
2.2. O conceito de criatividade em Winnicott	24
2.3. A criatividade e o percurso de construção do objeto	35
3 O fracasso ambiental e os prejuízos à criatividade	46
3.1. O embotamento criativo e o vazio existencial	62
4. O cenário contemporâneo e a clínica psicanalítica: uma possível articulação à luz do conceito winnicottiano de criatividade	71
4.1. Um breve panorama sobre o cenário contemporâneo	71
4.2. O cenário contemporâneo como potencializador do embotamento criativo: considerações sobre a clínica atual	81
5. Conclusão	90
6. Referências bibliográficas	96

1. Introdução

Com este trabalho, objetivamos pesquisar o conceito winnicottiano de criatividade, tendo como pano de fundo o atual panorama social. A hipótese é a de que a sociedade contemporânea, de forma geral, tem potencializado uma situação de embotamento criativo, uma vez que as características fundamentais ao viver criativo, como a confiança, o amparo e o espaço para a singularidade do sujeito, parecem hoje dificultadas pelo cenário sócio-cultural. Como conseqüência, a experiência subjetiva contemporânea apareceria atravessada por sentimentos de vazio existencial, por certa fragilidade nas relações objetais, e pelo desengajamento na vida, características estas próprias de um viver não criativo. Em suma, propomos pensar a relevância da concepção winnicottiana de criatividade no entendimento do mal-estar contemporâneo.

Em Winnicott, a criatividade relaciona-se ao necessário intercâmbio entre os mundos interno e externo, entre o que é da ordem do subjetivo e o que é da ordem do objetivo. Diz respeito à maneira como o sujeito lida com o mundo, sendo este participante e imprescindível à experiência criativa e, portanto, sentido por ele como um aliado, e não como algo instável ou ameaçador. Para que a criatividade possa ganhar vida é necessário que o meio ofereça condições adequadas. No início esta função é desempenhada pela mãe, que, ao ir de encontro às necessidades do bebê, lhe permite ter a ilusão de criar o que, de fato, existe na realidade. Esta primeira experiência criativa, vivida por um tempo suficiente, permite que se desenvolva no sujeito a crença de que ele pode encontrar no mundo aquilo que ele deseja ou necessita, sendo, portanto, o que o possibilita acreditar e engajar-se verdadeiramente na vida. Sendo assim, a criatividade participa do processo de construção do sentido de realidade, tal como do processo de constituição subjetiva. É ela que permite ao sujeito dotar a vida de valor e fortalece o sentimento subjetivo de existência.

Por outro lado, falhas ambientais podem acarretar em prejuízos à criatividade e, ao invés de uma relação de intercâmbio com o mundo, o sujeito pode passar a submeter-se ou adequar-se em demasia a um mundo sentido como ameaçador e falho. Disto resulta que o que há de mais original e verdadeiro no sujeito fica oculto, e ele passa a reagir, a subordinar-se ao meio, ao invés de tecer

uma relação de troca empreendida a partir de si mesmo, ou melhor, de seu verdadeiro self. Dito de outro modo, o ambiente ganha um destaque desproporcional, e o sujeito apaga-se ou esconde-se em suas defesas. Ao invés de sentir-se, de algum modo, criando o mundo, o sujeito passa a sentir-se sendo por ele controlado e, digamos assim, criado. Nestes casos a alternativa a ser seria reagir, ao invés de uma vivência baseada em um verdadeiro self criativo, ocorreria uma vida reativa, submissa, vazia, baseada em uma falsa existência.

Embora Winnicott teorize sobre os primórdios do processo de constituição subjetiva e sobre a emergência da experiência criativa durante a relação inicial mãe-bebê, vale lembrar que a importância do meio, na teoria winnicottiana, não se restringe a este momento inaugural. Ao contrário, para Winnicott, é necessário continuar havendo um bom encontro entre as necessidades singulares do sujeito e a adequação do meio ao longo da vida, de modo que experiência criativa e o processo de enriquecimento subjetivo permaneçam como possibilidades. Assim, ao fazermos a correlação entre o suposto embotamento criativo dos dias de hoje e o momento histórico atual, estamos justamente ressaltando o aspecto da teoria winnicottiana relativo à importância do meio para a experiência dos sujeitos e, mais especificamente, sua importância em possibilitar (ou não) a experiência criativa.

A suposição de haver hoje determinada dificuldade na utilização do potencial criativo deu-se a partir da constatação de certa proximidade entre o que nos dizem os cientistas sociais e grande parte dos psicanalistas sobre a experiência dos indivíduos hoje. Apesar de pertencerem a campos teóricos distintos, chamamos a atenção o fato das duas vertentes apontarem para o mesmo fenômeno, que chamamos aqui de embotamento criativo, o que, em nosso entendimento, leva a crer tratar-se de um fenômeno característico dos dias de hoje, ou melhor, de um fenômeno potencializado pelo contexto histórico atual.

Nas ciências sociais a principal postulação é que há hoje um enaltecimento do plano individual, o que ocorre em paralelo ao enfraquecimento dos suportes sociais, até então balizadores das identidades e condutas. Tal cenário teria por corolário a fragilização do próprio indivíduo, tanto em função de encontrar-se hiper-investido e convocado, como pelo esvaziamento das estruturas de amparo e suportes sociais. Diante disto, é postulado que o cenário hoje seria um cenário eminentemente de incertezas (Bauman,1998), e que a experiência do indivíduo

contemporâneo seria perpassada, em muitas das vezes, por sentimentos de insuficiência, vazio, apatia e por certo desinvestimento da vida (Ehrenberg,1998; Lipovetsky,1983). Ou seja, acredita-se que o empobrecimento dos suportes sociais, e a crescente demanda de autenticidade e iniciativa, estariam levando à fragilização dos indivíduos, que tendem a sentirem-se inseguros, hiper-solicitados e desamparados, sendo isto correlato do crescimento de casos que envolvem a apatia, a depressividade e o esvaziamento existencial.

Por sua vez, autores da psicanálise também têm teorizado a respeito de mudanças percebidas na prática clínica, constatando um aumento em quadros que envolvem sintomas depressivos e transtornos narcísicos, assim como uma tendência ao empobrecimento dos vínculos e investimentos objetivos (Garcia,2004; Mello Filho, 2003, Maciel, 2003). De maneira geral, parece haver uma concordância de que o mal-estar hoje está mais próximo de um vazio subjetivo, de um enfraquecimento do que é da ordem do “verdadeiro self”, do que de um sujeito culpado e conflituado, como postulado por Freud em 1930. A partir de contribuições sobre a clínica contemporânea, procuraremos demonstrar que grande parte do sofrimento psíquico atual assemelha-se à descrição winnicottiana sobre a perda ou dificuldades infligidas ao viver criativo, o que corrobora com a hipótese de ser a teoria winnicottiana de criatividade privilegiada na escuta e compreensão destes casos. Maciel (2003) e Mello Filho (2003), que também acreditam e teorizam sobre a exacerbação do embotamento criativo na contemporaneidade, nos ajudarão a endossar esta tese.

Em suma, tanto cientistas sociais como psicanalistas parecem chegar a uma mesma constatação de haver hoje certa fragilização nos contornos do eu, ou melhor, de que os sujeitos tendem a sentirem-se esvaziados, apáticos e a desinvestir a vida. A teoria winnicottiana de criatividade parece privilegiada para pensar este estado de coisas, já que trata da possibilidade humana de acreditar na vida dotando-a de valor, sendo a criatividade o que fortalece no sujeito o sentimento de existir, de ser si mesmo – o que, justamente, aparece enfraquecido nos tempos atuais. Além disso, tal teoria ainda nos ajuda a articular estas duas vertentes aparentemente distintas, a social e a psíquica, ao levar em consideração a natureza do meio no processo de constituição subjetiva e a influência do fator experiencial sobre a subjetividade. Sendo assim, ao longo deste trabalho, procuraremos atestar que há uma relação entre o atual contexto sócio-cultural e o

aumento de determinadas configurações psíquicas, e enfatizar que a teoria winnicottiana sobre a criatividade, ou melhor, sobre o revés de uma experiência criativa, parece privilegiada no entendimento de grande parte da experiência subjetiva contemporânea.

No primeiro capítulo, discorreremos sobre o conceito de criatividade em Winnicott, assim como sobre os conceitos periféricos que dão suporte à sua teoria. Isto porque, para Winnicott, a criatividade é uma potência inata, que, porém, precisa de determinado amparo do meio para transformar-se em experiência, sendo que somente mediante este ambiente adequado ela pode ganhar vida. Sendo assim, o conceito winnicottiano de criatividade só pode ser compreendido se concebido como intrinsecamente ligado a outros conceitos, como os conceitos de preocupação materna primária e de mãe suficientemente boa. Neste sentido, faremos primeiramente uma exposição destes conceitos, de modo a mapear o solo necessário à experiência criativa. Em seguida passaremos especificamente ao conceito de criatividade, dando ênfase ao fato de ser a criatividade a responsável pela possibilidade de o sujeito acreditar e investir na vida, além de destacar sua importância no percurso que leva à construção do objeto objetivo e à possibilidade de o sujeito usar criativamente os objetos.

Com o segundo capítulo, sobre o fracasso ambiental e os prejuízos à criatividade, pretendemos demonstrar as conseqüências que um ambiente falho pode acarretar ao uso do potencial criativo. Para tal, começaremos tratando do que estamos entendendo por falha ambiental na teoria winnicottiana, sendo este considerado um ambiente não suficientemente bom. Como características principais deste ambiente, destacaremos a não adequação e atendimento às necessidades do bebê, a não legitimação de sua singularidade, e um ambiente por demais instável, omissivo ou invasivo. Todos estes casos de falha ambiental acarretariam prejuízos à criatividade, podendo levar ao sentimento de vazio existencial e a perdas no âmbito do viver criativo em geral.

Veremos, assim, que o reverso de uma vivência criativa, a qual fortalece o sentimento de existência e dota a vida de valor, aparece sob a forma de sentimentos como os de irrealidade, futilidade e falta de um verdadeiro interesse e investimento na vida – o que parece tão ilustrativo da experiência contemporânea. Este ponto é crucial para o presente trabalho, posto que vincula o sentimento de vazio existencial ao embotamento criativo e às falhas ambientais. Isto nos ajudará

a pensar de que modo o desamparo experienciado pelos sujeitos no cenário atual pode estar redundando na fragilização do sentimento de existência, no vazio existencial e no desengajamento na vida, ao contrário da tão necessária vivência criativa.

Por fim, o terceiro capítulo tem por objetivo mapear tanto o que nos dizem os cientistas sociais sobre o contexto sócio-cultural e seus reflexos sobre os indivíduos, como o que nos dizem alguns autores representativos da psicanálise atual, que, baseados em suas experiências clínicas, percebem mudanças nas configurações psíquicas e sintomas mais encontrados atualmente. Com tal mapeamento, procuraremos demonstrar haver uma articulação entre as inferências de ambas as vertentes teóricas, isto é, entre as apreciações dos cientistas sociais a respeito do cenário atual, e as constatações de psicanalistas sobre o aumento de determinadas patologias ou configurações psíquicas hoje. A hipótese é que o cenário contemporâneo não tem facilitado a experiência criativa, pelo contrário, estaria potencializando o sentimento de desamparo e de vazio existencial no plano subjetivo, o que ajudaria explicar as mudanças percebidas nas formas de expressão e sofrimento psíquicos da atualidade.

Partindo desta suposição, de que há hoje certo empobrecimento no âmbito do viver criativo, pretendemos ressaltar a importância da teoria winnicottiana sobre a criatividade para a clínica psicanalítica hoje, tanto por ser esta um instrumento privilegiado para a escuta destes sujeitos, como também porque nos permite pensar as influências do contexto social mais amplo para a potencialização deste cenário.

2. A criatividade e a construção do sentido de realidade

Winnicott (1975) compreende a criatividade como um processo que idealmente se inicia nos primórdios da vida e se estende (ou não) por toda existência. É um “impulso inato que se dirige à saúde” (Abram, 2000:84). Para que o impulso criativo possa ganhar vida, é necessário que o meio, no início representado pela mãe, possibilite condições adequadas. Se assim for, a criatividade permitirá ao sujeito manter uma ligação de enriquecimento com o mundo externo, ao invés de implicar em submissão e perda de espontaneidade.

A criatividade diz respeito à maneira como se percebe e experimenta o mundo, ou melhor, à possibilidade que se tem de tirar proveito das experiências, sejam elas prazerosas ou desprazerosas. Ela cria uma área de intercessão entre os mundos interno e externo, e permite que o sujeito não só possa contribuir com a realidade, como possibilita que a realidade contribua com o sujeito. Assim, ao mesmo tempo em que o sujeito vai se constituindo e se transformando nas experiências com o meio – o que remete à infinita possibilidade humana de mudança e amadurecimento – também o meio vai sendo percebido e ganhando exterioridade, sendo alterado por tais experiências.

Winnicott aproxima o viver criativo à saúde psíquica, e o relaciona a um complexo processo de maturação emocional. Para ele, self e realidade constituem-se simultaneamente no decorrer deste processo que, idealmente, encontra na criatividade um de seus fundamentos. É a criatividade que possibilita ao sujeito entrar em contato com a realidade sem sentir-se à ela subordinado ou dela dependente, ao contrário, inicialmente ela é tida pelo sujeito como uma criação sua. Paulatinamente, com a originalidade da experiência criativa, se fortalece no sujeito o sentimento de existir, de ser si mesmo, sendo a criatividade o que o faz acreditar na vida, sentir que ela vale à pena. Deste modo, a criatividade permite ao sujeito firmar sua subjetividade, construindo uma visão e forma próprias de experienciar o mundo externo e poder investi-lo.

É a adequação do ambiente às necessidades singulares do bebê o que possibilita o processo maturacional e a experiência de criatividade primária, a qual, vivida por um tempo suficiente, constitui-se como fundamento para uma vida criativa. De início, o meio deve prover ao bebê um suficiente suporte egóico

e fornecer-lhe uma apresentação paulatina da realidade, de modo que ele possa iniciar a vida de maneira criativa, isto é, sentindo-se o próprio criador do mundo, e não percebendo-se dependente de um mundo que lhe é externo e fora de controle. Sendo assim, a experiência criativa resulta de uma determinada confluência entre fatores inatos e ambientais e, portanto, ela não pode se dar sem uma suficiente participação e fomento da realidade.

O que queremos ressaltar é a efetiva importância que Winnicott confere ao meio na utilização do potencial criativo, criatividade esta intimamente relacionada ao processo de maturação emocional e às formas como cada um experimenta e percebe a realidade. Deste modo, para que se possa compreender a concepção winnicottiana de criatividade é necessário, antes, elucidar as condições ambientais que tornam a experiência criativa possível.

2.1.

O solo necessário à experiência criativa: a importância do meio para o desenvolvimento emocional primitivo

A teoria winnicottiana sobre a criatividade gira em torno dos primórdios da constituição psíquica. É a partir da relação mãe-bebê que Winnicott fundamenta sua compreensão sobre os processos de subjetivação e sobre as formas de relacionamento entre o sujeito e o mundo. Para ele, a mãe – primeira representante do meio – tem um papel fundamental neste processo de constituição, devendo, no início, ser capaz de adaptar-se ao bebê e prestar-lhe um auxílio egóico. Tal adaptação diminui à medida que o bebê desenvolve suas próprias capacidades egóicas e atinge algum grau de maturidade, passando a interagir cada vez mais com o ambiente.

De maneira geral, pode-se dizer que Winnicott (1963) compreende o desenvolvimento emocional como a passagem de um estado de dependência absoluta rumo à independência, a partir do que, gradativamente, a separação entre o eu e o não-eu se efetua, sendo que o meio tem importância vital em todo o processo. Em outras palavras, para ele, há um processo a ser percorrido pelo bebê até que ele possa reconhecer a si e ao mundo enquanto entidades separadas, ou seja, reconhecer a si como eu e ao mundo como não-eu, sendo que este processo ocorre mediante a adequação do ambiente às necessidades particulares do bebê. Assim, o bebê nasce num estado de não integração que, paulatinamente, dá lugar

à integração e à emergência de um sentimento de self, de ser subjetivo. No início, é a vivência de indistinção com a mãe o que confere ao bebê o sentimento de ser, de existir, posto que o bebê só existe através dela e em união a ela. Com isto Winnicott salienta que a relação fusional mãe-bebê precede e constitui o fundamento para o processo de integração egóica do bebê, para o processo que poderá levá-lo a sentir-se como um ser autônomo, que existe em si mesmo.

“...se vocês me mostrarem um bebê, mostrarão também, com certeza, alguém cuidando desse bebê, ou ao menos um carrinho ao qual estão grudados os olhos e ouvidos de alguém. O que vemos, então, é a dupla ‘amamentante’. (...) a unidade não é o indivíduo, a unidade é o contexto ambiente-indivíduo. O centro de gravidade do ser não surge no indivíduo. Ele se encontra na situação global. Através do cuidado suficientemente bom, através das técnicas de sustentação e do manejo geral, a casca passa a ser gradualmente conquistada, e o cerne (que até então nos dava a impressão de ser um bebê humano) pode começar a tornar-se um indivíduo.” (Winnicott,2000[1952]:165-66)

O estado de dependência absoluta refere-se a este primeiro momento do processo de constituição subjetiva de indistinção, em que o bebê encontra-se absolutamente dependente dos cuidados maternos. Neste momento, a mãe é fundamental não apenas para a conservação da vida do bebê em termos biológicos, mas como continente necessário ao processo maturacional dele. Embora o bebê seja totalmente dependente dos cuidados ambientais neste início, ele não percebe, não tem consciência desta sua dependência. Isto porque, como dito, o bebê nasce num estado de indiferenciação em relação ao meio, sendo que, se a mãe puder adaptar-se a ele e suprir suas necessidades, ele poderá construir a ilusão de que é ele quem cria o mundo, e não ver-se dependente de um mundo que lhe é externo e fora de controle. Deste modo, neste primeiro momento, o bebê vive uma experiência de onipotência e não de dependência.

Assim, a tarefa inicial do meio seria facilitar, ou mesmo ativar, o potencial de maturação que a criança carrega (1983[1963]:81). Porém, embora isto possa levar a um entendimento desenvolvimentista ou essencialista do tema em Winnicott, vale lembrar que o meio não só permite que tais processos se desenvolvam, como também, principalmente, participa ativamente deles. Ou seja, a subjetividade é resultante de uma combinação de fatores inatos e ambientais, não se podendo dizer que há maior influência de um ou de outro. Khan (2000)

salienta isto, dizendo que Winnicott “esteve entre os primeiros analistas a apontar este fato óbvio de que a mãe ama, aprecia e *cria* o seu bebê” (Khan,2000:40). Para ele, é isto o que paradoxo winnicottiano, em que é o ambiente que permite que o self do bebê se torne viável, quer dizer.

Maciel (2003) parece partilhar desta leitura, ressaltando que o que Winnicott chama de centro do self só passa a existir num processo de troca, de interação com o ambiente – mesmo que o bebê não perceba isto, ou seja, mesmo que haja uma indiferenciação entre ele e o meio de seu ponto de vista. Justamente por tratar-se de um processo de troca, este é potencialmente transformador. Neste sentido, Maciel acredita que a teoria winnicottiana sobre o processo maturacional “não filia Winnicott a uma concepção essencialista” (Maciel,2003:16). Coloca que é possível encontrar em Winnicott duas concepções acerca de sua compreensão sobre o self: numa o self se desenvolve a partir de seu centro, ou seja, há uma espécie de núcleo do self que tende a desenvolver-se, tendo o meio apenas o papel de facilitar que a criança concretize tal desenvolvimento; na outra, o self não existe desde sempre, e seria o resultado de um processo de interação com o meio. Maciel bem sintetiza e une estas duas concepções winnicottianas da seguinte forma: “o self é inicialmente um potencial (...) que só passa a existir efetivamente num processo” (Maciel,2003:116). Assim, ressalta que o self, embora potencial, só emerge a partir da relação com o ambiente e, portanto, também se transforma. De acordo com esta leitura, da qual partilhamos, o ambiente não apenas possibilita a realização de algo inato, presente no bebê em potencial, mas participa de forma concreta na experimentação deste seu potencial. Deste modo, ao falar em potencial, Winnicott não parece referir-se à algo estanque ou de essência pré-determinada, mas à algo que se modifica e se constrói na relação.

Em suma, acreditamos que a teoria winnicottiana trata, justamente, desta indissociabilidade entre o interno e o externo, deste caráter de mútua influência de um sobre o outro, sendo a partir deste intercâmbio, presente desde sempre, que o self vai se constituindo e se transformando, assim como a realidade, num processo contínuo.

Mas então, o que seria este adaptar-se da mãe ao bebê? Winnicott (1956a) postula que, no início, a mãe saudável entra num estado de preocupação e devoção ao seu bebê, de modo que pode identificar-se com ele e, assim, atender

suas necessidades da melhor forma. Neste estágio, denominado preocupação materna primária, também a mãe desenvolve grande dependência do bebê, sentindo-o como parte de si mesma. Para Winnicott, é a partir desta forte identificação inicial que a mãe consegue captar quais são as necessidades do bebê, podendo prover-lhe o necessário.

Winnicott (1956a) descreve a preocupação materna primária como um estado psicológico peculiar que ocorre especialmente ao final da gravidez e durante as primeiras semanas posteriores ao parto. Neste período a mãe adquire uma capacidade particular de se sensibilizar e de se identificar com as necessidades do bebê, propiciando-lhe um ambiente adequado para seu processo de constituição. O estado de preocupação materna primária corresponde ao estágio de dependência absoluta do início da vida do bebê, sendo o que permite a mãe dedicar-se e atender as necessidades vitais dele. Somente se houver esta necessária adaptação materna, o bebê poderá ter o sentimento de continuidade existencial. Assim, tal estado diz respeito tanto ao vínculo físico entre mãe e bebê, quanto à possibilidade materna de dispor-se como um ego auxiliar, posto a fragilidade do ego incipiente do bebê (1983[1962]:59). A preocupação materna primária se faria mais intensa imediatamente após o parto e tenderia a diminuir, pouco a pouco, com o crescimento da criança.

“A mãe que desenvolve esse estado ao qual chamei de ‘preocupação materna primária’ fornece um contexto para que a constituição da criança comece a se manifestar, para que as tendências ao desenvolvimento comecem a desdobrar-se, e para que o bebê comece a experimentar movimentos espontâneos e se torne dono das sensações correspondentes a essa etapa inicial da vida.” (Winnicott,2000[1956]:403)

Como dito, é através de uma intensa identificação com o bebê que a mãe ingressa nesse estado de devoção e preocupação, formando com ele uma unidade. Winnicott (1956a) compara este estado materno a um episódio esquizóide. Tal comparação se deve à intensidade de algumas de suas características, como a alienação e o retraimento em relação ao mundo externo. Porém é justamente este retraimento que possibilita à mãe ter disponibilidade suficiente para identificar e atender as necessidades do bebê, oferecendo-lhe o esperado suporte para o processo de integração egóica. É neste sentido que Winnicott afirma: “isso que chamam de bebê não existe” (2000[1949]:156), uma vez que neste início mãe e

bebê formam uma unidade, sendo o que lhe confere o sentimento de continuidade existencial.

Lembremos que para que o bebê possa ter o sentimento de existir enquanto entidade separada é preciso antes, justamente, que ele tenha tido o sentimento de continuidade de ser, em que existe através do ambiente e em união a ele. Em Winnicott (1967b) a continuidade precede e constitui o fundamento para a contigüidade, ou seja, para que possa haver um relacionamento entre duas pessoas separadas, é preciso a vivência e o alicerce na experiência de indistinção primária. Em outras palavras, é a relação fusional, possibilitada pela fina sintonia materna, que, paradoxalmente, permite ao bebê ingressar no processo de separação e integração egóica, em que o mundo poderá ser percebido enquanto externo. Assim, se houver o sentimento de continuidade do ser, o bebê passa a ter experiências que gradativamente são percebidas como sua, em separado do ambiente (1999[1967a]:5).

Em suma, no início não haveria, por parte do bebê, uma percepção objetiva do ambiente, tudo estaria sob seu controle onipotente, sendo concebido subjetivamente. Perceber o mundo como não-eu é uma aquisição, faz parte do processo de desenvolvimento e integração do self. É essencial para a saúde emocional que a mãe possa possibilitar ao bebê tal experiência de não integração primária e, assim, o sentimento de continuidade do ser, pois é nesta base que a criatividade pode ganhar vida. Caso contrário, se a mãe falhar em prover ao bebê os cuidados necessários, o mundo poderá ser sentido por ele como algo invasivo, ao que ele teria que reagir. As reações às invasões interrompem o sentimento de continuidade do ser e, quando freqüentes, configuram organizações defensivas precocemente e impedem a experiência criativa.

Deste modo, trata-se de não interromper a continuidade existencial do bebê com invasões, de proporcionar o holding, acolhê-lo, de modo que o bebê sinta o meio como uma verdadeira extensão sua, podendo ser espontâneo e não reativo. Com isto, queremos frisar a necessidade do suporte ambiental para o sentimento de continuar a ser, fundamental à experiência criativa.

“Para ser criativa, uma pessoa tem que existir, e ter um sentimento de existência, não na forma de uma percepção consciente, mas como posição básica a partir da qual operar” (Winnicott,1999[1970]: 23)

Assim, é o sentimento de continuar a ser, possibilitado pela adequação do meio, que abre caminho para a criatividade, ao permitir ao bebê o relaxamento e sua expressão espontânea. Neste caso o ambiente não se impõe, permitindo ao bebê descobri-lo através de sua motilidade. Daí por diante as experiências ganham um crescente colorido pessoal e paulatinamente são integradas à personalidade. Deste modo, para Winnicott, a integração surge naturalmente como um processo que, porém, deve ter como alicerce a experiência de não integração, ou melhor, de indistinção.

Dando prosseguimento ao processo maturacional necessário ao bebê, algumas semanas depois do parto, a mãe passa a emergir do estado de preocupação materna primária. Ou seja, ela começa a identificar-se menos ao bebê, a retomar em algum grau sua própria independência, instaurando a falha. Tal falha é fundamental à integração egóica do bebê, pois é a partir dela que o bebê começa a formar certa percepção da realidade externa. Ao falhar a mãe possibilita ao bebê defrontar-se com o não-eu, ou melhor, perceber que o mundo não está sob seu controle onipotente e que, portanto, há algo que lhe é externo, diferente de si: “uma vez que o exterior significa não-eu, então o interior significa eu” (Winnicott,1983[1963]:86).

Este segundo estágio Winnicott (1963) denominou de dependência relativa, e refere-se tanto à diminuição do grau de adaptação materna ao bebê, quanto à diminuição da dependência do bebê em relação à função de ego auxiliar de sua mãe. Neste momento inicia-se o processo de separação do par mãe-bebê, ou melhor, passam do estado em que formavam uma unidade, ao de existirem separadamente. É importante que, durante este período, a mãe saiba dosar a apresentação da realidade, ou seja, a frustração deve ser gradual, de acordo com a possibilidade do bebê de tolerar e elaborar a nova realidade.

Deste modo, com o passar do tempo e das experiências vividas, vai se dando a integração, isto é, a criança começa a perceber-se enquanto unidade, a criar uma identidade própria e a formar uma percepção objetiva da realidade. Porém, vale dizer, este processo de aceitação e elaboração da realidade nunca é concluído, e o mundo é constantemente significado e resignificado, num permanente intercâmbio criativo (Winnicott,1975[1971d]).

O terceiro estágio, rumo à independência, seria então a possibilidade da criança viver uma existência pessoal, de poder experimentar a vida de modo singular, ao mesmo tempo em que se enriquece com as experiências. Isto quer dizer que a criança adquire meios para lidar com suas necessidades pessoais de forma mais independente dos cuidados providos pelo ambiente. É importante frisar que Winnicott não fala em independência, mas em *rumo* à independência, o que denota que a independência nunca é de fato alcançada, pois nos constituímos e permanecemos sempre em relação com o outro e, portanto, nunca estamos livres do processo de crescimento e maturação emocional. Dito de outro modo, embora postule gradações diferentes, para Winnicott a dependência é um fator necessário à vida em sociedade, sendo que “seria nocivo para a saúde o fato de um indivíduo ficar isolado a ponto de se sentir independente e invulnerável” (1999[1967a]:3). Assim, o termo rumo à independência carrega o sentido social intrínseco, uma vez que é através da inserção social, da possibilidade de se investir em relações objetais, que os sujeitos se constituem, ao mesmo tempo em que alteram o entorno, num contínuo e primordial interjogo.

“A independência nunca é absoluta. O indivíduo normal não se torna isolado, mas se torna relacionado ao ambiente de um modo que se pode dizer serem o indivíduo e o ambiente interdependentes.” (Winnicott,1983[1963]:80)

Em suma, pode-se dizer que o mundo interno e o externo não perdem nunca esta relação de dependência e, paradoxalmente, de separação. Este é o ponto central da teoria winnicottiana, sendo aqui também que reside o cerne da problemática que envolve o conceito de criatividade. Isto porque é a criatividade que possibilita ao sujeito fazer esta interligação entre o interno e o externo, entre si e o mundo de forma construtiva para ambos.

Antes, ainda, de passarmos ao conceito de criatividade mais especificamente, é necessário expormos o conceito de mãe suficientemente boa. Isso porque, como dito, a criatividade, embora potencial, surge mediante um contexto facilitador. Assim, com os conceitos de preocupação materna primária e o de mãe suficientemente boa, pretendemos mapear o solo necessário que subjaz o processo de maturação emocional e a experiência criativa – como veremos adiante.

Winnicott define a mãe suficientemente boa como aquela capaz de atender as necessidades egóicas do bebê, o que inclui tanto sua necessidade de viver a experiência inicial de fusão – o que só é possível mediante a disponibilidade e adequação materna –, como também sua necessidade de integração e separação do self, sendo a sintonia e amparo do meio, do mesmo modo, imprescindíveis a este caminhar rumo à independência. Neste sentido, a expressão mãe suficientemente boa inclui tanto uma conciliação quase perfeita entre disponibilidade materna e necessidade do bebê – relativa ao momento de preocupação materna primária – quanto à possibilidade de introduzir, paulatinamente, a falha necessária ao processo maturacional dele.

“A mãe suficientemente boa, como afirmei, começa com uma adaptação quase completa às necessidades de seu bebê, e, na medida em que o tempo passa, adapta-se cada vez menos completamente, de modo gradativo, segundo a crescente capacidade do bebê em lidar com o fracasso dela. (...) *Se tudo corre bem*, o bebê pode, na realidade, vir a lucrar com a experiência da frustração, já que a adaptação incompleta à necessidade torna reais os objetos, o que equivale a dizer tão odiados quanto amados.” (Winnicott,1975[1971d]:25)

Assim, a mãe que, num primeiro momento, pôde adaptar-se à total dependência de seu bebê, passa a diminuir o grau de adaptação. Como dito, a falha materna interroga a onipotência infantil e abre espaço para a aceitação da realidade enquanto externa, diferenciada (1975[1971c]:149). Assim introduzida, a frustração possibilita uma nova dinâmica psíquica em que alguma diferenciação entre o eu e o não-eu começa a aparecer.

Deste modo, a mãe suficientemente boa é aquela capaz não apenas de formar, de início, uma unidade com seu bebê, mas de poder também, gradativamente, distanciar-se dele, possibilitando sua integração e o desenvolvimento de um sentimento de self, de ser singular (Abram,2000[1996]:104). Trata-se, portanto, de uma adaptação estrita às necessidades maturacionais do bebê, sendo a falha – em adequação e na medida correspondente às necessidades circunstanciais dele –, imprescindível a seu processo de integração.

“A consequência disso é que, *se tudo corre bem*, o bebê pode ser perturbado por uma adaptação estrita à necessidade que é continuada

durante muito tempo, sem que lhe seja permitida sua diminuição natural, de uma vez que a adaptação exata se assemelha à magia, e o objeto que se comporta perfeitamente não se torna melhor do que uma alucinação”. (Winnicott,1975[1971d]:25)

Neste ponto uma ressalva deve ser feita. A falha materna assim introduzida não representa a falha que interromperia a continuidade do ser do bebê – vivida por ele como intrusão. A falha citada corresponde à necessidade do bebê de diferenciar-se e de começar a ter uma existência sentida como própria, em outras palavras, certa independência. Neste sentido, a boa falha, digamos assim, é uma forma de adaptação, a adaptação à necessidade de integração do bebê. Assim, como indicado por Winnicott no fragmento acima, a mãe que não pode operar a falha também prejudica o desenvolvimento do bebê, uma vez que permanece fundida a ele, o que dificulta, ou mesmo impede, seu processo maturacional. Em suma, tanto a “ausência” de falha, como uma falha abrupta ou demasiada intensa não correspondem à falha necessária postulada por Winnicott, a qual impulsiona o sujeito para construir o sentimento de ser si mesmo, de sentir-se singular, e poder se relacionar com objetos externos.

Podemos, então, dizer que para Winnicott o meio, sendo suficientemente bom, não só possibilita a atualização do potencial inato de desenvolvimento como também, principalmente, participa ativamente do processo de constituição subjetiva, sendo imprescindível para que o impulso criativo possa ser experienciado. Vale ressaltar que este suporte, no início sustentado pela mãe, diz respeito a certas qualidades necessárias ao ambiente suficientemente bom, como a fidedignidade, o respeito e a adequação ao ritmo e à singularidade do ser, pois é a partir disto que a experiência criativa pode se dar. Ou seja, é através de um meio suficientemente bom que pode haver um intercâmbio entre o ambiente e o sujeito proveitoso tanto à própria experiência subjetiva, quanto ao ambiente, que também se enriquece com a originalidade e a saúde psíquica de seus componentes. Por conseguinte, no caso de um fracasso ambiental, não somente o indivíduo sai perdendo, como o próprio grupo social (Winnicott,1975[1968]:190).

Uma vez mapeada a configuração ideal, o solo necessário, para um bom desenvolvimento emocional e, assim, para a experiência criativa, passamos ao conceito de criatividade.

2.2. O conceito de criatividade em Winnicott

Winnicott (1970) postula a criatividade como essencial ao ser humano, como uma necessidade universal, sendo o que nos possibilita dotar a vida de valor, investi-la, sentindo que ela vale à pena. Para ele, ser criativo não diz respeito a nenhum talento específico, mas à própria condição de ser, e, conseqüentemente, ao que é gerado a partir disto. O interesse central de Winnicott sobre o tema da criatividade não reside na originalidade da experiência, mas na sensação de realidade, de existir como si mesmo, que dela provém (1990[1988]:130). Deste modo, ele diferencia a criatividade primária da criação artística, pois esta última está subordinada a um talento especial, e não ao caráter necessário e universal da criatividade humana.

Através de um meio suficientemente bom, a criatividade pode ser experienciada de modo a fazer parte do processo de separação eu-não-eu e da construção do sentido de realidade, permitindo que o sujeito experiencie este processo de forma espontânea, e não como uma afronta à qual teria que defender-se e reagir. Em outras palavras, a criatividade tem papel fundamental no processo de integração egóica e de maturação emocional, pois é ela que permite que o sujeito entre em contato com a realidade de modo que possa ser empreendida uma relação de troca e de crescimento, e não de submissão e retraimento.

Para Winnicott (1975) a criatividade funda-se na experiência de ilusão onipotente que a mãe suficientemente boa é capaz de proporcionar ao seu bebê. É através desta experiência ilusória que se poderá dar início a um vínculo criativo entre o sujeito e o mundo. Nesta primeira atividade criativa, o bebê tem a ilusão de criar o que, de fato, existe na realidade. Deste modo, o bebê experimenta a onipotência, a sensação de ter o mundo sob seu controle. A esta afirmativa segue a seguinte indagação: como ser criativo, criar algo, que é dado pela realidade externa? Ou melhor, como é possível criar algo que já existe? Com este paradoxo, apesar de postular a criatividade como uma potência inata, Winnicott chama a atenção para o fato de que é o meio que possibilita (ou não) sua fruição. Ou seja, é apenas mediante a apresentação real do objeto que o bebê poderá ter a ilusão de tê-lo criado. Neste sentido, um papel fundamental é desempenhado pelo meio, o de fomentar a experiência de ilusão.

No artigo *Objetos transicionais e fenômenos transicionais* (1971d), Winnicott discorre sobre este processo de construção criativa do sentido de realidade, em que o mundo é criado onipotentemente pelo bebê e não percebido como externo. Winnicott baseia-se na amamentação para elucidar esta inicial experiência criativa e originária da realidade. Para ele, a mãe suficientemente boa seria capaz de distinguir o momento em que o bebê necessita do seio, pondo-o a sua disposição: “a mãe coloca o seio real exatamente onde o bebê está pronto para criá-lo, e no momento exato”(1975[1971d]:26). Tal experiência possibilita ao bebê estabelecer uma primeira atividade criativa: a criação do seio. A repetição desta experiência, proporcionada pela mãe, permite ao bebê ter “a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar. Em outras palavras, ocorre uma sobreposição entre o que a mãe supre e o que a criança poderia conceber” (1975[1971d]:27). Essa experiência de “controle mágico” da realidade, advinda da confiança que se desenvolve quando a mãe pode se desempenhar bem, é chamada de onipotência. Assim, o bebê vivencia essa relação com o seio materno – quando suficiente – como uma criação sua, uma vez que não apreende o meio como externo, mas como parte de si mesmo. Neste sentido, o seio estaria submetido ao seu próprio controle, sendo concebido de forma onipotente.

“A mãe, no começo, através de uma adaptação quase completa, propicia ao bebê a oportunidade para a ilusão de que o seio faz parte do bebê, de que está, por assim dizer, sob o controle mágico do bebê. O mesmo se pode dizer em função do cuidado infantil em geral, nos momentos tranquilos entre as excitações. A onipotência é quase um fato da experiência.” (Winnicott,1975[1971d]: 26)

Em suma, a mãe suficientemente boa seria capaz de prover à criança oportunidades para a ilusão de haver criado o que, de fato, existe na realidade externa. Esta experiência é repetida inúmeras vezes, possibilitando que se desenvolva no bebê um fenômeno subjetivo, fenômeno este que pode ser representado pela expressão “seio da mãe” (1975[1971d]:26). Agora o seio faz parte do mundo interno do bebê, porém, simultaneamente, sabemos que faz parte da realidade externa. Como dito, este paradoxo faz ressaltar a importância do meio, uma vez que tal experiência pressupõe a presença e a participação reais do ambiente. O meio é, portanto, crucial para a experiência criativa.

Em *A ilusão e o uso criativo dos objetos*, Lins(1998) também destaca a importância conferida por Winnicott à mãe real na gênese do processo de construção do mundo interno do bebê. Ressalta que, para Winnicott, é necessário que a mãe apresente-se enquanto realidade, concretude, para que o bebê possa construir e manter viva sua imago em seu mundo interno. Ou seja, o que sustenta a representação mental da mãe é a experiência de seus cuidados contínuos. Se estes cuidados não forem suficientemente bons, a imago se esmaece e o bebê sofre uma ruptura em seu sentimento de continuidade existencial, o que levaria a angústias impensáveis. Neste sentido, é preciso a presença real da mãe para que se sustente, no mundo interno do bebê, sua representação interna (Winnicott,1975[1967]). Nas palavras de Winnicott: “esse objeto interno depende, quanto a suas qualidades, da existência, vitalidade e comportamento do objeto externo” (1975[1971d]:24). Assim, a mãe, enquanto objeto interno, só sobrevive mediante sua existência concreta e objetiva na experiência do bebê.

O conceito de criatividade primária relaciona-se, então, ao ingresso criativo do indivíduo na vida, à primeira abordagem criativa da realidade externa – embora esta não seja ainda assim percebida pelo sujeito. Diz respeito à origem ilusória do relacionamento entre sujeito e o mundo. Winnicott enfatiza a importância desta experiência de criatividade primária como solo que possibilita o viver criativo. É a partir desta ilusão fundamental que um primeiro vínculo criativo com a realidade pode se estabelecer, ou melhor, é esta experiência infantil de criar o mundo o alicerce para uma vida criativa (1999[1970]:24).

Copit (1996) chama a atenção para o fato de que não são os objetos que são fontes de ilusão para Winnicott, mas sim a ilusão é que é a fonte dos objetos. Isto bem resume este aspecto central da teoria winnicottiana sobre a criatividade: é a partir de uma experiência ilusória que a realidade se constitui para o sujeito, ou seja, aqui a ilusão criativa é primária, e não defensiva ou secundária a uma realidade percebida como externa ou ameaçadora.

Assim, através da criatividade primária o bebê tem a possibilidade de construir a ilusão onipotente de criar e controlar o mundo, sendo esta uma primeira forma de vínculo com a realidade. Aqui, o bebê não se vê dependente deste mundo que lhe é externo e que, por isso mesmo, foge ao seu controle, ao contrário, a ilusão criativa lhe permite sentir o mundo como uma verdadeira extensão sua, ou melhor, como fazendo parte de si mesmo. Vemos, assim, que o

momento da criatividade primária não só coincide com o momento da indiferenciação eu-não-eu, mas lhe é fundamental, já que é a ilusão que dilui as fronteiras entre os mundos interno e externo, em que sujeito e objeto se confundem. Deste modo, não se trata ainda de uma relação de objeto – tal como descrita por Freud –, mas de uma experiência subjetiva de criar e controlar o objeto. Winnicott denomina este primeiro objeto de objeto subjetivo, ou seja, uma relação que se dá com um objeto que, para o bebê, é concebido por ele e não percebido como externo. Com isto, ele sugere que a princípio não há distinção entre sujeito e objeto, mãe e bebê: neste início, o objeto é o sujeito (1975[1959-64]:113). Deste modo, o objeto subjetivo encontra-se sob o controle onipotente, uma vez que é uma criação do bebê.

Winnicott denominou de elemento feminino puro tal forma de relacionamento fusional mãe-bebê que antecede a externalidade e a possibilidade de se fazer uso do objeto enquanto diferenciado. Neste momento, para o bebê não existe nada além dele, sendo a própria experiência subjetiva que ele tem do meio o que, neste início, lhe confere o sentimento de continuidade de ser. Como dito anteriormente, este é um ponto importante de sua teoria, pois Winnicott (1959-64) estabelece que o sentimento de ser não só precede o sentimento de self, mas constitui-se como seu fundamento. Assim, para Winnicott, antes que se possa estabelecer uma diferença entre o eu e o não-eu – um sentimento de self que é próprio – é necessário o sentimento de ser, ou melhor, ser-um-com, proveniente da relação fusional de não-integração.

“O termo objeto subjetivo foi utilizado para descrever o primeiro objeto, o objeto ainda não repudiado como um fenômeno não-eu. Aqui, nesse relacionamento do elemento feminino puro com o ‘seio’, encontra-se uma aplicação prática da idéia de objeto subjetivo, e a experiência a esse respeito abre caminho para o sujeito objetivo, isto é, a idéia de um eu (self) e a sensação de real que se origina do sentimento de possuir uma identidade”. (Winnicott, 1975[1959-64]:114)

Em síntese, é a capacidade criativa que propicia ao bebê essa primeira ilusão de criar o seio. Tendo em vista que este é um momento de indistinção entre o bebê e o mundo externo, pode-se dizer que se trata de um fenômeno subjetivo, uma vez que o bebê concebe o objeto ainda de forma onipotente.

Como vimos, após ter a experiência de indistinção e ilusão primária, o bebê necessita continuar seu percurso maturacional rumo à independência e, portanto, a separação torna-se uma necessidade cada vez mais pungente. Sendo assim, paulatinamente, a mãe passa a diminuir o grau de adaptação ao bebê, introduzindo a concepção de que há uma realidade externa à ele, de que o mundo não está sob seu controle onipotente. Com isto, inicia-se um complexo processo de desilusão, em que a ilusão onipotente começa a dar lugar à aceitação da realidade enquanto externa, diferenciada.

Em suma, a partir de uma primeira experiência de onipotência o bebê tem a ilusão de “ser Deus”. Em contrapartida, a mãe passa gradativamente a desiludi-lo, ao emergir do estado de preocupação materna primária, desadaptando-se e instaurando a falha. Portanto, vale ressaltar, a falha é essencial para o desencadeamento de um desenvolvimento saudável, onde possa haver lugar para a frustração e “para o desenvolvimento da capacidade do bebê de experimentar uma relação com a realidade externa ou mesmo formar uma concepção dessa realidade” (1975[1971d]:26). Deste modo, essa gradativa experiência de desilusão implica num maior contato do bebê com a realidade, e no início de uma percepção objetiva do objeto.

“Dessa forma, em função de seu alto grau de adaptação durante esses tempos iniciais, essa mãe capacita o bebê a experimentar a onipotência: a encontrar realmente aquilo que ele cria e a criar e vincular isso com o que é real. O resultado prático disso é que cada bebê começa com uma nova criação do mundo. (...) É a partir daí que se pode ir introduzindo, gradualmente, o princípio de realidade, e a criança que conheceu a onipotência experimenta as limitações que o mundo impõe.” (Winnicott, 1999[1970]:34).

É importante aqui que uma ressalva seja feita; caso a desilusão ocorra precocemente, isto é, antes que o bebê esteja preparado para reconhecer este fato, provavelmente tal situação o conduzirá a uma experiência traumática. Em virtude disto, de modo a evitar uma primitiva experiência traumática, a mãe que é suficientemente boa deve corrigir a falha de imediato, assegurando ao bebê o sentimento de segurança e de ser amado. Caso contrário, se a falha não for reparada a tempo, então a criança poderá sofrer a experiência traumática de privação, que conduz a ansiedades impensáveis (1975[1971e]:135).

Sendo assim, de acordo com Winnicott, tanto a ilusão como a desilusão, devidamente experienciadas, são fundamentais ao processo maturacional. Através da experiência de ilusão a criança desenvolve a crença no mundo, acreditando que nele ela pode encontrar aquilo de que necessita. Já a desilusão – que ocorre de acordo com a capacidade do bebê em tolerar o fracasso da mãe –, abre espaço para as experiências de frustração, em que se começa a formar alguma percepção da realidade, sem que ela seja percebida como uma ameaça.

“Se tudo ocorre bem nesse processo gradativo de desilusão, o palco está pronto para as frustrações que reunimos sobre a palavra desmame; deve-se lembrar, porém, que quando falamos sobre os fenômenos que se reúnem em torno do desmame, estamos pressupondo o processo subjacente, o processo através do qual é propiciada a oportunidade para a ilusão e a desilusão gradativa.” (Winnicott, 1975[1971d]:29)

Nota-se que um papel fundamental é desempenhado pela mãe desde o início. A base para o desenvolvimento emocional é o sentimento de confiança que a mãe provê através de seus cuidados contínuos. Nesta base de confiança, advinda da experiência, a dependência gradativamente vai diminuindo e torna-se possível a separação do não-eu a partir do eu (1975[1971c]:151). Inicia-se assim o processo de personalização em que a criança pode apropriar-se de seu corpo e desenvolver a noção de um self próprio e de uma realidade que lhe é externa. Começa uma nova forma de relacionamento entre o bebê e o ambiente que pressupõe uma separação.

Winnicott denominou de elemento masculino puro esta relação sujeito-objeto que pressupõe uma separação, sendo relativa à tomada de consciência do objeto: “o bebê concede ao objeto a qualidade de ser não-eu, ou separado, e experimenta satisfações do id que incluem a raiva, relativa à frustração” (1975[1959-64]:115). Sendo que a satisfação dos impulsos ajuda a conduzir à separação do objeto. Deste modo, enquanto o elemento feminino situa-se na simbiose mãe-bebê e relaciona-se ao sentimento de ser, o elemento masculino diz respeito ao fazer e à objetivação do objeto.

Assim, a criatividade tem por base o elemento feminino, ou seja, o sentimento de ser, o relaxamento e a espontaneidade que daí derivam, porém, para que a criatividade seja experienciada, isto é, para que haja uma ação capaz de criar

no mundo, é necessária alguma diferenciação sujeito-objeto, típica do elemento masculino. Nas palavras de Winnicott, “o viver criativo está associado à união dos elementos masculino e feminino, à capacidade de ser e fazer, sendo necessário que surjam nessa seqüência” (Abram,2000:94). Assim entendido, o sentimento de ser antecede e possibilita a ação criativa no mundo. Deste modo, tais elementos se mesclam num percurso que culmina com a objetivação do objeto, ou melhor, com a possibilidade de se fazer um uso criativo da realidade.

Aqui Winnicott introduz o conceito de espaço potencial (ou área intermediária), situado justamente neste período de transição entre a criatividade primária e a percepção objetiva da realidade, entre o subjetivamente concebido e o objetivamente percebido. Para ele, a mãe, que de início é um objeto subjetivo, precisa passar por este processo de transição, que se dá no espaço potencial, para tornar-se um objeto externo. No espaço potencial, o objeto não é nem subjetivo, nem objetivo, este é justamente um espaço de transição entre uma e outra forma de experienciar o objeto. A característica central deste espaço é esta permeabilidade entre a realidade interna, pessoal, e a externa, compartilhada, sendo o lugar da criatividade por excelência. Ou seja, as experiências nesta área remetem, simultaneamente, à união e à separação, ao que é da ordem do subjetivo e da ordem do objetivo.

Para Winnicott, a experiência criativa só se dá dentro de um contexto que seja suficientemente bom, o qual possibilita o sentimento de existência e a confiança necessária para a expressão criativa do self. Assim, caso o bebê tenha experimentado o sentimento de confiança, passa a preencher este espaço potencial criativamente.

“Onde há confiança e fidedignidade há também um espaço potencial, espaço que pode tornar-se uma área infinita de separação, e o bebê, a criança, o adolescente e o adulto podem preenchê-la criativamente com o brincar, que, com o tempo, se transforma na fruição da herança cultural” (Winnicott,1975[1971c]:150)

Segundo Winnicott, a formação dessa área intermediária ocorre no momento em que o bebê abandona o estágio de dependência absoluta e começa a ingressar no estágio em que é relativamente dependente do ambiente – onde se dá o início da distinção entre o bebê e sua mãe. Neste estado de transição, a criança passa a fazer uso da experiência de ilusão de forma a elaborar o sentimento de

ameaça de separação da mãe, o que a auxilia no processo de construção do sentido de realidade, ou seja, ela começa a utilizar-se do que o autor chamou de fenômenos e objetos transicionais: a ilusão ganha forma e os objetos ganham a possibilidade de serem utilizados como símbolos. Assim, os objetos e fenômenos transicionais têm como principal finalidade interligar a “realidade subjetiva” e a “compartilhada”, auxiliando na passagem do que é onipotentemente concebido à percepção objetiva da realidade.

“A área intermediária a que me refiro é a área que é concedida ao bebê, entre a criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste de realidade. Os fenômenos transicionais representam os primeiros estádios do uso da ilusão, sem os quais não existe, para o ser humano, significado na idéia de uma relação com um objeto que é por outros percebido como externo a esse ser” (Winnicott,1975[1971d]: 26)

Winnicott situa, portanto, o espaço potencial no final da fase em que o sujeito está fundido ao objeto, controlando-o onipotentemente, e no início do repúdio do objeto como não-eu. O espaço potencial inaugura, digamos assim, uma nova forma de conceber o objeto, nele “[o objeto] é oriundo do exterior, segundo nosso ponto de vista, mas não o é segundo o ponto de vista do bebê. Tampouco provém de dentro; não é uma alucinação” (Winnicott,1975[1971d]:18). Há um paradoxo aqui, a medida em que o objeto passa a representar para o bebê, ao mesmo tempo, união e separação.

Assim sendo, os objetos e fenômenos transicionais ocupam essa área intermediária que compreende tanto o mundo interno pessoal do indivíduo, quanto a realidade, entendida aqui como exterioridade: “o objeto transicional jamais está sob controle mágico, como o objeto interno, nem tão pouco fora de controle, como a mãe real” (1975[1971d]:24). Diferentemente do objeto subjetivo, que é onipotentemente criado, o objeto transicional corresponde a um segundo momento da criatividade, em que o objeto é e não é uma criação do bebê. Deste modo, estabelecido o espaço potencial, a criança passa a usar criativamente também o objeto que está presente no mundo externo, no mundo compartilhado.

Baseado em Winnicott, Luz (1998) salienta que nesta área as qualidades do objeto começam a ser percebidas e levadas em conta, e que, portanto, a atividade criativa pode prescindir do inicial controle onipotente sobre o objeto

(Luz,1998:162). Dito de outro modo, o objeto ganha certa externalidade e, por isto mesmo, não está mais sob controle onipotente, como o objeto subjetivo.

Em suma, neste período de transição, começa a ser possível ao bebê fazer uso da realidade, a ter certa percepção de sua exterioridade, colorindo-a criativamente. Neste sentido, é a criatividade que possibilita uma ponte para o mundo que começa a ser objetivamente percebido; é ela que auxilia o bebê neste processo de construção do sentido de realidade e de criação de um mundo interno integrado.

Assim, a partir do espaço potencial a experiência de continuidade, onde sujeito e objeto se equivalem, dá lugar à de contiguidade, na qual o objeto não está mais sob o controle onipotente e começa a adquirir certa autonomia. Para se ser uma pessoa separada, com o sentimento de existir, tendo um dentro e um fora, é necessária a vivência de não-separação própria do espaço potencial. Vale lembrar que este paradoxo deve ser tolerado, ou seja, é justamente esta ausência de fronteiras nítidas entre o mundo interno e o externo, que permite ao sujeito entrar no princípio de realidade. Em outras palavras, são as experiências nesta área que geram a realidade, interior e exterior: é a vivência de não-separação o que conduz à separação.

Vale lembrar, entretanto, que o espaço potencial não conduz à separação, no sentido de ser o sujeito independente do objeto, mas a uma inter-relação entre o sujeito e o objeto, em que o objeto pode servir, ou melhor, ser usado criativamente pelo sujeito. Em outras palavras, o espaço potencial abre espaço ao viver criativo, permitindo que haja, simultaneamente, uma experiência de união e separação: união porque nele o objeto simboliza algo do mundo interno do sujeito, e separação porque se trata de um objeto real, e não imaginário. Como já dito, a experiência criativa de intercâmbio entre o sujeito e o mundo é extremamente necessária ao viver, faz parte da saúde.

“A confiança do bebê na fidedignidade da mãe e, portanto, na de outras pessoas e coisas, torna possível a separação do não-eu a partir do eu. Ao mesmo tempo, contudo, pode-se dizer que a separação é evitada pelo preenchimento do espaço potencial com o brincar criativo, com o uso de símbolos e com tudo o que acaba por se somar a uma vida cultural.” (Winnicott,1975[1971c]:151).

Neste sentido, o conceito de espaço potencial abrange não só o momento em que se começa um processo de distinção entre o eu e o não-eu, entre a realidade interna e a externa, mas se estende por toda a vida. No início este espaço é preenchido pelos objetos e fenômenos transicionais, que evoluem para o brincar, e do brincar para as experiências culturais (1975[1971a]:76). Esta evolução diz respeito à possibilidade do sujeito fazer um uso continuamente criativo da realidade.

No artigo *Uma teoria do brincar*, Lins (1998) ressalta este como o principal aspecto do espaço potencial, a saber, o de possibilitar a continuidade da fruição da capacidade criativa (1998:47). Demonstra que neste espaço o objeto, que fora concebido subjetivamente num primeiro momento, é repudiado, ou melhor, não é mais uma criação onipotente da criança. Assim, a criança pode prescindir do controle onipotente do objeto, pode percebê-lo como diferenciado, e, então, brincar. Neste sentido, o brincar seria, digamos assim, um segundo momento da experiência criativa, momento este em que a criatividade atinge sua plenitude, podendo prescindir da onipotência, passando a utilizar objetos do mundo, que começam a ser percebidos como não-eu.

“No início, o objeto é concebido onipotentemente e não percebido como uma realidade de fato, uma exterioridade. O brincar ainda não existe. Em seguida, o objeto é repudiado, isto é, destruído na fantasia onipotente. Se sobrevive à destruição, ele é aceito novamente e então objetivamente percebido. É então que a criança começa, de fato, a brincar. Depois, ela brinca na presença da mãe, que deve estar disponível nesse momento. Em um terceiro tempo, a criança está pronta a admitir a sobreposição de duas áreas de jogo: a brincadeira da mãe e sua própria brincadeira.” (Lins,1998:47-48).

Observe-se que Lins chama a atenção para o fato de que o brincar só é possível quando o objeto ganha externalidade, sendo a possibilidade de brincar uma aquisição necessária ao processo de desenvolvimento emocional do sujeito. Deste modo, o brincar faz parte do processo maturacional, que só ocorre mediante um necessário sentimento de confiança no meio.

Em *O brincar e a realidade* (1975) Winnicott enfatiza que a capacidade de brincar é indicativa de saúde. Para ele, o brincar permite ao sujeito entrar em contato com o princípio de realidade sem prescindir de sua espontaneidade, ao

contrário, a originalidade criativa é parte integrante do brincar. O brincar possibilita ao sujeito dotar a realidade de um colorido pessoal, o que ajuda a circunscrever os limites do eu. Através do brincar, as realidades interna e externa se sobrepõem, cria-se uma área de experiência que permite a troca e a transformação. O brincar é, assim, uma ampliação da idéia de fenômenos e objetos transicionais, e não se esgota na infância, ao contrário, abarca toda a vida e o que Winnicott denomina de experiência cultural.

Ao localizar a experiência cultural em continuidade ao brincar, Winnicott demonstra que a cultura não é algo externo que é imposto ao sujeito e que, por isso mesmo, é sentido como invasivo ou traumático. Ao contrário, para ele a cultura, no início apresentada (e representada) pela mãe deve ser o que vai de encontro às necessidades do bebê, fazendo-lhe acreditar que a vida vale à pena. Além do mais, Winnicott situa a cultura no espaço potencial, “área de experimentação, para a qual contribuem tanto a realidade interna quanto a vida externa” (1975[1971d]:15), portanto não é algo rígido, mas flexível e passível de transformação. Como diz Khan, Winnicott “aceitava a realidade como uma aliada do processo de maturação” (2000:41), e não como algo a que o sujeito teria, prioritariamente, que defender-se.

Assim, ao falar em experiência cultural, Winnicott parece enfatizar que ao mesmo tempo em que a cultura é transmitida desde fora, e, portanto, precede a existência do sujeito, ela pode ser experienciada de forma criativa, ou seja, pode ganhar um significado próprio e um colorido original. Desse modo, a cultura não é algo a que o sujeito deva se subordinar, nem tão pouco algo da ordem da onipotência própria à fantasia. Nas palavras de Winnicott: “A integração entre a originalidade e a aceitação da tradição como base para a inventividade parece-me apenas mais um exemplo, e um exemplo emocionante, da ação recíproca entre separação e união” (1975[1971e]:138). Por isso mesmo Winnicott fala em experiência cultural, e não em cultura, frisando que é através da experiência que sujeito e cultura constituem-se, mutualmente.

“Empreguei o termo ‘experiência cultural’ como uma ampliação da idéia dos fenômenos transicionais e da brincadeira, sem estar certo de poder definir a palavra ‘cultura’. A ênfase, na verdade, recai na experiência. Utilizando a palavra ‘cultura’, estou pensando na tradição herdada. Estou pensando em algo que pertence ao fundo comum da humanidade, para o

qual indivíduos e grupos podem contribuir, e do qual todos nós podemos fruir, *se tivermos um lugar para guardar o que encontramos.*” (Winnicott,1975[1971e]:137-38).

O termo experiência remete a ação, uma inscrição subjetiva que se faz no mundo e com o mundo. Desse modo, a experiência fala de uma íntima interação entre dois elementos, não sendo possível fazer uma distinção clara do que é de um ou de outro, posto que ambos se influenciam e alteram mutuamente. Por isto o espaço potencial é o espaço da experiência criativa, por ser um lugar em que o mundo interno e o externo se confundem, em que o real alicerça a criação e, paradoxalmente, a criação funda a realidade.

Com isto, podemos dizer que a base para a constituição subjetiva, a construção das realidades interna e externa, está, justamente, nesta área extremamente variável que é a área da experiência. Esta nos parece ser a questão da criatividade por excelência, ou seja, é a criatividade que possibilita ao sujeito tanto modificar-se e enriquecer-se na relação com o ambiente, como também modifica-lo, numa dialética construtiva.

2.3.

A criatividade enquanto percurso de construção do objeto

Para Winnicott, a criatividade refere-se à procura (e encontro) do objeto, à característica humana de engajar-se e tirar proveito das experiências do viver. Neste sentido, a criatividade permeia desde as relações mais primitivas entre o bebê e o mundo, em que o objeto é subjetivamente concebido, até as relações mais complexas, em que o mundo pode ser percebido e usado em sua alteridade. Vale lembrar que é a adequação do ambiente suficientemente bom que possibilita tal percurso, ao fornecer ao bebê um encontro criativo com os objetos.

“O processo maturacional impulsiona o bebê a relacionar-se com objetos; no entanto, isso só pode ocorrer efetivamente quando o mundo é apresentado ao bebê de modo satisfatório. A mãe que consegue funcionar como um agente adaptativo, apresenta o mundo de forma a que o bebê comece com um suprimento da *experiência de onipotência*, que constitui o alicerce apropriado para que ele, depois, entre em acordo com o princípio de realidade.” (Winnicott,1999[1967a]:13)

Isto também evidencia que o objeto do qual Winnicott fala não é apenas o que satisfaz pulsionalmente o bebê, mas que, antes disso, precisa estabelecer-se enquanto tal, passando de um estado de ser um fenômeno subjetivo para o bebê, à possibilidade de ser reconhecido em sua alteridade – o que o faz objeto das pulsões. Assim, mais do que servir de alvo para as gratificações pulsionais, o objeto alicerça o desenvolvimento egóico e a própria construção do mundo interno do bebê. O interesse de Winnicott reside, justamente, neste percurso que culmina na possibilidade do bebê usar os objetos de modo a poder investi-los pulsionalmente, isto é, no percurso que leva à integração do self.

Em *Os objetos e seus espaços*, Lins (1998) salienta que, na teoria winnicottiana, as diferentes formas de relação entre sujeito e objeto se dão em espaços psíquicos distintos¹. Identifica três principais formas de relacionamento sujeito-objeto, correlacionadas a três áreas de experiência.

A primeira diz respeito à relação do bebê com os objetos subjetivos, que se passa no espaço da indiferenciação. Neste caso, o objeto é fruto da criação onipotente do bebê, caso encontre no meio o suporte adequado. Este tipo de relação leva ao sentimento de continuidade de ser, que será a base para a constituição do self. Aqui não há percepção da realidade e, assim, tanto uma mãe faltosa como uma mãe excessivamente presente seriam invasivas ao bebê, levando-o à angústia de aniquilação.

O segundo diz respeito à relação com os objetos transicionais, que se dá no espaço potencial. Esta é uma zona intermediária em que é possível ao indivíduo manter, ao mesmo tempo, ligadas e separadas as realidades interna e externa. Neste, a onipotência, paulatinamente, dá lugar à criatividade através da relação com os objetos transicionais, que “asseguram a riqueza da vida imaginativa do sujeito e sua adaptação à realidade”. Ou seja, os objetos transicionais permitem ao indivíduo manter, concomitantemente, a comunicação com os objetos subjetivos e com os objetos que começam a ser percebidos como

¹ Ao falar em diferentes formas de relação e espaços psíquicos, a nosso ver, Lins ajuda a pensar que a teoria winnicottiana trata de um processo de complexificação do psiquismo, em que se somam novas maneiras e espaços de trânsito subjetivo. Vale citar Winnicott: “as pessoas não têm exatamente sua idade; em alguma medida elas têm todas as idades ou nenhuma” (Winnicott, 1999[1960c]:70-71). Neste sentido, as necessidades e formas de relação dos indivíduos variam de acordo com suas experiências e momentos de vida.

externos, sendo “definidos, ao mesmo tempo, pela subjetividade e pela objetividade.” (1998:5).

O terceiro tipo de relação seria aquela que se dá com os objetos do mundo compartilhado, que se situam no espaço da exterioridade. A mãe torna-se objeto de investimento pulsional, e já pode abrir mão de sua função inicial de ego auxiliar. Nota-se que Lins utilizou a expressão “objetos do mundo compartilhado”, e não “objetos externos”, e explica o porquê:

“ O *mundo compartilhado* é o espaço da exterioridade onde a dívida é reconhecida e o princípio de realidade se faz mais exigente. (...) Os objetos são, aí, percebidos como Não-Eu, embora essa percepção traga, em cada indivíduo, a marca da subjetividade; por isso mesmo, eles não são chamados de externos, mas de *objetos do mundo compartilhado*.” (Lins,1998:6)

Aproveitando este comentário da autora, gostaríamos de fazer uma ressalva. Quando Winnicott fala em objeto objetivamente percebido, como bem nos disse Lins, ele não está postulando um estágio em que o objeto é, digamos assim, pura percepção, ou em que é possível ao sujeito apreendê-lo em sua natureza e totalidade. Sabemos que a realidade é sempre filtrada pelo sujeito, não sendo possível chegar à realidade em si. Assim, os termos objetivo e subjetivo são utilizados levando em conta esta impossibilidade de se dissociar o sujeito do mundo, e vice-versa. Vale citar mais uma vez Lins: “o mais subjetivo dos objetos depende, quanto a sua gênese, do que está fora, mesmo se o exterior não é percebido como tal, enquanto o mais objetivo dos objetos traz a marca da subjetividade” (Lins,1998:6-7). Feita esta ressalva, voltemos à questão dos objetos.

Klautau (2002) também discorre sobre o percurso do objeto na teoria winnicottiana. Coloca que “na concepção winnicottiana os termos self e objeto possuem uma evolução simultânea” (Klautau,2002:34), ou seja, considera que, em Winnicott, o percurso que conduz da dependência absoluta rumo à independência é simultâneo ao que conduz do objeto subjetivo ao uso de um objeto. Klautau sintetiza da seguinte forma tal simetria no processo de constituição do self e do objeto: o objeto subjetivo é referente ao estado primário de indiferenciação eu-não-eu; o objeto transicional relaciona-se ao momento de emergência da subjetividade; e, por fim, a possibilidade de usar um objeto diz respeito à primeira

vivência de identidade. Deste modo, tal como Lins, Klautau demonstra que são três os momentos cruciais, assinalados por Winnicott, que compõem o percurso do objeto: o momento do objeto subjetivo, o do objeto transicional e o do uso do objeto.

Complementando as análises de Lins e Klautau, podemos dizer que este processo, que abrange do relacionamento ao uso do objeto, é propiciado pela criatividade. É ela que possibilita que a realidade seja experienciada pelo sujeito e ganhe um colorido particular, levando ao fortalecimento do self e à externalidade dos objetos. Neste sentido, tal processo se inicia com a criação do objeto subjetivo, que resulta da ilusão onipotente, passa pela relação com os objetos transicionais, em que a criatividade já pode prescindir da onipotência e ser plenamente experienciada, e culmina na possibilidade de se fazer um uso potencialmente criativo dos objetos externos, presentes no mundo compartilhado. Assim, é a criatividade que permite ao sujeito entrar em contato com a realidade, ao mesmo tempo em que firma sua singularidade. Mesmo com o passar do tempo, com a objetividade sendo conquistada, a capacidade criativa permanece e, Winnicott salienta, não há nada que não possa ser feito criativamente.

“A criatividade que estamos estudando relaciona-se com a abordagem do indivíduo à realidade externa. Supondo-se uma capacidade cerebral razoável, inteligência suficiente para capacitar o indivíduo a tornar-se uma pessoa ativa e a tomar parte na vida da comunidade, tudo o que acontece é criativo, exceto na medida em que o indivíduo é doente, ou foi prejudicado por fatores ambientais que sufocaram seus processos criativos.” (Winnicott, 1975[1959-64]:98-99)

No artigo *O uso de um objeto e relacionamento através de identificações* (1969), Winnicott analisa a forma pela qual se dá a passagem do relacionamento de objeto ao uso do objeto. Nele Winnicott explicita a diferença que faz entre estas duas formas de vínculo com o objeto: por um lado, o relacionamento de objeto diz respeito à fase mais primitiva, em que o objeto é subjetivamente percebido e está sob o controle onipotente; por outro lado, o uso do objeto refere-se à instauração do princípio de realidade, ao sentido de externalidade do objeto, quando o objeto é objetivamente percebido.

Winnicott postula a agressividade, e a resposta adequada do meio a ela, como vitais neste processo. Coloca que a passagem do relacionar-se com objetos

ao uso de objetos está subordinada, principalmente, à sobrevivência do objeto aos ataques destrutivos advindos da agressividade do bebê. Com isto ele positiviza o valor da destrutividade, contrapondo-a à destruição como reativa à instauração do princípio de realidade – como, de acordo com ele, geralmente a destrutividade é entendida. Para Winnicott, é a agressividade o que conduz à externalidade. Deste modo, para entendermos este processo que pode levar ao uso criativo dos objetos, é preciso compreender esta fundamental função da agressividade.

“Entende-se, geralmente, que o princípio de realidade envolve o indivíduo em raiva e destruição reativa, mas minha tese é a de que a destruição desempenha um papel na criação da realidade, colocando o objeto fora do eu (self).” (Winnicott,1975[1969]:127)

Para ele, no início do processo maturacional do bebê, a agressividade não é intencional, relaciona-se à motilidade. Há um percurso para que a agressividade potencial possa transformar-se em agressividade real, enquanto comportamento de propósito destrutivo, que se dá com um outro diferenciado. Neste sentido, a agressividade não é entendida como reação à frustração, como um processo defensivo, mas como fruto de um movimento espontâneo. Winnicott denomina este de estágio do pré-concernimento, ou seja, “a pessoa tem propósitos, mas não tem ainda concernimento quanto aos resultados” (2000[1950]:290). Neste momento de não integração não há intenção destrutiva, uma vez que não há sequer distinção sujeito-objeto, aqui a agressão faz parte do impulso de amor primitivo.

“Antes da integração da personalidade, já lá está a agressividade. O bebê dá pontapés dentro do útero: não se pode dizer que ele esteja abrindo o caminho para fora a pontapés. Um bebê de poucas semanas agita os braços: não se pode dizer que ele esteja querendo golpear. O bebê mastiga os mamilos com suas gengivas: não se pode dizer que ele esteja pretendendo destruir ou machucar.” (Winnicott,2000[1950]:289)

Lins (2005) chama a atenção para o fato de que, para Winnicott, a agressividade, enquanto intenção destrutiva, não é inata, já que no início não há, ainda, o reconhecimento do outro enquanto alteridade, e ressalta que a agressividade tem duas raízes: o impulso amoroso primário e a motilidade. No impulso amoroso primário o bebê vive a experiência de devoração, experiência

esta proveniente da satisfação do impulso, e não de uma intenção destrutiva em relação ao objeto. Neste caso, o amor voraz só é agressivo por acaso. A outra raiz da agressividade, a motilidade, diz respeito ao gesto espontâneo, uma das manifestações do potencial de força vital, e caracteriza-se, justamente, por ser uma ação livre de finalidade específica. Lins salienta que, de acordo com Winnicott, o bebê precisa que a mãe acolha seu potencial agressivo, isto é, que lhe permita experienciar sua motilidade e impulso amoroso primário. Isto porque, ao acolher os gestos espontâneos e o amor voraz do bebê, a mãe lhe permite manter uma boa imagem interna do objeto, proporcionando-lhe a base necessária para que ele possa atingir o estágio do concernimento, em que passa a preocupar e responsabilizar-se por seus atos (Lins,2005:54).

Entretanto, se a mãe toma os gestos espontâneos do bebê como dotados de intencionalidade agressiva e muda sua forma de lidar com ele, ela não sobrevive. Ou seja, ela impõe-se precocemente ao bebê como separada, de modo que ele tem a experiência de ter destruído a mãe na fantasia. Neste caso, a retaliação ao impulso agressivo do bebê poderá levá-lo a sofrer um embate traumático com a realidade, ou melhor, ele é precocemente desiludido, já que, ao retaliar, a mãe apresenta-se abruptamente como separada. Desta experiência traumática, surge no bebê um sentimento consciente de culpa, o que pode “levar à inibição do impulso agressivo pessoal, que faz parte da motilidade e do amor primário, ou à projeção da agressividade no mundo externo” (Lins,2005:53). Deste modo, a agressividade – que neste início é quase sinônimo de atividade – não pôde ser acolhida e transformada em atividade construtiva: “se a agressividade é perdida nesse estágio do desenvolvimento, ocorre também a perda de uma parte importante de amar, ou seja, de relacionar-se com objetos” (Winnicott,2000[1950]:291). Como dito, é a agressividade que irá conduzir o indivíduo ao devido processo de separação eu-não-eu, à externalidade do objeto, sendo para isto necessária a sobrevivência real do objeto ao não retaliar o impulso amoroso primário do bebê. Assim, a possibilidade de experienciar o impulso agressivo, e a resposta que este recebe do meio, é fundamental para o processo de subjetivação e para a possibilidade de se investir em objetos percebidos como separados, ou melhor, de se investir no mundo.

Note-se que um ambiente suficientemente bom é aquele que não retalia o impulso agressivo do bebê, mas que pode acolhê-lo, de modo que o bebê

experiencie e desenvolva tal impulso. Aqui, o acolher diz respeito à possibilidade da mãe suficientemente boa oferecer oposição aos gestos do bebê, sendo o que lhe possibilita descobrir o ambiente a partir de uma busca própria, que ganha significado com a experiência. Em outros termos, a oposição diz respeito à resistência do objeto: na medida em que o objeto resiste, ele possibilita ao sujeito descobrir o não-eu e, então, o eu.

Deste modo, através da expressão da agressividade do bebê e da possibilidade do meio servir como continente, vai se dando a integração do ego e a percepção da mãe enquanto entidade separada. Passa-se ao estágio do concernimento, em que o bebê começa a sentir-se responsável por seus atos, dotados agora de intencionalidade. Aqui entra em jogo a capacidade de sentir culpa, ou seja, do bebê sentir-se responsável pelos resultados que suas experiências instintivas podem ter causado ao objeto, que paulatinamente ganha externalidade. Porém, se a mãe tiver podido sobreviver ao amor cruel, o sentimento de culpa pode ser elaborado através da reparação, ou seja, a agressividade é transformada em construtividade. É isto o que entendemos quando Winnicott afirma que a agressividade é convertida em produção social:

“Na saúde é possível à criança dar conta da culpa, e com a ajuda de uma mãe viva e atenta (que incorpora um fator temporal) torna-se capaz de descobrir um anseio pessoal por construir e reparar. Assim, uma boa parte da agressividade transforma-se em funções sociais, e é desta forma que ela se manifesta. (...) *A atividade social não pode ser satisfatória* a não ser quando se baseia num sentimento de culpa *pessoal* a respeito da agressividade.” (Winnicott,2000[1950]:291)

Também é neste sentido que Winnicott afirma, logo no início de sua explanação, que “se a sociedade encontra-se em perigo, não é por causa da agressividade do homem, mas em consequência da repressão da agressividade pessoal nos indivíduos” (2000[1950]:288). Com isto, Winnicott afirma que a agressividade que pode ser contida, ou melhor, acolhida, de modo a se transformar em atividade construtiva, possibilita ao sujeito deparar-se com a realidade, perceber o mundo, usá-lo e, sobretudo, poder investir objetos reais (diferentes-de-mim).

No artigo *Agressão, culpa e reparação* (1960), Winnicott melhor explicita a articulação que faz entre esses três fenômenos: agressividade, culpa e reparação.

Diz que é pela possibilidade do sujeito aproximar-se do impulso destrutivo, isto é, experienciá-lo, que um sentimento de culpa poderá advir e, com isto, viabilizar alguma atividade construtiva reparatória. A culpa, assim entendida, é um sentimento potencial, não consciente, permanentemente anulado pela atividade construtiva. Winnicott enfatiza que idealmente é o sentimento de culpa, que tem por base a aceitação do impulso destrutivo, o que propicia a atividade construtiva. Ou seja, uma vez acolhida a destrutividade, o sujeito pode assumir a responsabilidade pessoal por seus impulsos, o que leva à capacidade de se preocupar e empreender um trabalho imaginativo construtivo, de reparação. Neste sentido, Winnicott (1960) aponta a agressividade como uma das raízes da atividade construtiva.

Para Winnicott, a destrutividade é inerente à relação com o objeto sentido como bom, ou seja, relaciona-se ao amor, e deve ser deste modo experimentada. A integração do ego pressupõe que a pessoa possa assumir responsabilidade por seus sentimentos e idéias, sendo a destrutividade uma base importante para a dinâmica das relações na vida. Negar os impulsos agressivos implica em imaturidade egóica e leva à significativa perda para o sujeito, uma vez que a destrutividade está intimamente relacionada à possibilidade de amar e tecer relações objetais, ou melhor, de usar os objetos.

Neste sentido, para Winnicott, um dos papéis determinantes da agressividade para o desenvolvimento emocional é o de operar a separação sujeito-objeto, o que é fundamental à experiência criativa. Em outras palavras, o impulso agressivo funciona como alicerce para a experiência criativa, uma vez que o objeto precisa ser posto fora do controle onipotente para que a criatividade se faça no mundo compartilhado, e não no espaço da indiferenciação e da pura onipotência. Desse modo, agressividade e criatividade fazem parte de um mesmo processo, onde o cerne da questão é o desenvolvimento emocional: o estabelecimento de um self autônomo e a possibilidade de usar os objetos criativamente.

Em suma, como bem ressaltou Klautau (2002), self e objeto evoluem e constituem-se simultaneamente, tendo os impulsos criativo e agressivo papéis determinantes neste processo, ao possibilitarem uma boa separação eu-não-eu, fazendo com que o objeto saia do âmbito onipotente, ganhe externalidade e possa, assim, ser criativamente usado, o que, segundo Winnicott, é sinal de saúde.

“O estudo desse problema envolve um enunciado do valor positivo da destrutividade. Esta, mais a sobrevivência do objeto à destruição, coloca este último fora da área de objetos criados pelos mecanismos psíquicos projetivos do sujeito. Dessa maneira, cria-se um mundo de realidade compartilhada que o sujeito pode usar e que pode retroalimentar a substância diferente-de-mim dentro do sujeito.” (Winnicott,1975[1969]:131)

Deste modo, para Winnicott, a criatividade possibilita um desenvolvimento emocional saudável, participando de todo o processo de maturação. Processo este que, como vimos, se inicia com o relacionamento com o objeto, enquanto objeto subjetivo, passa pelo objeto transicional, em que ao mesmo tempo o objeto é subjetivo e objetivo, chegando à possibilidade de fazer uso do objeto, objeto objetivamente percebido.

A criatividade pode, assim, ser aqui finalmente entendida como o que possibilita ao sujeito entrar em contato com a realidade, a formar uma concepção desta realidade, e a investir em objetos reais. Em outras palavras, é ela que possibilita ao sujeito ir ao encontro da vida, investir os objetos do mundo e tirar proveito das experiências, abrindo mão da onipotência primária. Porém, vale frisar uma vez mais que é exatamente esta onipotência infantil, devidamente experienciada, que alicerça o viver criativo. Ou seja, através das experiências de ilusão onipotente, possibilitadas pelo ambiente suficientemente bom, a criança desenvolve uma relação de crença no mundo, uma vez que, em tais experiências, ela pôde sentir-se controlando e obtendo do mundo aquilo de que necessitava. Portanto, é através da ilusão onipotente que se inicia um bom relacionamento com o mundo, no qual ele é sentido como um aliado, e não como uma afronta, algo ameaçador ou traumático. Assim, é a ilusão onipotente da criança o que possibilita e alicerça o viver criativo.

“A criatividade é, portanto, a manutenção de algo que pertence à experiência infantil: a capacidade de criar o mundo. Para o bebê, isso não é difícil; se a mãe for capaz de se adaptar às necessidades do bebê, ele não vai perceber o fato de que o mundo estava lá antes que ele tivesse concebido ou concebesse o mundo.” (Winnicott,1999[1970]:24).

Sendo assim, paulatinamente, a criança pode abrir mão da onipotência e começar a viver criativamente com os objetos do mundo, sendo a realidade

percebida e aceita sem perda excessiva do impulso pessoal. Caso contrário, se a criança não começa a vida sentindo-se criadora do mundo, experienciará o mundo como algo invasivo e fora de controle. Em outras palavras, aqui é o ambiente que age sobre a criança, e não a criança que encontra o ambiente e cria sobre ele.

Portanto, é justamente esta força ilusória, criativa, o que possibilita ao sujeito a acreditar na vida, a relacionar a realidade interna e a externa, de modo que possa haver uma relação de troca e de enriquecimento entre o sujeito e o mundo. Se assim for, a vida ganha sentido, e torna-se uma área infinita de experimentação, transformação e enriquecimento. Segundo Winnicott, no viver criativo “tudo aquilo que fazemos fortalece o sentimento de que estamos vivos, de que somos nós mesmos” (1999[1970]:28). Trata-se da íntima relação entre enriquecimento pessoal, subjetivo, e as experiências de vida.

Enfatizemos, ainda, que a criatividade está subordinada às condições advindas do relacionamento precoce mãe-bebê, sendo este determinante no processo, já que pode facilitar ou não a fruição da criatividade primária: possibilitando o viver criativo e o fortalecimento do self, ou dificultando a expressão espontânea do self e instaurando um sentimento de irrealidade.

“Descobrimos que os indivíduos vivem criativamente e sentem que a vida merece ser vivida ou, então, que não podem viver criativamente e têm dúvidas sobre o valor do viver. Essa variável nos seres humanos está diretamente relacionada à qualidade e à quantidade das provisões ambientais no começo ou nas fases primitivas da experiência da vida de cada bebê” (Winnicott,1975[1959-64]:102-103)

Isto nos remete ao início deste trabalho, quando dissemos que Winnicott aproxima o viver criativo da saúde psíquica. Para ele é “somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)”(1975[1971a]:80), isto é, é a criatividade que permite ao sujeito ter uma existência sentida como própria e engajar-se verdadeiramente na vida. Sem a criatividade cria-se um hiato difícil de ser transposto entre os mundos interno e externo. Esta falta de articulação levaria ou ao retraimento do sujeito em seu próprio mundo, à exacerbação da onipotência, numa tentativa (frustrada) de perpetuar a criatividade e o controle, ou ao seu aprisionamento ao mundo tangível, ao qual teria que se submeter. Em ambos os casos, o sujeito deixaria de enriquecer-se pelas experiências genuínas de troca, que somente um intercâmbio criativo pode gerar e, então, a vida perde o sentido.

Diz Winnicott: “o sintoma de uma vida não-criativa é o sentimento de que nada tem significado, o sentimento de futilidade, de que nada importa” (1999[1970]:36). Com isto queremos destacar que, para Winnicott, é somente o viver criativo que confere ao indivíduo o sentimento de que a vida é real, significativa e válida.

3. O fracasso ambiental e os prejuízos à criatividade

Winnicott desenvolve sua teoria em torno dos primórdios do processo de constituição do self, postulando a importância dos cuidados maternos para a integração do mundo interno do bebê. Neste sentido, é em torno dos êxitos ou fracassos do meio que se dá a constituição psíquica, exercendo este influência decisiva sobre a subjetividade. Em Winnicott, o ambiente é entendido como algo complementar, como o que, sendo suficientemente bom, possibilita a integração e o desenvolvimento dos potenciais inatos do bebê. Sem este ambiente que se adequa e que suporta esta sobreposição, o próprio sentimento de continuidade existencial do bebê fica comprometido, e ele pode não atingir o sentimento de ser uno, de existir singularmente.

“Existe tanta diferença entre o começo de um bebê cuja mãe pode desempenhar esta tarefa suficientemente bem e o de um bebê cuja mãe não o possa que não há validade nenhuma em se descrever bebês nos estágios iniciais a não ser relacionando-os com o funcionamento das mães. Quando a mãe não é suficientemente boa a criança não é capaz de começar a maturação do ego, ou então ao fazê-lo o desenvolvimento do ego ocorre necessariamente distorcido em aspectos vitalmente importantes.” (Winnicott,1983[1962b]:56).

Esta descrição da necessidade de interação entre o ambiente e o bebê para o desenvolvimento deste último, leva-nos a pensar que o psiquismo, no início incipiente ou rudimentar, vai se complexificando com as experiências do viver. Ou seja, através das experiências com o ambiente suficientemente bom, vai se tendo a possibilidade cada vez maior de relacionar os mundos interno e externo, de vincular as experiências numa linha de história contínua, que possibilita a emergência de uma singularidade, de um sujeito que se reconhece e se sente real. Esta complexificação, chamada por Winnicott de maturação, implica um movimento em direção à independência. Assim, se houver o suporte ambiental adequado, este processo é vivido criativamente pelo sujeito, ou melhor, a criatividade permeia este processo de separação entre o eu e o não-eu e de construção do sentido de realidade, de modo a fortalecer o sentimento existencial e a singularidade do ser.

Como vimos no primeiro capítulo, a criatividade está diretamente relacionada à provisão ambiental suficientemente boa, não sendo possível ao sujeito iniciar a vida criativamente senão neste solo adequado. É somente mediante o sentimento de existência, possibilitado no início pela mãe, que a criatividade ganha vida e pode, assim, fortalecer a singularidade do sujeito. Em outras palavras, é o sentimento de continuidade existencial que possibilita o relaxamento e a experiência de não integração primária que, por sua vez, abrem caminho para o gesto espontâneo criativo. A criatividade refere-se, deste modo, à autenticidade do ser, à possibilidade do sujeito criar uma identidade própria, tendo uma forma original e singular de existir e se relacionar com o mundo. Por outro lado, se o ambiente falha em sua função de sustentação, a criatividade não pode ser experienciada, e o processo de integração e maturação fica, assim, prejudicado ou impossibilitado. Em suma, se a mãe não é suficientemente boa, não há lugar para a criatividade, para um sujeito que se sente real e que pode usufruir verdadeiramente das experiências da vida.

Vale lembrar que quando Winnicott fala nesta necessidade da mãe ser suficientemente boa, ou seja, de adaptar-se ao bebê e atendê-lo, não é de satisfação pulsional que se trata. Seu interesse recai sobre o desenvolvimento egóico, sobre os primórdios do processo de integração e constituição do self. Deste modo, trata-se de não interromper a continuidade existencial do bebê, de proporcionar o holding, acolhê-lo, de modo que o bebê sinta o meio como uma verdadeira extensão sua, e não como algo invasivo. Como vimos, é somente nesta base, com o sentimento de continuidade existencial, que o bebê poderá alcançar o sentimento de self, de ser si mesmo. Ao contrário, se a continuidade existencial do bebê é interrompida por uma falha do ambiente em propiciá-la, ele passa, mesmo que momentaneamente, a reagir ao invés de existir. Voltaremos a este ponto, o da reação, mais adiante, por hora gostaríamos de ressaltar a importância da adequação do ambiente como base para o sentimento de continuidade existencial do bebê, posto que é a partir disto que a criatividade pode ganhar vida.

O termo falha ambiental é utilizado por Winnicott para descrever diversas situações em que o ambiente não provê ao bebê os cuidados e o continente necessário a seus processos de integração e desenvolvimento emocional. Não se trata da falha relativa ao processo de desilusão, que instaura o princípio de realidade e é necessária, como descrito no capítulo anterior. É preciso deixar claro

que uma mãe suficientemente boa não é uma mãe perfeita, mas suficiente, e, portanto, também falha. Dito de outro modo, o termo mãe suficientemente boa parece aludir justamente ao caráter em parte falho inerente a qualquer maternagem. Como vimos, determinadas falhas maternas não apenas fazem parte de uma maternagem suficientemente boa, mas são necessárias ao próprio desenvolvimento do bebê, posto que impulsionam seu processo maturacional.

“Na saúde, as perturbações ambientais até um certo grau constituem um estímulo valioso, mas para além desse grau tais perturbações são contra-producentes na medida em que dão margem a *reações*. Nesse estágio tão inicial do desenvolvimento ainda não há uma força suficiente do ego para que ocorra uma reação sem perda da identidade” (Winnicott, 2000[1949a]:263).

Trata-se, então, de falhas que podem ser desde as necessárias ao bebê, até aquelas que se tornam nocivas e acabam por prejudicar seu desenvolvimento. As primeiras são graduais e concomitantes às necessidades que surgem do processo de integração do bebê, já as mais nocivas relacionam-se a um comportamento materno mais errático e instável. Deste modo, as falhas maternas só são, de fato, prejudiciais quando excedem a capacidade do bebê de lidar com elas. Neste capítulo discorreremos justamente sobre estas falhas que, de algum modo, prejudicam o desenvolvimento emocional do bebê e, conseqüentemente, interferem no uso de seu potencial criativo. Em suma, trataremos das conseqüências à criatividade de uma maternagem não suficientemente boa, de uma maternagem deficiente.

Abram sintetiza em três diferentes categorias as mães que, de fato, malogram em prover ao bebê o ambiente adequado às suas mais primitivas necessidades, são elas: “a mãe psicótica, a mãe que não pode se entregar à preocupação materna primária e a mãe atormentadora” (Abram,2000:161). Explica que a mãe psicótica, apesar de poder suportar as demandas iniciais do bebê, não consegue separar-se dele e aceitar seu percurso singular rumo à independência. Deste modo, a integração egóica do bebê ficaria comprometida, já que é imprescindível para seu desenvolvimento a gradativa desadaptação materna. Quanto à mãe que não ingressou no estado de preocupação materna primária, lembramos que este é considerado por Winnicott um estado próprio à

maternidade, mas que nem todas as mães ingressam nele². A depressão materna, por exemplo, poderia ser um impeditivo para este ingresso, pelo fechamento narcísico que lhe é característico. Por último, a mãe atormentadora seria aquela que não provê ao bebê um ambiente constante, previsível, levando-o a compensar intelectualmente tal inconsistência. A intelectualização, neste sentido, seria uma defesa empregada na tentativa de o intelecto assumir as funções do ambiente (Abram,2000:190).

Enfim, a deficiência materna, neste estágio tão primitivo, acarreta prejuízos para o processo de desenvolvimento e integração do bebê, existindo grande diferença entre uma mãe suficientemente boa e uma que malogra em sua função. No primeiro caso, a mãe possibilita um bom encontro do bebê com a realidade, sendo o mundo sentido como um aliado, algo que lhe pode oferecer o que deseja ou necessita. Ao contrário, quando a mãe malogra nesta sua função de apresentar a realidade de forma proveitosa ao bebê, a realidade pode advir bruscamente, sendo vivenciada por ele como intrusão. As intrusões dizem respeito à prevalência do ambiente sobre o eu, ou melhor, a momentos em que o fator ambiental adquire maior importância que o indivíduo, o que, por isso mesmo, o faria reagir. Dito de outro modo, se a mãe falha em sua função de proteção, a realidade invade a vivência do bebê, sendo sentida como algo intrusivo e fora de controle. Como dito, é a adequação do ambiente suficientemente bom que assegura ao bebê o sentimento de continuidade existencial. Sendo assim, as intrusões ambientais, e conseqüentes reações, interrompem o sentimento de continuar a ser do bebê, o que tem por corolário o embotamento de sua criatividade em tais circunstâncias.

“Todos os processos de uma criatura viva constituem um *vir-a-ser*, uma espécie de plano para a existência. A mãe que é capaz de se dedicar, por um período, a essa tarefa natural, é capaz de proteger o *vir-a-ser* de seu nenê. Qualquer irritação, ou falha de adaptação, causa uma reação no lactente, e essa reação quebra esse *vir-a-ser*.” (Winnicott,1983[1963]:82)

² Winnicott salienta que o ingresso da mãe no estado de preocupação materna primária depende não apenas de sua própria saúde psíquica, mas também de condições especiais sustentadas pelo ambiente. Ou seja, o pai – mais diretamente – e o entorno social têm o papel de lidar com a realidade externa para a mãe, apoiando e assegurando seu retraimento temporário (Winnicott,1983[1960b]:135). Caso contrário, se não houverem tais condições, o ingresso da mãe no estado de preocupação materna primária será dificultado, podendo mesmo não ocorrer.

No entanto, a intrusão pode ser tanto traumática quanto reparável. Neste último caso, se a mãe puder reparar sua falha e prover ao bebê o esperado suporte egóico, ele poderá enfrentar a intrusão e, desse modo, restabelecer seu sentimento de self. Se assim for, as reações que interrompem o sentimento de continuidade existencial do bebê são anuladas pelo manejo materno reconstituente, e o bebê pode retomar tal sentimento sem prejuízos ao processo de integração. Porém, se a intrusão ocorrer num momento prematuro ou for demasiada intensa, o resultado será traumático, e o bebê estabelecerá um padrão reativo para lidar com a realidade (Abram,2000:32). Neste caso, o excesso de reações acabaria por provocar uma ameaça de aniquilação, da qual o bebê teria que defender-se.

“...se a mãe proporciona uma adaptação suficientemente boa à necessidade do bebê, a linha de vida da criança é perturbada muito pouco por reações à intrusão. (Naturalmente, são as *reações* às intrusões que contam, não as intrusões em si mesmas.) A falha materna provoca fases de reação à intrusão e as reações interrompem o ‘continuar a ser’ do bebê. O excesso de reações não provoca frustração, mas uma *ameaça de aniquilação*.” (Winnicott, 2000[1956]:403).

Deste modo, se a mãe falha em sua função de ego auxiliar, ao não dosar a apresentação da realidade ao bebê, ela não funciona como o escudo protetor necessário, que possibilita ao bebê sentir-se criando e controlando a realidade. Aqui, a realidade invade a vivência do bebê e interrompe seu fluxo de vida, instaurando uma situação traumática, já que, para Winnicott, “trauma significa quebra de continuidade na existência” (1999[1967a]:4). Nesta situação, a realidade passaria a ser experienciada, prioritariamente, como algo contra o qual o bebê teria que defender-se, ou melhor, ao que teria que reagir, estabelecendo um padrão reativo de ser.

Portanto, para Winnicott, a falha materna na fase mais primitiva, onde a dependência do bebê ao meio é absoluta, leva à angústia de aniquilação do eu do bebê, ou melhor, o bebê sente a falha como uma ameaça à sua existência pessoal, posto que não reconhece a mãe como entidade separada (2000[1956]:403). Para ele, o bebê só pode ter o sentimento de continuidade existencial a partir de uma vivência de indistinção com o meio. Ou seja, o primeiro sentimento de ser não se localiza no indivíduo, mas no conjunto ambiente-indivíduo. Assim, se a mãe falha

nesta função de continente psíquico, é a próprio sentimento de existência do bebê que entra em jogo.

Em suma, no início o bebê não tem a percepção de um exterior, não lhe é possível fazer uma separação entre si e o mundo, ele e o mundo são uma coisa só. Se o mundo for por demais ameaçador ou invasivo, isto acarretará conseqüências para o psiquismo do bebê, uma vez que ele ainda não tem um ego integrado a ponto de diferenciar-se e ser eficiente em suas defesas.

Assim, cabe à mãe suficientemente boa proteger a criança, na medida do possível, das angústias primitivas iminentes ao estado imaturo do ego, atendendo as necessidades que surgem do processo de integração. Vale lembrar que, para Winnicott, mesmo quando a mãe satisfaz, por exemplo, a pulsão oral do bebê, dando-lhe uma alimentação satisfatória, isto pode estar violando o ego incipiente do bebê, caso a situação não seja correlata às suas necessidades³. Ou seja, a satisfação pulsional não corresponde, necessariamente, a uma satisfação em termos egóicos, não é ela o que leva à integração e ao sentimento de existir tão importantes para o bebê. Por conseguinte, a não satisfação das necessidades egóicas mais primitivas levaria à ameaça de aniquilação, o que também não corresponde a uma situação de frustração pulsional.

Para elucidar esta questão, vale examinar melhor o significado que Winnicott confere ao termo aniquilação. Winnicott contrapõe a angústia de aniquilação à angústia de separação ou castração. Diz que esta última pressupõe alguma estruturação egóica, ou seja, a criança atingiu algum grau de independência e pode utilizar-se de mecanismos de defesa egóicos. Já a angústia de aniquilação é vivida nos momentos mais primitivos da constituição egóica e, portanto, é anterior a separação. Para ele, as defesas do ego ligadas à angústia de separação giram em torno da problemática pulsional, referem-se às manifestações do id. Já a angústia de aniquilamento liga-se à problemática do desenvolvimento egóico, à forte dependência inicial existente entre o indivíduo e o ambiente (1983[1960]:42-43).

³ Discorremos, no capítulo 1, sobre a importância de a mãe apresentar o objeto no momento oportuno à criação do bebê. O que importa não é a satisfação pulsional que o objeto estaria ou não gerando, mas a experiência do bebê de criar o objeto, o fortalecimento de seu sentimento de existência.

Deste modo, neste início a angústia não é de separação, posto que o bebê ainda não se diferenciou do ambiente. Para sentir-se existindo o bebê depende de um ambiente adequado, que lhe possibilite desenvolver seus potenciais e atingir a integração. Se o meio não sustenta isto, o que ocorre é que o bebê sente-se invadido por algo que nem sequer pode nomear, e passa a reagir ao invés de existir. Nas palavras de Winnicott: “A alternativa a ser é reagir, e reagir interrompe o ser e o aniquila. Ser e aniquilamento são as duas alternativas”. (1983[1960]:47) O aniquilamento refere-se, assim, a um atentado ao sentimento de existência do bebê.

Apesar de as reações serem um atentado ao sentimento de existência, é importante frisar que, na saúde, o bebê pode retomar tal sentimento e o fluxo do processo de integração. Há um limiar de tolerância do bebê às reações. Winnicott (1949a) utiliza o termo *preparo* para indicar reações não traumáticas, isto é, coloca que o bebê pode enfrentar determinados períodos de reação se estiver preparado para tal. Isto é, Winnicott considera que, inevitavelmente, o bebê enfrentará momentos de reações que interrompem seu sentimento de continuidade existencial, o importante é que ele possa retomar logo tal sentimento, e que tais períodos sejam condizentes com sua possibilidade de suportá-los. Parece vir daí a importância do limite temporal no experienciar ou não do bebê as reações como traumáticas. Assim, as reações só levam à experiência do trauma quando são demasiadas intensas ou prolongadas.

“Na saúde o bebê está preparado antes do parto para uma certa intrusão ambiental, e já teve a experiência de um retorno natural da reação a um estado em que não é preciso reagir, sendo este último o único estado em que o eu pode começar a ser.” (Winnicott,2000[1949a]:264)

Com isto, nota-se que a análise de Winnicott baseia-se em uma visão processual, em que fazem parte das experiências de vida do bebê, digamos assim, tanto momentos de maior harmonia, como momentos de maior turbulência. O importante é que o processo de desenvolvimento possa seguir, ou seja, que as interrupções sejam momentâneas e pontuais, e que o bebê possa retomar, o mais rápido, seu fluxo de vida. Exemplo disto seria a experiência do nascimento que, na saúde, causa uma fase temporária de reações, a partir da qual há logo uma retomada do sentimento de continuidade existencial do bebê. Neste sentido, uma

experiência só é traumática quando a intrusão ambiental é prolongada. Dito de outro modo, a continuidade do ser é, por vezes, interrompida. O importante é que a linha existencial seja retomada a tempo, de modo que as reações não configurem um padrão defensivo rígido, e não impeçam a constituição e a expressão verdadeira do ser.

Em suma, para Winnicott (1949a), o que é traumático neste início é a necessidade de reagir em demasia, uma vez que a reação implica em perda de identidade e em um sentimento extremado de insegurança. Este sentimento, por sua vez, viria da sensação de um adiantamento infinito, isto é, da sensação de se estar nas garras de algo imprevisível e que não se pode evitar. Sendo assim, o bebê pode enfrentar certas fases de reação a intrusão sem que isto prejudique seu processo de integração, desde que estas fases não se prolonguem por muito tempo, excedendo seu limite de tolerância.

Também no texto *A localização da experiência cultural*, Winnicott (1967b) ressalta a importância do fator temporal, dizendo que a demora da mãe em atender as necessidades do bebê é determinante no experienciar do bebê a falha ambiental como algo traumático. Winnicott coloca que o uso do objeto transicional pelo bebê indica o começo da formação de uma representação mental do objeto, sendo que para isto é necessária a presença, no espaço e no tempo, deste objeto enquanto realidade. Como se sabe, o objeto transicional auxilia o bebê em seu processo de integração egóica, ao intermediar a passagem de seu estado inicial indiferenciado à possibilidade de construir uma percepção objetiva da realidade. Porém, justamente por ser um híbrido de objetividade e subjetividade, é preciso que ele represente para a criança algo relativo não apenas a seu mundo interno, mas também a algo que esteja presente no mundo real. Deste modo, se o objeto real se ausenta por um período de tempo que excede o limite suportável pela criança, seja minutos ou dias, a imagem interna pode se apagar e, assim, também o objeto transicional perde seu valor, ou melhor, perde o sentido.

Winnicott condiciona, assim, a vivacidade da representação mental do objeto ao objeto existente. O destaque ao fator temporal vem, justamente, desta dinâmica entre a imago interna e a externalidade do objeto, uma vez que a imago não sobrevive, por muito tempo, sem a presença real do objeto. Winnicott sintetiza isto da seguinte maneira:

“O sentimento de que a mãe existe dura x minutos. Se a mãe ficar distante mais do que x minutos, então a *imago* se esmaece e, juntamente com ela, cessa a capacidade do bebê utilizar o símbolo da união. O bebê fica aflito, mas esta aflição é logo corrigida, pois a mãe retorna em $x + y$ minutos. Em $x + y$ minutos, o bebê não se alterou. Em $x + y + z$ minutos, o bebê ficou traumatizado. Em $x + y + z$ minutos, o retorno da mãe não corrige o estado alterado do bebê. O trauma implica que o bebê experimentou uma ruptura na continuidade da vida, de modo que defesas primitivas agora se organizam contra a repetição da ‘ansiedade impensável’ ou contra o retorno do agudo estado confusional próprio da desintegração da estrutura nascente do ego.” (Winnicott,1975[1967b]:135-36)

Em suma, a falha materna pode ser corrigida, porém, dentro de um limiar de tempo tolerável pelo bebê. Caso contrário, tal falha pode gerar uma experiência traumática, o que forçaria uma precoce organização defensiva contra a ansiedade suscitada, comprometendo a integração egóica e o próprio sentimento de existir do bebê. Deste modo, o fator temporal é de extrema importância para a possibilidade das falhas serem reparadas, e para que o processo de constituição do self seja efetivo.

Costa (2004) ajuda-nos a pensar a importância do ambiente para o êxito (ou fracasso) da experiência criativa. Salienta que é apenas mediante a adaptação do meio ao bebê que ele pode ser criativo, já que, vale frisar, a criatividade se dá na interação entre o interno e o externo, e, portanto, precisa do mundo para nele e com ele ser experienciada. O autor cita três casos em que o ambiente malogra nesta função adaptativa. O primeiro caso relaciona-se ao ambiente que é invasivo ou omissivo, o segundo se refere ao ambiente que retarda em apresentar o objeto, e o terceiro ao que apresenta um objeto que não se presta à função criativa. (2004:118). Os dois primeiros casos citados já foram descritos neste trabalho: o aspecto da invasão ou omissão, e a demora na apresentação do objeto, que diz respeito à importância do fator temporal na apresentação do objeto. Costa contribui, neste momento, com as considerações que faz sobre o terceiro caso, referente à natureza do objeto, para o qual chama a atenção. Diz que o objeto propício à ação criativa deve possuir duas qualidades: “deixar-se alterar, em parte, pela atividade sensorio motora ou representacional da criança”, ao mesmo tempo em que resiste, em parte, a tais esforços (2004:118). Explica que ao alterar o objeto a criança experimenta a ilusão onipotente de criá-lo à sua vontade, e ao se

deparar com a resistência do objeto ela experimenta os limites do corpo e do eu, e, por conseguinte, se desenham os contornos do mundo exterior.

“Pela ilusão da onipotência, o sujeito extroverte sua mente na realidade externa; pela solidez do objeto-obstáculo, experimenta os limites do corpo e do eu e adquire o sentido de uma realidade autônoma em relação a seus desejos e fantasias.” (Costa,2004:119)

Neste sentido, conclui que o objeto transicional precisa ser ao mesmo tempo complacente e resistente, sendo que se não tiver estas qualidades, não se presta à função transicional, à ação criativa.

Com isto, Costa evidencia que é a criatividade que permite esta relação de troca entre o objeto subjetivo e o objeto objetivamente percebido, entre a realidade interna e a externa, sendo o objeto transicional o resultado desta articulação. O autor destaca que o objeto transicional leva à ação, ao fazer, considerando esta como sua principal característica (2004:111). Enfatiza, assim, que a ação criativa implica em imprimir algo de pessoal à realidade, realidade esta que não fica nem sob o controle onipotente, como os objetos na fantasia, nem fora de controle ou inacessível, como os do mundo real.

O que nos parece mais fascinante na teoria winnicottiana da criatividade é justamente este valor que Winnicott confere à capacidade ilusória humana. A criatividade funda-se na experiência de ilusão, e a ilusão – diferentemente da alucinação – não depende apenas da realidade psíquica interna, mas de conciliar esta com um substrato de realidade presente no mundo real, o que, como Costa bem evidencia, leva em conta a natureza mesma desta realidade. Ou seja, a possibilidade de um viver criativo reside na experiência ilusória do bebê sentir-se criando a realidade, a qual, na verdade, lhe é apresentada; trata-se de uma íntima articulação entre os mundos interno e externo.

Deste modo, é através da criatividade que o bebê tem a possibilidade de lidar com o mundo não-eu de modo que ele não seja sentido como uma ameaça, mas como algo que vem ao encontro de suas necessidades. Em outras palavras, Winnicott reconhece que a instauração do princípio de realidade é uma afronta ao bebê (1999[1970]:24), porém a criatividade permite ao bebê lidar com ela de

modo que tal afronta seja atenuada⁴. Caso contrário, diz Winnicott, a criança poderia ou perpetuar a onipotência, ou tornar-se excessivamente submissa, em ambos os casos, não havendo a possibilidade de uma verdadeira troca com o mundo. Em suma, para Winnicott, é a capacidade criativa o que permite ao sujeito investir na vida, lidar com o princípio de realidade de modo saudável.

“É muito mais o caso de ‘Estenda a mão, e ele estará lá para você usá-lo, gastá-lo’, do que Peça e lhe será dado’. Isso é o começo. Pode ser perdido no processo de introdução do mundo factual ao mundo do princípio de realidade, mas, no estado de saúde, conseguimos formas de recapturar o sentimento de significado proveniente de uma vida criativa. O sintoma de uma vida não-criativa é o sentimento de que nada tem significado, o sentimento de futilidade, de que nada importa” (Winnicott, 1999[1970]:36)

No artigo sobre o papel de espelho da mãe (1967), Winnicott ressalta esta importância do ambiente em fornecer o suporte necessário ao processo de subjetivação e de construção criativa do sentido de realidade. Coloca o olhar materno no centro da construção do sentimento de self do bebê, sendo para isto necessário um olhar que legitime a singularidade do ser. Fala também sobre o contraponto deste, isto é, o olhar materno que não opera esta função especular, dificultando a integração e a expressão criativa do self. Para Winnicott, a capacidade criativa da criança depende, para ganhar vida, desta primitiva experiência de o bebê sentir-se olhado, de ver-se refletido no olhar materno. Isto auxilia o bebê a, paulatinamente, reconhecer a si mesmo e criar um olhar próprio do mundo. Vale ressaltar que o olhar materno refere-se à possibilidade da mãe reconhecer e legitimar a singularidade do bebê, ao identificar-se à ele e atender suas necessidades. Com isto a mãe permite a existência pessoal do bebê, isto é, a emergência de um ser criativo, que pode existir como si mesmo. Caso contrário, o bebê não vem a existir e, portanto, não é possível que seja criativo. Aqui a reação toma o lugar da criação.

⁴ Neste sentido, pode-se entender a criatividade como uma defesa diante do princípio de realidade e dos traumas que a vida impinge. Este aspecto da criatividade nos parece bastante interessante e, embora neste estudo estejamos pensando mais especificamente no falso self como defesa às dificuldades da vida, não ignoramos o fato de que a própria criatividade pode ser uma saída diante de certas adversidades.

Em suma, o investimento materno é fundamental para a edificação de um sentimento de existência e, digamos assim, para o engajamento na vida. É o olhar materno que possibilita que o bebê reconheça e integre suas particularidades e experiências em uma identidade sentida como própria. Portanto, para Winnicott, o olhar materno está na base do desenvolvimento da própria capacidade criativa do bebê, uma vez que para ser criativo é preciso sentir-se existindo e, mais do que isto, ter um solo de confiança e adequação que permita tal experiência. Winnicott descreve nos seguintes termos o que poderia ser a fala do bebê nestes momentos:

*“Quando olho, sou visto, logo existo.
Posso agora me permitir olhar e ver.
Olho agora criativamente e sofro a minha apercepção e também percebo.
Na verdade, protejo-me de não ver o que ali não está para ser visto (a menos que esteja cansado).” (Winnicott, 1975[1967c]:157)*

Isto, porém, faz parte de uma maternagem suficientemente boa, na qual a mãe, empaticamente, reconhece e se adequa às necessidades do bebê. Se não for este o caso, ao invés de o bebê ver-se refletido no olhar materno, vê a própria mãe. Neste sentido, uma mãe que não pôde voltar de fato seu olhar para o bebê, que, podemos dizer, de alguma forma ficou presa em seu próprio narcisismo, deixa de reconhecer e legitimar a singularidade do bebê e, por conseguinte, dificulta que ele crie seu próprio olhar para o mundo. Ao contrário, como salienta Winnicott, o bebê pode passar a reagir, a estudar defensivamente o ambiente, tentando predizê-lo. Aqui, o gesto espontâneo e a autenticidade do bebê ficariam restritos às circunstâncias que ele interpretaria como sendo menos arriscadas. Assim, a criatividade se resumiria aos momentos em que poderia existir como si mesmo, aos momentos em que não precisaria reagir.

As expressões faciais da mãe ganham, nesta sua tese, um significado importante. Para Winnicott, tais expressões deveriam refletir e contribuir para o processo de integração egóica, ajudando ao bebê na construção de sua identidade. Porém, se não há esta fina sintonia entre as expressões faciais maternas e a vivência do bebê, ao invés de refletir o bebê, tais expressões refletiriam a própria mãe, com seu estado de humor e defesas. Tal desarmonia invadiria a vivência do bebê, ameaçando seu sentimento de existência e, por conseguinte, interferindo em sua espontaneidade. Nestes casos, o bebê passaria a examinar, defensivamente, as

feições maternas, de modo a se resguardar destes momentos em que se sente ameaçado. Vale citar a comparação que Winnicott faz entre tal exame das feições maternas e a forma como todos examinamos o tempo. Diz que, assim como estudamos o tempo a fim de nos resguardarmos, também o fracasso materno levaria o bebê a fazer previsões sobre o humor materno, no sentido de tentar prevenir-se e saber os momentos em que pode usar de sua espontaneidade (1975[1967c]:155).

Em suma, a mãe, que deveria funcionar como um espelho, e que, por algum motivo, falha em sua função, dificulta, em muito, a criatividade do bebê, posto que o ser visto está na base do olhar criativo. Sendo assim, o olhar da mãe é de vital importância para que o bebê sinta-se vivo e possa construir o seu próprio olhar para o mundo.

Portanto, se o bebê não encontra no meio o suporte adequado que este período primitivo requer, ao invés de uma experiência criativa, pode se iniciar um modo submisso de lidar com a realidade externa. O gesto espontâneo que, caso devidamente assegurado pelo ambiente, possibilita ao bebê conhecer o mundo através de uma busca pessoal e criativa, é dificultado por este ambiente não acolhedor. Neste caso, ao invés da ilusão onipotente de criar o mundo, o bebê sente-se invadido por um mundo que se impõe precocemente, ao qual teria que reagir. Note-se que a reação opõe-se à criação. A criação parte de uma busca pessoal e ajuda a conferir um significado singular à existência, já a reação relaciona-se à submissão a um meio invasivo e demandante, que sufoca o processo criativo. Deste modo, a reação diz respeito a um atentado ao sentimento de ser, não é uma ação legítima, mas uma ação reativa e, portanto, alienada ao ambiente. Em outras palavras, o bebê reage por sentir-se invadido por um meio que não lhe dá espaço, que não lhe permite existir enquanto sujeito. Vale citar Winnicott:

“Neste ponto é possível dizer que o bebê perturbado por uma imposição que o faz reagir é empurrado para fora do estado de ‘ser’. Esse estado de ‘ser’ pode acontecer apenas sob certas condições. Ao reagir, o bebê não está ‘sendo’.” (Winnicott,2000[1949a]:267).

Esta oposição entre ação criativa e reação também pode ser encontrada no artigo *A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional* (1950). Nele

Winnicott descreve como um ambiente suficientemente bom possibilita ao bebê descobrir, ou melhor, ter a ilusão de criar o mundo a partir de sua motilidade, contrapondo esta experiência ideal a dois outros casos em que o ambiente impõe-se ao bebê, causando uma série de reações à intrusão. A motilidade diz respeito aos primórdios da agressividade, quando esta ainda não é intencional, seria uma ação sem propósito agressivo. Para Winnicott é este impulso agressivo, ou melhor, a motilidade, o que permite que o ambiente seja descoberto pelo bebê. Aqui, é o indivíduo que empreende o contato com o ambiente, o que resulta em uma vivência crescente de sentir-se existindo a partir de um centro.

Por outro lado, se o ambiente impõe-se precocemente ao bebê, a motilidade não é experienciada como partindo de seu núcleo, fortalecendo seu self, mas, ao contrário, passando a fazer parte da própria experiência de reação. Neste caso, o sentimento existencial do bebê ficaria restrito apenas às situações de quietude. Num caso ainda mais extremo, não haveria nem mesmo este lugar de repouso que permite a existência pessoal. Aqui, o indivíduo não construiria uma existência sentida como própria, não atingiria o estatuto de ser ele mesmo, desenvolvendo-se mais como uma extensão da casca, do ambiente, que de seu verdadeiro núcleo (Winnicott,2000[1950]:297).

“Na doença ocorre que nesse estágio tão primitivo é o ambiente que se impõe, sendo a força vital consumida em reações à intrusão – e a consequência é o contrário da sólida instauração do *Eu*. Em casos extremos acontecem muito poucas experiências a não ser através de reações, e o *Eu* não se estabelece. Em vez disso encontramos o desenvolvimento baseado na experiência de reação. O indivíduo que assim passa a existir será chamado de falso, pois a impulsividade pessoal está ausente.” (Winnicott,2000[1950]:303)

Pode-se sintetizar da seguinte maneira a relação primitiva entre o ambiente e o indivíduo: na saúde, o ambiente é descoberto, há um movimento em direção ao ambiente e este, quando oferece certa resistência, permite ser reconhecido enquanto um fenômeno não-eu, ao mesmo tempo em que ressalta a singularidade e participa da construção do sentimento de self do indivíduo. Já na doença, o ambiente se impõe e, ao invés do movimento espontâneo, tem-se as reações a tal intrusão ambiental e o retraimento do ser. Dito de outro modo, as alternativas são: criar o mundo ou ser por ele criado. Neste último caso, ao invés de uma existência

criativa, baseada em um sentimento de viver a própria vida, instaura-se um padrão falso de ser, ou seja, a existência fica alienada ao meio invasor. Ao invés de espontâneos, os gestos passariam a ser uma forma reativa de se relacionar com o mundo, no sentido de não mais serem criativos, mas de estarem subordinados ao meio invasivo.

Em suma, um ambiente falho não permite ao bebê o sentimento de existência que possibilita o gesto criativo, ao contrário, “se o cuidado materno não é suficientemente bom, então o lactente realmente não vem a existir, uma vez que não há a continuidade do ser; ao invés a personalidade começa a se construir baseada em reações a irritações do meio” (Winnicott,1983[1960a]:53). Assim, ao invés do gesto espontâneo criativo, tem-se a reação à intrusão ambiental.

Neste sentido, o que importa é a sintonia entre o bebê e o ambiente neste processo, ou melhor, se o bebê encontra um meio suficientemente bom que lhe permite ser, ou se, ao contrário, um meio invasivo e demandante ao qual precisa reagir. Note-se que o que está em jogo aqui é mais do que a construção de um sentimento de self, de existir como si mesmo, mas a possibilidade de uma vivência original e criativa, sendo o papel do meio vital neste processo. Como dissemos, é o sentimento de ser o alicerce para a experiência criativa, ou seja, a criatividade é o fazer que é gerado a partir do ser (Winnicott,1999[1970]:23). Para Winnicott, não há possibilidade de se ser criativo, a menos que tal ação advenha de um ser existente.

“Um bebê que tenha nascido quase sem cérebro pode alcançar um objeto e usá-lo, mas sem a experiência de um viver criativo. O bebê normal, da mesma forma, precisa crescer em complexidade e tornar-se um ‘existente’ estabelecido, para que possa experimentar a procura e o encontro de um objeto como um ato criativo. Então vou à máxima: Ser, antes de Fazer.” (Winnicott,1999[1970]:26)

Sendo assim, uma ação só é criativa se traz em si a marca da subjetividade. Como bem se percebe no fragmento acima, não é a ação, ou o resultado da ação, o que denota se uma atitude é criativa ou não, mas o fato de esta atitude estar ou não fundamentada no sujeito, se ela é algo espontâneo, que surge a partir de dentro, ou se algo reativo, alienada ao exterior.

Vale ressaltar o papel fundamental que o meio tem no desenvolvimento de uma ou outra possibilidade, se de reações ou de criações. Como dito, para Winnicott, é o amparo do meio que, juntamente às tendências inatas da criança, a possibilitam sentir-se existindo, ser original, criativa, ter experiências que brotam de seu ser e que corroboram para o seu enriquecimento pessoal, sendo isto o que lhe possibilita acreditar e investir a vida. Ao contrário, um meio que fracassa leva o bebê a sentir-se invadido, ameaçado em sua existência, passando então a reagir. Neste caso, o bebê não pode ser criativo, posto que ao invés de possibilitar-lhe existir, as invasões ambientais o fazem reagir. Aqui o ambiente não é sentido como algo que vem ao encontro das necessidades do bebê, como um aliado, mas como algo que demanda adaptação, ao que ele deve se subordinar.

“É através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação” (Winnicott,1975[1959-64]:95).

Assim, a incapacidade materna em interpretar as necessidades particulares da criança pode levar à formação de uma precoce organização defensiva, a uma falsa existência. Aqui, o indivíduo desenvolve-se mais como uma extensão da casca, adaptando-se aferradamente ao ambiente e retirando-se de cena, que como extensão de si mesmo, de seu núcleo, e é justo por isso que o retraimento fracassa, posto que o mundo interno e as relações objetais se empobrecem e esvaziam quando não há criatividade. O excesso de reações e de ameaças de aniquilação levaria, então, à cisão do self em duas partes: uma verdadeira e uma falsa. A verdadeira diz respeito ao núcleo autêntico do self, à originalidade e à espontaneidade, e a falsa diz respeito à adequação e à submissão. Tal cisão seria resultado de uma primitiva ação defensiva, em que o falso self assume o comando de modo a proteger e permitir a retirada do verdadeiro self de cena (Winnicott,1983[1960b]:130).

Deste modo, os conceitos de falso e verdadeiro self serão peças chaves neste trabalho, pois ajudam a elucidar este importante contraponto entre uma vivência criativa alicerçada no ser e, por outro lado, uma vivência reativa que enfraquece o sentimento de existir.

3.1. O embotamento criativo e o vazio existencial

Antes de passarmos aos conceitos de verdadeiro e falso self propriamente ditos, faz-se necessário esclarecer o que estamos entendendo por self na obra de Winnicott.

Grosso modo, podemos dizer que Winnicott (1960b,1967c) utiliza o termo self para definir a experiência individual do ser em sentir-se existindo, ou melhor, do sentimento de se ter uma existência pessoal, singular. Neste sentido, é no momento de separação entre o eu e o não-eu que um sentimento de self começa a ganhar força.

O sentimento de self é uma aquisição, faz parte do processo de desenvolvimento emocional primitivo. Para Winnicott, de início o bebê não é uma unidade, no sentido de estar integrado em seu self, mas faz parte do indissociável conjunto ambiente-indivíduo. Aqui é o dois, unidade mãe-bebê, que precede o um, o “eu sou” (Winnicott,1962b)⁵. Deste modo, o sentimento de ser, proveniente da relação fusional, precede e, principalmente, constitui a base para o sentimento de self. Dito de outro modo, o sentimento de self é, em sua origem, um potencial, que, somente alicerçado numa vivência fusional que garanta o sentimento de continuidade existencial do bebê e, portanto, partindo de uma experiência de não-integração, poderá ser alcançado pela criança.

A chave deste processo que leva do sentimento de ser ao sentimento de self parece ser a criatividade. Como vimos, a criatividade relaciona-se à expressão espontânea do ser que, encontrando o devido suporte ambiental, transforma-se em experiência criativa. Através desta experiência, o sentimento de ser se fortalece no indivíduo, e, aos poucos, as experiências são integradas em um self pessoal, que não se confunde mais com o ambiente, mas que preserva algo de autêntico, algo que é inconfundivelmente seu. Assim, para Winnicott, “é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)” (Winnicott,1975[1971b]:80). Ou seja, é através da criatividade que a singularidade do ser pode ser circunscrita sob um sentimento de self, de ser si mesmo, de sentir-se real.

⁵ Utilizamos o termo dois para enfatizar a importância do meio para a constituição subjetiva, mas não podemos perder de vista que, da ótica do bebê, ele e a mãe formam uma unidade. Sob esta ótica, não há sentido em se falar de dois.

Mas, o que então seria este self que está presente desde o início, que se inicia no começo da vida? Este seria um self nuclear, algo que já faz parte da singularidade do ser, mas que ainda não é legitimado pelo indivíduo como tal, isto é, ainda não é consciente ou sentido por ele como fazendo parte de uma personalidade. Tal consciência advém apenas como resultado dos processos de integração, personalização e da possibilidade de se avaliar o tempo e o espaço.

Note-se que há grande semelhança entre a descrição deste self inicial e a também inicial experiência de não-integração egóica. De acordo com Abram, por várias vezes Winnicott utiliza os termos self e ego aleatoriamente, não empreendendo uma distinção clara entre eles (Abram,2000:221). Porém, para Abram, existe diferença, embora Winnicott não a tenha esclarecido o suficiente, e considera importante que a tenhamos em mente. Diz que o termo self engloba os diferentes aspectos da personalidade, representa, assim, o sentimento de ser subjetivo, o que só é alcançado com a diferenciação eu-não-eu. O termo ego, por sua vez, seria utilizado para designar “um aspecto do self que possui uma função bastante particular: organizar e integrar a experiência” (Abram,2000:221). Assim, antes de pensarmos em um bebê que se sente real, pleno em sua existência, há que se pensar que é através de um processo que isto se torna possível, a saber, do processo de integração egóica.

Em sua experiência clínica, Winnicott deparou-se com pacientes que não se sentiam reais, que não atingiram (ou perderam) este sentimento de existir singularmente, de ser si mesmo. Ao contrário, eram o vazio existencial, o sentimento de irrealidade e o de uma falsa existência que estavam no centro de suas experiências. Assim, Winnicott postulou a existência do que chamou de falso self e, em seguida, daquilo que pode ser considerado como o núcleo autêntico do self: o self verdadeiro. Em ambos os aspectos o meio tem importância determinante. Se o ambiente for suficientemente bom, o indivíduo poderá ser prioritariamente verdadeiro, autêntico e criativo. Por outro lado, se o ambiente não for adaptativo, diminuem, em muito, as chances dele desenvolver seu potencial criativo, posto que, neste caso, o ambiente não permite ou responde adequadamente ao gesto espontâneo. Disto resulta que o falso self pode assumir o comando, e a submissão passar a ser a forma principal pela qual o indivíduo se relaciona com o mundo.

“O conceito de um falso self tem de ser contrabalançado por uma formulação do que poderia, com propriedade, ser denominado self verdadeiro. No estágio inicial o self verdadeiro é a posição teórica de onde vem o gesto espontâneo e a idéia pessoal. O gesto espontâneo é o verdadeiro self em ação. Somente o self verdadeiro pode ser criativo e se sentir real. Enquanto o self verdadeiro é sentido como real, a existência do falso self resulta em uma sensação de irrealidade e em um sentimento de futilidade” (Winnicott,1983[1960b]:135)

Para Winnicott, a mãe suficientemente boa reconhece e complementa a espontaneidade e a onipotência do bebê. Assim contemplados, os gestos espontâneos transformam-se em experiência criativa e fortalecem o sentimento de ser do bebê. Para Winnicott, o self verdadeiro só se torna uma realidade se houver “êxito repetido da mãe em responder ao gesto espontâneo do bebê” (Winnicott,1983[1960b]:133), ou seja, na transformação do gesto em experiência criativa. Assim, é através da experiência com a mãe que o self verdadeiro torna-se uma realidade viva, ou melhor, é somente através desta experiência que faz sentido se falar em um verdadeiro self sendo expresso.

Assim mais do que relacionar o verdadeiro self ao movimento espontâneo, Winnicott parece postular a criatividade como determinante para a possibilidade de um experienciar do self verdadeiro. Enquanto o gesto espontâneo alude a algo que possa parecer meramente individual, a criatividade remete à necessidade do apoio e da própria contribuição do ambiente para a transformação do gesto espontâneo em experiência criativa, ou seja, à importância da relação de troca para o enriquecimento do sujeito.

Em suma, para Winnicott o verdadeiro self diz respeito ao gesto espontâneo que, porém, apenas sendo legitimado e apoiado pelo meio e, portanto, transformando-se em experiência criativa, pode ganhar vida. Assim, a criatividade está diretamente relacionada à expressão autêntica do self, à possibilidade de pintar a realidade externa com um colorido interior que confere um valor singular à existência, enriquecendo o sujeito e dotando a realidade de sentido. Somente assim um sentir-se real pode emergir. Vale citar a definição que Winnicott confere ao termo “sentir-se real”: “Sentir-se real é mais do que existir; é descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se aos objetos como si mesmo e ter um eu (self) para o qual retirar-se, para relaxamento.” (Winnicott,1975[1967c]:161)

Em contraste, uma mãe que não se adapta às necessidades do bebê deixa de dar sentido ao gesto espontâneo dele. Em lugar disso, ela impõe o seu próprio gesto, de modo que criança passaria a acatá-lo e submeter-se à ele. Esta submissão seria conseqüência da falha materna, vivida pelo bebê como ameaça à sua continuidade existencial. Se as falhas forem por demais invasivas e, assim, também as reações, começa-se a se configurar no psiquismo um padrão falso de ser. Isto é, diante do acúmulo de reações às intrusões ambientais, o self verdadeiro passa a ser defensivamente ocultado, de modo a ficar resguardado do perigo iminente que o meio representa, e o falso self assume o comando adaptando-se, ou subordinando-se, às supostas exigências do meio.

“A mãe que não é suficientemente boa não é capaz de complementar a onipotência do lactente, e assim falha repetidamente em satisfazer o gesto do lactente; ao invés, ela o substitui por seu próprio gesto, que deve ser validado pela submissão do lactente. Essa submissão por parte do lactente é o estágio inicial do falso self, e resulta da inabilidade da mãe de sentir as necessidades do lactente.” (Winnicott, 1983[1960b]:133)

Assim, o falso self funciona como uma defesa que tem por função ocultar e proteger o verdadeiro, a fim de resguardá-lo (1983[1960]). Tal defesa é inerente ao próprio funcionamento psíquico, pois é o que possibilita a adequação necessária a certas condutas sociais. No âmbito mais próximo da saúde, a divisão do self se daria em virtude da conquista de uma habilidade do bebê em conciliar-se ao meio. Ou seja, de adequar-se diante de determinadas normas e exigências necessárias à vida em sociedade. Neste caso, o self verdadeiro poderia ceder diante de tais normas, abrindo espaço para o falso self na função de conciliador, situação, no entanto, facilmente reversível. No extremo oposto, haveria uma clivagem entre o verdadeiro e o falso self, em que o aspecto falso seria confundido com a pessoa inteira. Aqui o self submisso toma conta, ou seja, o falso self se implanta como real e o verdadeiro self fica sem possibilidade alguma de expressão (1983[1960b]:130-31). Deste modo, o falso self é patológico quando prejudica, ou impede, de tal modo a experiência do verdadeiro self que o deixa sem vida.

Neste sentido, existe uma certa graduação, que se estende da saúde à patologia. Nos casos mais próximos da saúde, o falso self age em defesa do verdadeiro, a quem protege sem substituir. Por outro lado, nos casos mais graves,

o falso self substitui o real e o indivíduo, provendo-o de uma sensação de vazio, futilidade e irreabilidade.

“A descrição do grau extremo de cisão leva à descrição de graus de cisão menos intensos, e também do modo como, em algum grau, isto que estamos descrevendo se acha presente em todas as crianças, por ser intrínseco à própria vida. No grau extremo de cisão, a criança não tem qualquer razão para viver. Nos níveis menos elevados existe um certo sentimento de futilidade relativo à vida falsa, e uma busca incessante daquela outra vida que seria sentida como real, mesmo que levasse à morte, por exemplo através da inanição.” (Winnicott,1990:128)

Desse modo, enquanto o verdadeiro self diz respeito à possibilidade de se dotar a vida de valor e de originalidade criativa, o falso self levaria à submissão, à uma vida sem brilho e sem sentido. Dito de outro modo, a experiência princeps de uma vivência baseada em um falso self leva a um sentimento de não existência, de vazio, de falta de sentido. Aqui, há grande dificuldade de um contato com a realidade, uma vez que o objetivo do falso self é justamente o de manter o mundo à distância. Neste sentido, “viver ou morrer” de fato não importa, pois, digamos assim, já se trata de uma vida sem vida.

Portanto, a saúde psíquica está intimamente relacionada ao viver criativo e à expressão verdadeira do self. Vale frisar que a criatividade diz respeito à maneira como o sujeito relaciona os mundos interno e externo, à possibilidade de interligar o subjetivo ao objetivo de modo que a vida faça sentido. Por outro lado, na dinâmica do falso self, a realidade não é sentida como corroborando com as necessidades pessoais, mas, ao contrário, como algo que demanda adaptação. Aqui entra em jogo o próprio sentimento de existência, de singularidade, uma vez que a submissão toma o lugar do sujeito criativo. Vale citar a forma como Winnicott (1967) define o conceito de saúde:

“A vida de um indivíduo saudável é caracterizada por medos, sentimentos conflitivos, dúvidas, frustrações, tanto quanto por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher sintam que *estão vivendo sua própria vida*, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir os aplausos pelo sucesso ou as censuras pelas falhas.” (Winnicott,1999[1967a]:10)

Em suma, para Winnicott a criatividade significa poder dotar a realidade externa de um colorido pessoal, faz parte da força vital que nos impele a viver a vida de maneira engajada, a nos apropriarmos dela. É um encontro entre o mundo subjetivo e o objetivo, onde as experiências do viver fortalecem o sentido de existência. Por outro lado, a submissão, característica de um viver não criativo, levaria ao empobrecimento do eu e seria uma base doentia para a vida. Neste caso, a vida pode perder o sentido, uma vez que o vínculo entre o mundo subjetivo e o objetivo se torna tênue, podendo passar, este último, a ser tido apenas como algo ameaçador.

Assim, enquanto a criatividade é o que confere significado à vida e a faz valer a pena, o embotamento da criatividade resultaria num sentimento de irrealidade e desengajamento da vida. Note-se que há um contraste em jogo aqui: de um lado tem-se a criatividade, a atividade imaginativa, o trabalho construtivo, de outro, a submissão e o empobrecimento da realidade interna. Ou seja, enquanto a criatividade diz respeito à autenticidade do ser, e à possibilidade de dotar as experiências de vida de um significado próprio, a submissão relaciona-se à sensação de dependência perante uma realidade demandante, a uma existência falsa por ser reativa, e não autêntica. Em suma, o falso self carece justamente daquilo que dota a vida de valor, a saber, a originalidade criativa.

“A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à idéia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida. Muitos indivíduos experimentaram suficientemente o viver criativo para reconhecer, de maneira tantalizante, a forma não criativa pela qual estão vivendo, como se estivessem presos a criatividade de outrem, ou de uma máquina” (Winnicott, 1975[1959-64]:95)

Quando Winnicott fala em um indivíduo que vive a vida como uma máquina, está se referindo à impossibilidade deste em aperceber criativamente o ambiente, a uma certa dificuldade em lidar com o mundo como um aliado, vendo-o, ao contrário, como algo ameaçador e que requer adaptação. Como vimos, a saúde psíquica relaciona-se à possibilidade criativa de intercambiar o interno e o externo, isto é, relaciona-se a um meio termo da vida: nem tão subjetiva, nem tão objetiva. Tanto o sujeito que vive preso às fantasias, e acaba por romper o contato com a realidade objetiva, vive um estado patológico, quanto àquele que se ancora aferradamente à objetividade, o que, por isso mesmo, faz enfraquecer o

importante contato com seu mundo subjetivo e com a abordagem criativa dos fatos (1975[1959-64]:97).

É interessante como Winnicott utiliza sua teoria da criatividade para pensar o questionamento filosófico a respeito do que é a realidade. Ao falar sobre *A filosofia do “Real”* (1988c), resume as opiniões dos filósofos a respeito desta problemática em duas vertentes: uma delas entende que a realidade depende do observador para ganhar existência, para a outra a realidade existe, ali está, independente do olhar do observador. Winnicott observa que esta problemática faz parte dos primórdios da constituição humana, mas, para ele, ela não se torna um problema de fato para o sujeito que pôde experienciar a ilusão criativa, uma vez que a criatividade dilui as fronteiras entre o que é da ordem do subjetivo e do objetivo. Assim, podemos dizer, Winnicott cria uma terceira solução para tal problema filosófico, que diz respeito justamente à capacidade criativa humana.

Deste modo, o que a criatividade possibilita é uma ilusão de contato, de uma inter-relação entre o mundo interno e o externo. Porém, se isto não ocorre na experiência do bebê, evidencia-se uma ruptura, e a falta de sentido parece ser inevitável. Nestes casos em que o meio falha em suportar esta sobreposição, ou melhor, em dar oportunidade aos processos criativos, aí então torna-se um problema para o sujeito discernir o interno e o externo. Quando o bebê se vê diante da impossibilidade de contatar a realidade, surge nele grande temor em perder a capacidade de se relacionar, pois se cria uma aterrorizante ameaça de abismo entre o que é da ordem do subjetivo e do objetivo. Em casos ainda mais extremos de fracasso ambiental, o bebê pode perder a capacidade ilusória, ou então esta fica tão comprometida “que facilmente se quebra num momento de frustração”, podendo, assim, levar ao desenvolvimento de uma doença esquizóide (1990[1988c]:135).

Com isto, podemos dizer que a criatividade possibilita a importante inter-relação entre o sujeito e o mundo – um mundo que, embora reconhecido objetivamente, ganha um colorido singular com as experiências de cada um. Sem a ilusão criativa a vida carece de sentido, e torna-se difícil suportar a realidade. A ilusão criativa é o que dá certa credibilidade e sentido às coisas da vida, dito de outro modo, o investimento na vida parece depender desta força ilusória. Vale lembrar, porém, que para Winnicott (1959-64), mesmo nas situações mais adversas, não existe a possibilidade de uma destruição completa da capacidade

criativa, embora, em tais casos, a criatividade deixe de ser enriquecida pelas experiências do viver, pelas trocas com o mundo.

“Como já indiquei, é necessário considerar a impossibilidade de uma destruição completa da capacidade de um indivíduo humano para o viver criativo, pois, mesmo que no caso mais extremo de submissão e no estabelecimento de uma falsa personalidade, oculta em alguma parte, existe uma vida secreta satisfatória, pela sua qualidade criativa ou original a esse ser humano. Por outro lado, permanece a insatisfação em virtude daquilo que está oculto, carente por isso mesmo do enriquecimento propiciado pela experiência do viver.” (Winnicott,1975[1959-64]:99)

Assim, conclui-se que a criatividade é relativa à experiência da realidade, que reporta-se ao relacionamento precoce mãe bebê, tal como fora vivido. Este por sua vez, poderá ter facilitado ou não a fruição da criatividade primária. No primeiro caso, fortalecendo o self e possibilitando o viver criativo; no segundo, dificultando a expressão espontânea do verdadeiro self e instaurando um sentimento de futilidade e irrealidade.

Vale ainda dizer que, embora o interesse de Winnicott recaia sobre os momentos de emergência do potencial criativo, considerando que o viver criativo se funda nos primórdios da constituição psíquica, ele não descarta a importância de um suporte contínuo do meio à experiência criativa. Assim, um ambiente por demais invasivo, inconstante, imprevisível, não acolhedor, ameaçador ou demandante tende a sufocar o viver criativo, mesmo que num momento posterior. O falso self, então, assumiria defensivamente o comando, interferindo no sentimento de que a vida é significativa e válida. Em outras palavras, ainda que se tenha um ingresso criativo na vida, a criatividade precisa continuar encontrando condições ambientais que a possibilite, pois, caso contrário, poderá ocorrer um embotamento criativo.

“Mas se tomamos conhecimento de indivíduos dominados no lar, prisioneiros, ou mortos em campo de concentração, ou vítimas da perseguição de um regime político cruel, supomos, antes de mais nada, que somente algumas dessas vítimas permaneceram criativas. Estas, naturalmente, são aquelas que sofrem. Parece, a princípio, que todos os outros que existem (não vivem) nessas comunidades patológicas abandonaram a esperança, deixaram de sofrer e perderam a característica que os torna humanos, de modo a não mais perceberem o mundo de maneira criativa.” (Winnicott,1975[1959-64]:99)

Neste sentido, por mais que o sujeito tenha começado a vida criativamente, tal como postulado por Winnicott, ele pode defrontar-se com situações que estão além de sua capacidade de suportar, e perder, mesmo que momentaneamente, a possibilidade de ser criativo. Com isto queremos dizer que, embora a teoria winnicottiana seja fundamentada na mais precoce relação entre o sujeito e o meio, postulando a importância do meio para o processo de desenvolvimento emocional, acreditamos que as aquisições maturacionais de que Winnicott nos fala não são estanques, mas se preservam como potencialidades. Se assim for, haverá sempre uma relação de interdependência e mútua influência entre o sujeito e o meio, de modo que as experiências, durante toda a trajetória de vida, interferem na própria dinâmica psíquica e nas formas como se darão as relações do sujeito com o mundo.

“Foi realizada uma tentativa de descrever o fator ambiental relativo aos vários estágios do desenvolvimento emocional. No entanto, para uma compreensão mais completa da questão, é preciso lembrar que os *estágios iniciais jamais serão verdadeiramente abandonados*, de modo que ao estudarmos um indivíduo de qualquer idade, podemos encontrar todos os tipos de necessidades ambientais, das mais primitivas às mais tardias.” (Winnicott,1990:173)

Deste modo, a importância de um meio suficientemente bom não parece relacionar-se apenas ao manejo materno – embora este tenha o papel fundamental –, sendo o suporte ambiental, em algum grau, sempre necessário. Sendo assim, parece-nos coerente pensar a importância do meio não apenas nas fases mais precoces da constituição psíquica, mas também influenciando toda a existência e as formas do indivíduo se relacionar e estar no mundo.

4. O cenário contemporâneo e a clínica psicanalítica: uma possível articulação à luz do conceito winnicottiano de criatividade

O presente capítulo tem por objetivo traçar um breve panorama do cenário atual, tanto no que diz respeito à clínica psicanalítica contemporânea, quanto ao próprio cenário sócio-cultural vigente. Isto porque parece-nos haver uma estreita relação entre o que nos dizem os pensadores das ciências sociais sobre a contemporaneidade e o que nos falam teóricos da psicanálise atual sobre as configurações psíquicas e sintomas mais encontrados na clínica atualmente. O conceito winnicottiano de criatividade nos ajudará a compreender a relação de interdependência que estas duas realidades, a social e a psíquica, mantêm entre si.

Uma das hipóteses mais correntes entre os cientistas sociais é a de que a sociedade contemporânea passa por um momento de fragilização dos referenciais que até então davam suporte aos indivíduos, em paralelo a um processo de hiper-solicitação deles (Lipovetsky,1983; Ehrenberg,1998; Bauman,1998). Este estado de coisas estaria levando, sobretudo, a sentimentos de desamparo, cansaço, vazio e insuficiência, em grande parte dos indivíduos (Ehrenberg,1998; Lipovetsky,1983). No que tange à clínica psicanalítica, muitos autores também apontam para o atual crescimento de quadros que envolvem a perda da criatividade e a utilização de defesas primitivas (Roudinesco,1999; Garcia, 2005; Maciel,2003). Nossa suposição é a de que há uma relação entre estas duas constatações, uma vez que acreditamos que o sujeito da psicanálise constitui-se na relação com o contexto em que está inserido. Dito de outra forma, estamos supondo haver uma relação entre as mudanças ocorridas no plano social e o aumento de determinadas configurações psíquicas nos dias de hoje. A aposta aqui é que as transformações pelas quais passam a sociedade não são sem conseqüências para o sujeito, ao contrário, ao mesmo tempo em que ele as influencia, também é por elas influenciado, num interjogo permanente.

4.1. A indiferença e o vazio contemporâneo

Para que possamos, minimamente, mapear o cenário atual, faz-se necessário uma breve passagem por autores das ciências sociais. O sociólogo

Ehrenberg (1998) e o filósofo Lipovetsky (1983) nos auxiliarão neste início. Apesar de partirem de pontos diferentes em suas análises, pareceu-nos haver um consenso no que entendem por contemporaneidade. A grosso modo, para eles, esta se caracteriza, fundamentalmente, por um hiper-investimento na esfera individual, em paralelo a um crescente desinvestimento no público. Os autores ressaltam as implicações disto para os indivíduos; Ehrenberg (1998) fala do sentimento de insuficiência e da “fadiga de ser si mesmo”, Lipovetsky (1983) parece ir na mesma direção, apontando o vazio e a apatia como característicos da experiência contemporânea, além de constatar a existência de indivíduos cada vez mais vulneráveis as injunções da vida.

Em *La Fatigue d'être-so. Depression et société*, Ehrenberg (1998) chama a atenção para as mudanças normativas pelas quais vêm passando a sociedade Ocidental, principalmente a partir da década de 60, que dizem respeito ao ideal de liberdade. Segundo ele, o modelo disciplinar de gestão das condutas, característico da modernidade, cedeu às normas que incitam à iniciativa individual. Cada vez mais tem-se uma valorização do indivíduo por si mesmo e um distanciamento das referências sociais clássicas, até então balizadoras das condutas e identidades. Ou seja, passou-se de um paradigma de obediência e disciplina para o de ideal de liberdade individual. Vale ressaltar que se trata de uma mudança de paradigma, e não de uma ausência de normas sociais, pois, embora a liberdade seja a principal diretriz do momento, continua sendo uma forma de injunção social. Este raciocínio é evidenciado pelo autor quando fala, por exemplo, que não é de uma ausência de pontos de referência que se trata, mas, ao contrário, tratam-se de transformações, em que estes se tornam mais plurais e, agora, submetidos ao julgamento e escolha de cada indivíduo, ao invés de serem unívocos e universais (Ehrenberg,1998:5).

Ehrenberg partiu de um estudo sobre a depressão para inferir sobre tais transformações, e sobre as implicações destas para os indivíduos. A escolha da depressão como base de sua análise deveu-se à constatação de um significativo aumento deste quadro nos últimos anos, o que o faz considerá-la, deste modo, como representativa do mal-estar contemporâneo. Então, diante de tal constatação, e levando em conta que se trata de um fenômeno historicamente datado, Ehrenberg se pergunta por que a depressão se transformou no principal

sintoma da atualidade, e de que modo as mudanças normativas poderiam estar corroborando para a instauração deste cenário.

Ehrenberg percebe que a depressão ganha força – enquanto patologia endêmica – no momento em que o modelo disciplinar de gestão das condutas é suplantado por esta nova normatividade, que incita à iniciativa e à liberdade individual. O autor apresenta uma visão crítica de tal quadro, postulando tratar-se de um processo de responsabilização dos indivíduos, uma vez que os ideais de iniciativa e liberdade passam a mensagem de que tudo é possível, e, portanto, que o sucesso em se conseguir o que se almeja depende apenas das próprias iniciativas e competências do indivíduo. Neste sentido, o indivíduo encontra-se hoje submerso em um excesso de estimulação e exigências de eficiência, que muitas vezes não consegue dar conta, e responsabiliza-se por isto. A depressão seria uma forma privilegiada de expressão desta dificuldade, posto que nela a problemática gira em torno de sentimentos como os de insuficiência, fracasso e baixa auto-estima.

Com isto, Ehrenberg supõe que, enquanto na Modernidade as diretrizes impostas pelo modelo disciplinar levavam ao conflito entre o permitido e o proibido, sendo a culpa indicativa de transgressão da lei, o atual processo de responsabilização do indivíduo levaria à polaridade possível/impossível, sendo o sentimento de insuficiência característico deste novo modelo. O drama da insuficiência, tão presente nos quadros depressivos, denuncia um sentimento de fracasso, já que se tudo é possível, é do indivíduo a responsabilidade por não ter alcançado algo, uma vez que, supostamente, o sucesso dependia exclusivamente dele mesmo. Porém, vale dizer, o sentimento de insuficiência parece não restringir-se apenas àquelas situações em que o próprio indivíduo se vê como fracassado, mas está sempre nos rondando. Ou seja, se tudo é possível, então não há limites: entra-se em um jogo em que nada satisfaz, pois tudo pode ser (e deve ser) aperfeiçoado e ultrapassado. Passou-se do paradigma da culpabilidade para o da insuficiência.

“... a depressão nos ensina sobre nossa experiência atual da pessoa, pois representa a patologia de uma sociedade em que a norma não está mais fundamentada sobre a culpabilidade e a disciplina, porém sobre a responsabilidade e a iniciativa. (...) O indivíduo é confrontado a uma patologia da insuficiência mais do que a uma doença da ausência, ao

universo do disfuncionamento mais do que ao da lei: o deprimido é um homem em pane.” (Ehrenberg, 1998a:6)

É justamente este ponto que gostaríamos de ressaltar. Ehrenberg demonstra que a exacerbação do individualismo, calcado nos ideais de liberdade, autonomia e iniciativa, e o esvaziamento dos referenciais até então balizadores das identidades e condutas, levam, muitas vezes, a sentimentos de impotência, vazio e de falta de sentido diante da vida. Neste sentido a depressão seria uma manifestação, no nível individual, daquilo que é socialmente condenado: ser insuficiente. Marcado pelo desânimo e pelo sentimento de incapacidade, o deprimido exprime a tirania de ideais que pregam o tudo é possível, assim como a fragilização dos suportes sociais.

Por sua vez, Lipovetsky (1983), em seu livro *A era do vazio*, postula que instalou-se uma lógica nova, surgida com o desenvolvimento das sociedades democráticas, que remodela e norteia o conjunto dos setores da vida social: o processo de personalização. O processo de personalização seria uma nova forma de controle social que levaria a um maciço investimento na esfera privada, nos interesses e projetos pessoais, e ao desinvestimento e indiferença perante o público.

Assim como Ehrenberg, Lipovetsky contrapõe esta nova lógica à lógica disciplinar, característica da Idade Moderna. Ao contrário dos valores autoritários convencionais que, segundo ele, predominaram até os anos cinquenta, imperam hoje valores hedonistas e o culto pela liberdade e pela autonomia individual, o que acaba por levar a uma desafeção dos grandes sistemas de sentido.

De acordo com Lipovetsky, vive-se hoje um novo estágio do individualismo, o qual denominou de neo-narcisismo. O neo-narcisismo seria característico do indivíduo pós-moderno, que investe cada vez mais em si e se torna indiferente a qualquer questão de ordem social que se distancie minimamente de seus próprios interesses. Diz Lipovetsky: “que outra imagem é capaz de sugerir com a mesma força o formidável surto individualista induzido pelo processo de personalização?” (1983:13). Deste modo, o neo-narcisismo nada mais é do que o perfil resultante da adaptação dos indivíduos à lógica da personalização, isto é, do processo que leva ao esvaziamento da esfera pública e ao culminar da esfera privada, marco da pós-modernidade.

Lipovetsky compara metaforicamente tal desafeção do social ao deserto. Para ele o vazio, a apatia e a indiferença tomaram conta do cenário social. Já não há grandes ideologias, valores ou instituições capazes de emocionar ou mobilizar as massas. Entretanto, o autor chama a atenção para o fato de que tal desinvestimento e desinteresse não se restringem às questões de ordem social, repercutindo na esfera individual. Argumenta que a exacerbação do narcisismo e o empobrecimento dos pontos de referência também redundam num certo desinvestimento do outro enquanto alteridade. Porém não se trata de indivíduos desconectados do social, aversos a relacionamentos e ao mundo, pelo contrário, há uma forte atração pelo relacional, porém, por relações com coletivos cada vez mais específicos e de semelhantes, o que enfraquece o encontro com a diferença, com a alteridade.

Assim como Ehrenberg, Lipovetsky também chama a atenção para o fato de que se assiste hoje a um processo de responsabilização e hiper-solicitação dos indivíduos. O excesso de informações e de opções em todos os campos da vida, a velocidade na alternância, nos significados e na evolução das coisas, a forma como os extremos opostos se superpõem, não dando margem à reflexão (Lipovetsky,1983:38). A todo o momento tem-se que optar, selecionar, escolher no que vale a pena investir e o que será varrido de campo. Trata-se da dinâmica que torna o Eu aparentemente livre, em que o indivíduo torna-se o centro e a principal referência e, portanto, é o único responsável por suas escolhas e o que quer que lhe aconteça. O indivíduo é hipersolicitado, precisa ser ele próprio, reinventar-se a todo o instante, optar, ter iniciativa e assumir solitariamente os riscos. Tal dinâmica eminentemente narcísica convoca ao desprendimento emocional, a dessubstancialização e à apatia como possibilidades de lidar com o excesso, com a multiplicidade e velocidade dos acontecimentos e das informações. Nas palavras de Lipovetsky: “daqui resulta a indiferença pós-moderna, indiferença por excesso, não por defeito, por hiper-solicitação, não por privação” (1983:38).

Para Lipovetsky, a capacidade de indignação e mobilização dos indivíduos pelo coletivo cedeu lugar à apatia e à indiferença, as quais, por sua vez, acarretam um quadro de fragilização do eu. Isto é, o eu acaba esvaziado pela ausência de trocas com o outro, que também se encontra esvaziado. As neuroses narcísicas e a depressão, tão em voga hoje em dia, seriam expressões de tal apatia e vazio

experienciados pelos indivíduos. Assim, enquanto o indivíduo encerra-se cada vez mais em si próprio e mais desinveste o campo da alteridade, mais fica fragilizado e vulnerável aos embates da vida.

“Atravessando sozinho o deserto, carregando-se a si próprio sem qualquer apoio transcendente, o homem hoje caracteriza-se pela *vulnerabilidade*. A generalização da depressividade deve ser atribuída não às vicissitudes psicológicas de cada um ou às “dificuldades” da vida actual, mas sim à deserção da *res publica*, que varreu o terreno até a emergência do indivíduo puro, Narciso em busca de si próprio, obcecado apenas por si mesmo e, por isso, susceptível de fraquejar ou de cair a todo o momento, frente a uma adversidade que encara a descoberto, sem força exterior.” (Lipovetsky,1983:45).

Assim, tal como Ehrenberg, Lipovetsky aponta para um processo de responsabilização do indivíduo, instado a corresponder às exigências sociais e hipersolicitado, em paralelo a um processo de esvaziamento dos grandes referenciais sociais. A falta de suportes simbólicos identitários e o excesso de estimulação e exigências centradas no indivíduo levariam ao colapso do próprio indivíduo, que se encontraria a mercê de si mesmo, ao mesmo tempo em que o universo da troca, da alteridade, e, portanto, do amparo, parece esvaziado de sentido.

Assim, apesar de o ideal de liberdade ser a principal diretriz desta nova normatividade social, os autores demonstram tratar-se de uma falsa liberdade, uma vez que estamos mergulhados em exigências sociais cada vez mais plurais e imperativas. Tal é a grande ironia: o indivíduo é instado a corresponder aos ideais sociais de liberdade individual que, ao mesmo tempo, o aprisionam e lhe roubam a singularidade e a liberdade.

“Aqui reside uma das mudanças decisivas de nossos modos de vida, porque esses modos de regulação não são uma escolha que cada um pode fazer de maneira privada, mas sim uma regra comum, válida para todos, sob pena de ficar-se à margem da sociedade.” (Ehrenberg,1998a:3)

O imperativo de liberdade traz em seu bojo, portanto, um processo de responsabilização e hipersolicitação dos indivíduos, que se passa num solo de desamparo social, sendo que isto não é sem conseqüências para as construções identitárias e para os modos de vida dos indivíduos. Enquanto Ehrenberg fala do

ser insuficiente, Lipovetsky fala da apatia, do desprendimento emocional e do esvaziamento do sentimento de existir.

Assim, tanto Ehrenberg quanto Lipovetsky, cada qual à sua maneira, parecem chegar a uma mesma constatação paradoxal: ao mesmo tempo em que há um enaltecimento do indivíduo e este se encerra cada vez mais em si próprio, há igualmente um empobrecimento do eu, que aparece cada vez mais esvaziado e mesmo insuficiente.

“O neo-narcisismo não se contentou em neutralizar o universo social, esvaziando as instituições dos seus investimentos emocionais; também o Eu, desta feita, se vê corroído, esvaziado da sua identidade, o que, paradoxalmente sucede em virtude do seu hiper-investimento.”
(Lipovetsky,1983:53)

Neste sentido, a sociedade contemporânea centrada nos ideais hedonistas e permissivos, onde há um desinvestimento do social e um maciço investimento na esfera privada, teria por corolário a construção de indivíduos fragilizados e sem contorno, esvaziados.

Em *O mal-estar da pós-modernidade*, o sociólogo Bauman (1998) discorre sobre os prós e os contras do liberalismo pós-moderno. Tal como Ehrenberg e Lipovetsky, Bauman também demonstra seu caráter paradoxal, uma vez que, por se tratar de um imperativo, a própria noção de liberdade é contradita. Como o próprio título do livro sugere, Bauman faz alusão ao texto freudiano *O mal-estar na civilização* (1930), acreditando ser este um texto historicamente datado, sendo relativo, mais estritamente, ao período da Modernidade. Em tal texto, Freud supõe que a civilização se constitui às custas de certa dose de renúncia pulsional, o que, em contrapartida, traria aos indivíduos maior segurança e proteção. Haveria, assim, uma relação de perdas e ganhos para os sujeitos, ao se trocar uma parcela de satisfação por uma de segurança. Neste sentido, como enfatiza Bauman, apesar de aumentar a sensação de segurança, a maior fonte de sofrimento da modernidade seria, justamente, a renúncia e a submissão aos ditames sociais que, tão claramente, ofereciam parâmetros para a vida moderna, cerceando os indivíduos. Bauman constata, porém, que já não estamos no tempo da regulamentação social, ou melhor, que o imperativo de hoje é o da liberdade

individual, e, deste modo, o mal-estar que nos atravessa seria outro, a saber, um sentimento permanente de insegurança, de incerteza. Afirma:

“...os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade. Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais.” (Bauman,1998:10)

Para Bauman, a ascensão do indivíduo livre e soberano é correlata da incerteza, que, por sua vez, origina o mal-estar da pós-modernidade. A incerteza de que o autor fala não pode ser abrandada por uma ação, uma vez que não há, na pós-modernidade, ação passível de ser definitivamente acertada. Diante da enorme gama de opções, as escolhas sempre deixarão margem à dúvidas e à incerteza de se ter optado pelo melhor caminho. Além disto, de acordo com a lógica do mercado consumidor, as próprias opções parecem ser datadas e fadadas a serem substituídas por opções ainda melhores (mais atraentes). O mundo hoje é maleável e imprevisível: com a mesma rapidez com que se saúda o novo, sua despedida se prenuncia. Esta fugacidade se reproduz nas relações interpessoais, que obedecem à mesma lógica dominante do consumismo. A perpétua busca de novas atrações e a dificuldade em se prender a um só objeto – pois logo que este já não atrai é rapidamente substituído –, torna as relações mais fluidas e frágeis, e, assim, regidas mais por uma decisão unilateral do que por um acordo com direitos e deveres.

É interessante a metáfora que Bauman utiliza para descrever a experiência de incerteza dos indivíduos nos dias de hoje, que se encontram sob o imperativo da liberdade, fala de turistas e vagabundos. Turistas como metáfora do indivíduo que não se prende a nada, um ser desenraizado, distante, mutante; e vagabundos como a do indivíduo errante, que vê o mundo como inóspito e se move não por vontade, mas por necessidade.

De um lado tem-se aqueles que se aventuram e se arriscam atrás de novas descobertas, que se movimentam por acharem o mundo atrativo, que não se comprometem com o futuro, mas que têm a recompensa de controlar o presente situacional: “escolher onde e com que partes do mundo ‘interfacear’, e quando

desligar a conexão” (1998:115). Assim, os turistas passeiam pelo mundo ao mesmo tempo em que guardam dele certa distância, pois nada é duradouro e o lugar, sempre um lugar de passagem. Porém, diz Bauman, as incertezas também permeiam as experiências dos turistas, que vivem de suas escolhas e pelas escolhas, uma vez que o desenraizamento e a falta de um projeto final são próprios da vida turística. O turista está, por assim dizer, em movimento pelo movimento, e não pela chegada; o presente pode parecer seguro ou sob controle, mas o futuro é sempre incerto. Por outro lado, os vagabundos movem-se porque em nenhum lugar são bem quistos, porque o mundo para eles é inóspito, e porque não têm escolha. O movimento que para os turistas simboliza a liberdade e a autonomia, para os vagabundos é uma imposição, tudo menos liberdade: “Para eles, estar livre significa *não ter de* viajar de um lado para o outro. Ter um lar e ser permitido ficar dentro dele” (1998:117).

Com isto, Bauman sugere que uma das principais características dos indivíduos na sociedade pós-moderna é o estar em movimento. O movimento indica que ninguém pode assegurar-se de sua posição e lugar, de que tudo pode mudar a qualquer instante e que, principalmente, o mundo é hoje eminentemente incerto.

Por fim, Bauman coloca que a “oposição entre os turistas e os vagabundos é a maior e principal divisão pós-moderna” (1998:118). Apesar de tanto os turistas quanto os vagabundos serem guiados pelo mesmo imperativo do movimento, há uma dilacerante diferença entre eles, sendo que o que serve de medida para estes opostos é o grau de liberdade de escolha que se atinge. Para ele, a liberdade de escolha não é a mesma para todos, embora o imperativo de tal liberdade o seja, sendo a liberdade de escolha indicativa de *status* e posição social. Disto pode-se inferir que não se trata apenas de uma escolha individual o fato de enquadrarmo-nos na metáfora de turistas ou na de vagabundos, mas que existem condições extrínsecas à nossa própria vontade, situacionais, que influenciam, ou mesmo determinam, de que lado se está.

“Na sociedade pós-moderna e de consumo, escolher é o *destino* de todos, mas os limites de *escolhas realistas* diferem e também diferem os estoques de *recursos* necessários para fazê-las. É a *responsabilidade* individual pela escolha que é igualmente distribuída, não os *meios* individualmente possuídos para agir de acordo com essa responsabilidade. (...) O dever da liberdade sem os recursos que

permitem uma escolha verdadeiramente livre é, para muitos, uma receita para a vida sem dignidade, preenchida, em vez disso, com humilhação e auto-depreciação.” (Bauman,1998:243)

Bauman (1998) conclui, como não poderia deixar de ser, que a liberdade tem seus prós e contras, e que não se trata de nostalgia, ou desejo de retorno, pela certeza Moderna, pois esta fôra transposta justamente por mostrar-se falha. Como indicado no fragmento acima, Bauman parece acreditar que se trata mais da necessidade de um solo ambiental adequado para que a liberdade individual, de fato, possa tornar-se uma possibilidade, uma vez que apenas os esforços individuais não dão conta de torná-la legítima. Deste modo, Bauman parece chamar a atenção para a importância do meio para a experiência de ser e modo de vida dos indivíduos. Demonstra que a experiência é fortemente atravessada pelo contexto no qual o indivíduo está inserido, e que é essencial que o campo sócio-cultural possa fornecer um apoio que viabilize suas demandas.

Lipovetsky (1983) e Ehrenberg (1998) parecem compartilhar desta mesma idéia. Tal como Bauman (1998), observam que o mal-estar que perpassa grande parte dos indivíduos hoje é consequência de demandas, muitas das vezes, sentidas como excessivas pelos indivíduos. Alertam, e é este o ponto que gostaríamos de ressaltar, que os indivíduos parecem sentir-se desamparados frente às exigências sociais, que o meio já não oferece um suficiente suporte, e que isto repercute na experiência dos indivíduos no campo social.

A metáfora dos vagabundos utilizada por Bauman parece assemelhar-se, por exemplo, à descrição de Lipovetsky sobre a apatia. Em ambos os casos, os indivíduos parecem mover-se não por interesse ou engajamento, mas por serem impelidos a tal. Não haveria um real investimento ou engajamento na vida, ao contrário, há, em ambos, um desinvestimento afetivo, a falta de uma ancoragem, de algo que remeta à vontade, à espontaneidade, à criatividade do sujeito. Ehrenberg, por sua vez, aponta que a depressão caracteriza-se, hoje, mais por um vazio, pela fragilização do sentimento de ser, do que pela angústia e conflito neuróticos, aproximando-a mais da categoria psicanalítica de “estados-limites” que da de neurose.

Deste modo, vagabundos, apáticos ou deprimidos, seriam personagens que habitam o cenário contemporâneo. Ou seja, independente da nomenclatura

utilizada, Ehrenberg, Lipovetsky e Bauman parecem chegar à mesma sentença: o contexto sócio-cultural tem favorecido uma experiência de mal-estar particular, intimamente relacionada ao período histórico que vivemos.

4.2.

O cenário contemporâneo como potencializador do embotamento criativo: considerações sobre a clínica atual.

Da mesma forma que autores das ciências sociais teorizam sobre as transformações pelas quais vem passando a sociedade contemporânea e suas implicações para os indivíduos, muitos psicanalistas também têm se preocupado em pensar de que modo estas transformações se refletem na clínica atual e repercutem no arcabouço teórico de que fazem uso. Há, entretanto, grande discordância: uns parecem adotar uma visão mais estruturalista e acreditar que as modificações nos sintomas são apenas novas roupagens para a mesma configuração psíquica de que nos falava Freud; outros parecem acreditar que os sintomas vêm mudando porque a própria constituição subjetiva tem se ancorado em alicerces diferentes e, portanto, se trataria de novas formas de subjetivação, o que demandaria outras perspectivas teóricas⁶. Seja qual for a leitura, porém, parece haver um consenso no que tange à constatação da modificação nos sintomas, como nos diz Roudinesco (1999), e é justo isto o que gostaríamos de enfatizar.

“Quanto aos pacientes da década de 1990, eles não se parecem com os de antigamente. De maneira geral, são conforme a imagem da sociedade depressiva em que vivem. Impregnados de niilismo contemporâneo, apresentam distúrbios narcísicos ou depressivos e sofrem de solidão e de sintomas de perda de identidade” (Roudinesco, 1999:160)

Assim, ao falarmos em clínica contemporânea, estamos chamando a atenção para o fato de que os sintomas que nos chegam não parecem nos dizer apenas sobre a história de vida singular daquele sujeito, mas também sobre um complexo sistema sócio-cultural que o circula e no qual ele se constitui. Dito de

⁶ Certamente estamos fazendo uma leitura simplista de tal discussão. O assunto é bem mais amplo e importante do que uma mera divergência teórica. Pode abranger, por exemplo, a própria rediscussão dos paradigmas da clínica psicanalítica, ou mesmo dos limites de tal clínica. Não pretendemos, neste trabalho, entrar no mérito desta questão.

outra forma, se levamos em conta que houve um aumento considerável nos casos de depressão e de distúrbios narcísicos (*cf.*Roudinesco,1999; Garcia, 2005; Ehrenberg,1998), não podemos deixar de pensar quais os fatores históricos que estão aí relacionados, ao invés de entendermos tal fenômeno como obra do acaso. Deixemos claro, porém, que não estamos dizendo tratar-se de sintomas novos ou configurações psíquicas inéditas, mas enfatizando que o considerável aumento de determinadas sintomatologias parece nos dizer algo sobre o contexto sócio-cultural em que vivemos.

Garcia (2005) endossa esta tese, observando que as categorias conceituais de sentimento de culpa, conflito e recalque são correlatas de uma dinâmica psíquica relativa a um cenário social determinado, em que predominavam a renúncia, o sacrifício e a culpa. Ao contrário, apoiada em Ehrenberg e Lipovetsky, Garcia observa que no cenário social atual são o vazio, a indiferença, o sentimento de insuficiência e a exigência de autonomia que predominam e perpassam a experiência subjetiva, sendo necessário, portanto, que sejam reavaliadas as categorias teóricas que melhor ajudam na escuta clínica hoje.

Neste trabalho, a hipótese que estamos perseguindo é que o aumento de determinada sintomatologia nos dias atuais, como o vazio depressivo e a exacerbação narcísica, apontaria para certa dificuldade em se utilizar o potencial criativo. Acreditamos que o hiper-investimento no indivíduo, a crescente demanda de responsabilidade, o frágil suporte ambiental, a atmosfera de incertezas e o desinvestimento do outro enquanto alteridade favorecem a experiência subjetiva de desamparo e a aparição de sintomas que, independentemente da classificação nosológica a que pertençam, parecem convergir para o mesmo quadro de embotamento criativo. Em outras palavras, considerando que a experiência subjetiva hoje seja permeada pelo desamparo, acreditamos que isto poderia acabar acarretando prejuízos ao viver criativo.

Garcia e Coutinho (2004) também consideram o desamparo como a experiência princeps dos sujeitos hoje. Para elas, as novas configurações do individualismo, com a responsabilização do indivíduo e as exigências de busca irrestrita de prazer, levam a uma experiência individual de errância, no sentido de se estar à mercê, sem pontos sólidos de referência que dêem contorno ou suporte ao psiquismo.

“Incitado a assumir total responsabilidade por sua vida, na falta de suportes tradicionais religiosos, institucionais ou mesmo familiares, e confrontado com a exigência de rendimento e do sucesso, o indivíduo entra em colapso. A conseqüência subjetiva deste estado de coisas se apresenta sob a forma do desamparo.” (Garcia e Coutinho, 2004:10)

Em Freud (1926), desamparo refere-se a um aumento de tensão pulsional sentido como angústia, seja pela falta de suporte de um outro que barre o excesso pulsional, seja pelo desamparo próprio à situação de dependência e submissão a um outro. Assim, apoiadas em Freud, Garcia e Coutinho supõem que há hoje uma exacerbação da experiência de desamparo, uma vez que os referenciais simbólicos identitários encontram-se esvaziados e o sujeito submisso às imposições sociais de autonomia e prazer. Neste sentido, constata-se: desamparado, o sujeito contemporâneo mostra-se especialmente vulnerável a situações das quais não consegue dar conta, traumáticas.

Note-se que a teoria freudiana sobre o desamparo se aproxima da concepção winnicottiana relativa à falha ambiental e a vivência subjetiva que esta acarreta. Parece-nos que tanto em Freud quanto em Winnicott sentir-se desamparado resulta da falta de suporte de um outro, o que acarreta em angústia. Entretanto, Freud parece considerar a experiência do desamparo como inevitável e constituinte, já para Winnicott esta seria uma experiência potencialmente patológica e de exceção. Além disso, nos parece que enquanto Freud enfatiza o aspecto econômico (pulsional), Winnicott melhor contribui para se compreender o caráter relacional de tal estado. Deste modo, resguardando as devidas e importantes diferenças conceituais, nos parece que uma situação de privação ambiental, tal como descrita por Winnicott, poderia lançar o sujeito em uma experiência de desamparo. Dito de outro modo, um meio negligente ou que se apresente demasiado invasivo e ameaçador, poderia levar o sujeito à angústias e ao comprometimento da economia psíquica – o que se assemelha ao postulado freudiano sobre a situação traumática de desamparo.

Dando continuidade ao tema, Garcia (2005) tece interessantes considerações a respeito dessa maior vulnerabilidade dos sujeitos ao trauma. Ela parte de duas constatações, de ordem social e clínica, que se articulam no plano da experiência individual. Observa que, em paralelo ao atual predomínio da situação traumática de desamparo, está em curso na sociedade contemporânea o

processo de indiferença pura (*cf.* Lipovetsky,1983), processo este relativo à atual tendência que leva à deserção dos valores e sustentáculos sociais e ao hiper investimento no indivíduo. Se utilizando de um referencial freudiano e greeniano, Garcia postula que a indiferença pura se expressa subjetivamente pelo desinvestimento objetal e pela inflação narcísica, próprios da função desobjetalizante como postulada por Green. Ou seja, partindo do pressuposto de que é cada vez mais difícil para os sujeitos fazerem frente às exigências da sociedade contemporânea, a autora acredita que tal situação poderia estar levando a um maciço investimento narcísico e ao desinvestimento objetal como formas defensivas do sujeito se proteger do desprazer gerado pelo aumento de tensão psíquica. Porém, tal manobra defensiva seria fadada ao fracasso, uma vez que ao invés de proteger o sujeito de novas situações traumáticas, ao contrário, intensificaria o desamparo e a fragilidade frente a tais situações. Em suma, para Garcia, o desinvestimento objetal e a retração narcísica, embora sendo reações defensivas, tornariam os sujeitos ainda mais susceptíveis às situações traumáticas.

Partindo deste pressuposto, de que a atual fragilidade dos suportes simbólicos e o hiper-investimento no indivíduo têm potencializado a experiência de desamparo e ampliado a vulnerabilidade dos sujeitos aos embates da vida, é fácil pensar que não resta muito espaço para a criatividade nos dias de hoje – posto que a experiência criativa necessita de um solo mínimo de relaxamento, confiança e amparo ambiental. Daí as vivências tão em voga hoje em dia de apatia, falta de um verdadeiro engajamento na vida e dos sentimentos que giram em torno do vazio existencial, uma vez que nos parece que a experiência do desamparo leva ao embotamento criativo.

Maciel (2003) parece ir nesta mesma direção, ou melhor, também parece acreditar haver hoje certa dificuldade na utilização do potencial criativo. A autora contrapõe o sujeito criativo de Winnicott ao depressivo de que nos falam os cientistas sociais. Para ela, o traço depressivo da sociedade contemporânea fala-nos desta dificuldade de se ser criativo, o que tem por corolário a desvalorização da vida e o enfraquecimento do sentimento de que esta vale a pena.

A partir de uma análise sobre a sintomatologia da depressão atual, Maciel observa que a depressão de hoje se aproxima mais de um quadro de “‘padecimento’ de criatividade”, que de um estado melancólico. Para ela, o primeiro caso diz mais de uma dificuldade em se criar sentidos para a vida, posto

que é a criatividade que permite tal investimento e valorização da vida; já o segundo giraria em torno da problemática do luto, ou melhor, neste caso a depressão se derivaria do malogro do trabalho de luto pelo objeto perdido (2003:17). Dito de outro modo, Maciel postula que a depressão contemporânea nos fala mais de um vazio de sentido, e de certa paralisia do trabalho psíquico, que de questões acerca do sentimento de culpa ou da perda do objeto, que lavariam mais ao recalque e ao conflito psíquico. Deste modo, para a autora, a teoria winnicottiana de criatividade parece melhor ajudar no entendimento da dita depressão atual do que a teoria freudiana sobre a depressão melancólica.

Considerando a depressão de hoje como expressão de um enfraquecimento no âmbito da experiência criativa, o que Maciel levanta como suposição é que o atual esvaziamento dos valores sociais poderia equivaler a uma ausência de contenção, descrita por Winnicott como necessária a tal experiência. Para ela, os valores do “tudo é possível”, de liberdade irrestrita e de hedonismo, não ofereceriam contorno a este potencial criativo que necessita de barreiras⁷. Maciel aponta que isto poderia ajudar a elucidar de que forma a fragilização dos suportes sociais estaria potencializando uma situação de quietude, ao contrário do esperado e, hoje, tão cobrado movimento criativo. Ou seja, se os referenciais simbólicos identitários, como vimos, encontram-se esvaziados ou pulverizados – podendo ser, assim, entendidos como não oferecendo contenção através de valores sociais – então a experiência criativa também seria dificultada, uma vez que depende de certa resistência para ganhar vida.

“Esta tese finalmente é aqui delineada de forma clara, através de uma indagação: não poderíamos entender que a depressão contemporânea estaria ligada a uma pluralidade de sentidos, devido à ampliação de possibilidades de vida, identidades plurais, possibilidades existenciais; sem que nenhuma contenção – que não é interdição, mas limite que proporciona trocas, que dá forma – seja apresentada, como se fosse possível criar de maneira isolada?” (Maciel,2003:123)

⁷ Embora o ideal de liberdade possa ser entendido como uma nova normatividade social, caracteriza-se, fundamentalmente, pela valorização do hedonismo e da permissividade. Neste sentido, pode se interpretar como havendo hoje uma falta de contenção por parte dos valores sociais que pregam que tudo é possível e, portanto, que dão a impressão de que há uma ausência de limites, de contenção.

Para Maciel, o embotamento criativo se faria presente nos tipos clínicos que ora Winnicott chama de falso self, ora de depressivos e ora dos que sofrem de quietude: “trata-se daqueles sujeitos que se sentem vazios, que não sentem que são si mesmos, mas que, socialmente, funcionam bem, apenas com um mais ou menos leve sintoma depressivo” (2003:108). Assim, a dita depressão contemporânea expressaria a dificuldade da utilização do potencial criativo, o qual permite valorizar a vida e dotá-la de sentido. Daí o porquê dela se relacionar mais à apatia, à falta de sentido na vida e a sentimentos como os de inutilidade e insuficiência. Deste modo, Maciel aproxima a depressão atual dos sintomas característicos de uma defesa do tipo falso self.

Souza (2002) também nos ajuda a pensar sobre a exacerbação de quadros que envolvem o embotamento criativo nos dias de hoje, ao analisar um outro fenômeno bastante difundido atualmente: o uso de drogas. Para o autor, o uso de drogas, em muitos dos casos atuais, fala de uma busca pela experiência criativa, sendo que, ao desempenhar a função de envelope psíquico para as angústias primitivas, possibilita ao sujeito as experiências de confiança e de “solidão sem demanda” (2002:98), necessárias à expressão criativa do verdadeiro self⁸.

“...em continuidade com o seu papel de envelope psíquico para as angústias primitivas de aniquilação, intrusão ou separação, o uso de drogas torna possível a experiência de solidão que serve de base a partir da qual o verdadeiro *self* pode encontrar seu modo de expressão. Quando o falso *self* tende a isolar o verdadeiro *self*, ameaçando conceder-lhe uma existência apenas trivial, o uso de drogas, ao diminuir as angústias mais precoces, assegura um espaço vital para o modo de experiência do verdadeiro *self*.” (Souza,2002:99-100)

Assim, Souza demonstra que as drogas podem estar sendo usadas de modo a criar as condições necessárias que possibilitam a expressão do verdadeiro self, do gesto criativo, expressão esta que a vivência baseada em um falso self

⁸ O termo solidão sem demanda refere-se, na teoria winnicottiana, ao paradoxo contido na experiência inicial do bebê em sentir-se só na presença de alguém, ou melhor, de experimentar a solidão embora estando na absoluta dependência dos cuidados de um outro. Tal experiência é imprescindível ao sujeito, pois serve como alicerce à experiência criativa, em contrapartida, se o ambiente falhar em propiciá-la ao sujeito, isto levará às angústias primitivas de aniquilação, intrusão ou separação (Souza,2002:98), acarretando em prejuízos à expressão da criatividade.

impede ou dificulta. Para ele, o uso de drogas fala mais da insuficiência do objeto materno enquanto solo para a subjetivação, que da incompletude do objeto: “na análise de pessoas que o uso de drogas entra em questão, seu valor de suplência às carências do meio ambiente se sobrepõe à sua relação com a falta estrutural do Outro.” (2002:95), ressaltando que o uso de drogas pode estar desempenhando uma função psíquica necessária ao sujeito. Diante disso, considera que o manejo mais indicado à clínica de tais pacientes é aquele que leva em conta a mensagem de esperança contida em tal quadro, a qual alude à necessidade de um solo de confiança e de apoio como base para a expressão criativa do verdadeiro self.

Através da análise de Souza sobre o uso de drogas, e considerando que houve um aumento considerável nestes casos na contemporaneidade, podemos pensar que há hoje uma maior dificuldade no estabelecimento de um solo adequado à experiência criativa, sendo a drogadição uma forma de se buscar as condições necessárias a tal experiência. Neste sentido, tratam-se, fundamentalmente, de quadros em que o uso de drogas evidencia a busca pela experiência criativa e, portanto, de quadros em que há, na base, um embotamento criativo e o predomínio do falso self protetor. Ou seja, podemos pensar no uso de drogas como o que possibilita justamente que o falso self dê lugar à expressão do verdadeiro self, e, portanto, que sem o artifício das drogas, ou sem o auxílio de uma situação especializada, é o falso self que assume o comando.

Note-se que tanto Maciel como Souza apontam, cada qual analisando um fenômeno particular exacerbado na contemporaneidade- a depressão e a drogadição –, para a acentuação de uma vivência centrada no falso self. Isto vai de encontro ao que estamos aqui querendo enfatizar, a saber, que parece haver, nos dias de hoje, certa dificuldade em se utilizar o potencial criativo, e, por conseguinte, em se estabelecer um laço verdadeiro e enriquecedor com o mundo. Mello Filho (2003) também aposta na exacerbação da defesa falso self em nossa sociedade, demonstrando que, muitas das vezes, procuramos nos adaptar às exigências da atualidade através de mecanismos tipicamente falso-selves:

“O *stress* da vida atual, a massificação, a coisificação, a ciranda financeira, a competição exacerbada, nos levam para uma vida impessoal e autocentrada, na qual as relações humanas se enfraquecem e se deterioram. Neste tipo de vida, as estratégias falso-*selves* ajudam a iludir os outros, a vencê-los em nossas competições e a nos enganarmos por

pensarmos que podemos estar mais bem situados na vida em geral.”
(Mello Filho,2003:30)

Para Mello Filho, a dinâmica eminentemente narcísica do mundo atual, em que “cada um só pensa em si próprio e esquece os interesses do outro” (2003:22), corrobora para a utilização de mecanismos adaptativos e, por conseguinte, para um déficit na capacidade criativa e espontânea do ser. O autor aproxima, assim, narcisismo e falso self, sendo que em ambos as relações objetais são pobres e basicamente auto-centradas. Porém Mello Filho ressalta que este “auto-centramento” fala mais de reações à falhas ocorridas nas relações iniciais com o meio, que de uma relação de “autonomia” em relação ao mundo. Desta forma, Mello Filho alude ao caráter defensivo do narcisismo de que está tratando, sendo este não o narcisismo primário, constituinte, mas um narcisismo que se desenvolve a partir de falhas ocorridas nas relações iniciais, assim como o falso self.

Esta relação entre o narcisismo e o falso self fica mais clara com a análise que Mello Filho faz sobre o mito de Narciso. O autor acredita que “a tragédia que o mito de Narciso descreve não diz respeito *apenas* à incapacidade de amar, ou o amor voltado para si mesmo e que exclui o *outro*”, mas também “fala da *impossibilidade de alguns sujeitos para terem uma vida própria, na medida em que submergem no desejo ou nas dificuldades de quem cuidou deles nos momentos iniciais*” (2003:107). Isto porque, em sua análise, a mãe de Narciso, por temer que a beleza dele pudesse ofender os deuses, ignora e interdita nele o que ele tem de mais particular: a beleza. Narciso, por sua vez, submetendo-se a tal temor materno, fica cego para sua própria beleza, desconhecendo o que há de mais singular em si próprio. A partir disto, Mello Filho indaga-se se este não teria sido o início de uma constituição baseada em um falso self, em que o verdadeiro self, a beleza, estaria sendo defensivamente ocultada, por não ter encontrado no olhar materno o reflexo necessário. Com isto, ele chama a atenção para a importância do meio para a legitimação do sujeito, ou seja, para a importância do meio em perceber e reconhecer suas particularidades, o que possibilita ao sujeito experienciar-se como um ser singular, autêntico.

Em suma, Mello Filho equipara o narcisismo defensivo ao falso self, enquanto estruturas forjadas a partir de um déficit ambiental que faz o sujeito

investir num si mesmo irreal e retirar, defensivamente, o investimento afetivo do mundo. Em outras palavras, tanto o narcisismo defensivo quanto a exacerbação do mecanismo falso self falam da necessidade do olhar do outro, do investimento materno, para a constituição do ser e da impossibilidade deste em construir um olhar sobre si mesmo, uma identidade e um verdadeiro investimento no mundo, sem o suporte ambiental adequado. Como Mello Filho bem resume:

“...para o estabelecimento e desenvolvimento da capacidade de se ver, de ver o outro, de ter consideração e mais tarde de amar, é *imprescindível que o sujeito tenha sido olhado, amado, percebido e aceito em sua singularidade*” (Mello Filho, 2003:109)

Assim, Mello Filho chama a atenção, justamente, para a impossibilidade de se ter uma identidade que não seja fundamentada no olhar e no amparo de um outro. Com isto, podemos entender o porquê da dessubstancialização, vazio, apatia, falta de engajamento na vida, enfim, do crescente embotamento criativo nos dias atuais, já que, como Mello Filho bem evidencia, não é possível ao sujeito ser si mesmo, verdadeiro, criativo, espontâneo, se a experiência princeps é a de desamparo, e, portanto, da falta de um olhar primeiro.

As contribuições que acabamos de apresentar nos permitem, finalmente, chegar as seguintes indagações: não seria a sociedade narcísica um reflexo da falta de suportes, típica de um ambiente cada vez mais desvitalizado e esvaziado de sentido? Não seria o narcisismo contemporâneo uma forma defensiva de procurar em si mesmo um amparo que já não parece possível no plano do social? E por último, os sentimentos de vazio, fracasso, inutilidade e futilidade, não seriam expressões de uma maciça defesa do tipo falso self? Estas são questões que merecem maior reflexão, porém gostaríamos de lançá-las a título de discussão. O que nos parece evidente e consensual, é que cada vez mais tanto psicanalistas como cientistas sociais têm apontado para um quadro crescente de embotamento criativo: os primeiros ao falarem dos sentimentos de vazio, indiferença, apatia, insuficiência e fracasso, e os segundos ao constatarem o aumento no número de casos que, independentemente da classificação nosológica a que pertençam, parecem caracterizar-se pela retração narcísica, pelo embotamento criativo e pelo conseqüente predomínio da defesa falso self. Estas são questões que a clínica contemporânea nos apresenta de forma cada vez mais pungente.

5. Conclusão

Com este trabalho, procuramos demonstrar que o conceito winnicottiano de criatividade em muito contribui para pensar o mal-estar contemporâneo, já que, em Winnicott, é a criatividade que fortalece o sentimento de existência e permite ao sujeito acreditar e engajar-se na vida – justamente o que aparece enfraquecido nos dias de hoje. Partindo da teoria winnicottiana, pudemos entender que os sentimentos de insuficiência, vazio e apatia, descritos como característicos do sofrimento psíquico atual, assim como a presença crescente de sintomas que envolvem o desinvestimento pulsional, a exacerbação narcísica e a rigidez de um falso self protetor, parecem convergir para o mesmo quadro de embotamento criativo, posto que falam da fragilização do sentimento existencial e de dificuldades no que se refere ao uso criativo da vida.

Deste modo, constatamos haver hoje certa exacerbação do que chamamos de embotamento criativo. Tal constatação leva, então, à questão que permeou todo este trabalho: afinal, de que maneira o momento histórico atual tem contribuído para esta forma particular de mal-estar, de sofrimento psíquico? Com o respaldo da teoria winnicottiana e da explanação feita sobre o cenário contemporâneo, nos parece possível melhor defender nosso ponto de vista, a saber, de que a falta de suportes no âmbito do social dificulta a experiência criativa dos sujeitos.

Ora, vimos em Winnicott que a experiência criativa necessita de determinado suporte ambiental, sendo que dificilmente podemos ser criativos se não num solo de confiança, amparo ou sem o devido fomento da realidade. Ou seja, para Winnicott, se o meio falhar nesta sua função de fornecer suporte e fomento à experiência criativa – seja por ser omissivo, seja por ser invasivo – isto acarreta em prejuízos à expressão criativa do ser, o que leva ao enfraquecimento do sentimento existencial e interfere na maneira como o sujeito experiencia a vida. Neste sentido, sendo o meio fator determinante no experienciar (ou não) da criatividade, para que possamos entender o embotamento criativo atual precisamos pensar nas qualidades mesmas deste meio através do qual nos constituímos.

Nas ciências sociais, chamamos a atenção para o fato de que se observa, no momento histórico atual, determinada tendência que induz ao esvaziamento

das estruturas de amparo e suporte sociais, e ao hiper-investimento do indivíduo. Como vimos, Lipovetsky (1983) acredita que tal fenômeno leva ao esvaziamento dos próprios indivíduos, que, sem apoio e hiper-solicitados, tornam-se mais vulneráveis à vida. As contribuições de Ehrenberg (1998) seguiram no mesmo sentido. Para ele, o atual excesso de exigências no plano individual, juntamente à falta de sustentáculos sociais, leva os indivíduos a sentirem-se insuficientes e cansados, já que é cada vez mais difícil para o indivíduo, sozinho, atender às demandas sociais. Por sua vez, vimos com Bauman (1998) que o mal-estar que nos atravessa hoje deriva, fundamentalmente, de um sentimento de incerteza. Considerando que o excesso de opções, de estimulação e o imperativo do movimento tornam as relações mais frágeis e os indivíduos mais solitários e desenraizados, Bauman pensa no sentimento de incerteza como corolário da fugacidade e insegurança do mundo atual.

Neste sentido, pareceu-nos haver um consenso nas ciências sociais no que se refere às características principais deste solo que subjaz à experiência subjetiva hoje. Os teóricos visitados demonstraram que este caracteriza-se, fundamentalmente, por ser por demais demandante, invasivo, incerto, enfim, por levar os indivíduos a experimentarem o desamparo, a insegurança e a fadiga no plano individual. Em contrapartida, Winnicott demonstrou que a confiança no meio, e o conseqüente estado de relaxamento, são imprescindíveis à espontaneidade criativa. Sendo assim, nos parece que o retraimento do ser, do que é da ordem do verdadeiro self criativo, observado nos dias de hoje, pode ser indicativo de dificuldades subjetivas encontradas na relação com este meio que é frequentemente sentido como invasivo e que induz à experiência de desamparo. Ou seja, se a criatividade pode ser compreendida como a expressão subjetiva mais espontânea e singular, como pode o sujeito expressar-se criativamente nestas condições ambientais? Além do mais, sabemos que é uma ilusão pensar que há uma maior liberdade hoje no campo do social. Na verdade, a cultura contemporânea é extremamente exigente com os indivíduos, sendo excluídos da sociedade aqueles que não correspondem à performance demandada. Nas palavras de Lipovetsky:

“É necessário que nos expressemos sem reserva (...), livremente, mas num quadro pré-estabelecido. Há uma procura de autenticidade, mas de maneira nenhuma de espontaneidade.” (Lipovetsky,1983:63).

Esta descrição de Lipovetsky nos parece bastante ilustrativa do que estamos chamando de embotamento criativo dos dias de hoje, pois fala, justamente, da ausência de espontaneidade e da subordinação do sujeito às demandas do meio.

Em suma, nos parece que o embotamento criativo observado atualmente é uma forma defensiva de se lidar com a atmosfera de exigências, instabilidade, e com a fragilidade dos sustentáculos sociais nos dias de hoje. Como vimos em Winnicott, nestas condições a reação toma o lugar da criação, ou seja, ao invés de ser criativo o sujeito passa a defender-se das supostas ameaças do meio. Acreditamos, assim, que o crescimento nos quadros que envolvem o vazio existencial, a retração narcísica e o desinvestimento objetal resulta, principalmente, das dificuldades infligidas pelo cenário atual à experiência criativa dos sujeitos.

Neste ponto, uma ressalva deve ser feita. Sabemos que ao falar sobre a importância do meio para a experiência criativa, Winnicott se referia à relação inicial do bebê com a mãe, mas ele também nos diz que esta relação de interdependência com o meio não se finda. Portanto, há uma relação interminável de influência recíproca do sujeito sobre o meio e vice-versa. A ênfase conferida por Winnicott ao fator experiencial parece alertar, justamente, para a possibilidade infinita de transformação subjetiva, para a vulnerabilidade do psiquismo, enfim, para a importância do meio no que concerne à saúde psíquica do sujeito ao longo de toda sua vida. Assim, faz toda a diferença para a experiência subjetiva a natureza do meio no qual o sujeito se constitui e está inserido. Portanto, não se trata de ignorar a história de vida do sujeito em seu aspecto singular, mas de levar em conta que tal história se faz imersa em um contexto sócio-cultural mais amplo, o qual, nos dias de hoje, parece não oferecer muitos suportes e condições que facilitem a verdadeira expressão criativa do ser. Dito de outro modo, acreditamos que um mundo por demais invasivo, incerto ou ameaçador – como o mundo atual nos parece ser frequentemente percebido ou sentido – convida a uma atitude excessivamente defensiva e pouco criativa de seus membros, que permeia suas histórias de vida. Acreditamos que é a

criatividade que permite ao sujeito superar adversidades, lidar com o teste de realidade e investir a vida, mas esta força vital precisa de um solo ambiental de confiança, disponibilidade e adequação para continuar viva. Parece-nos que o aumento nos casos de embotamento criativo nos dias de hoje é um alerta para pensarmos o aspecto mais macro da experiência, que se refere à cultura que nos circunscreve.

Ao falarmos que a experiência princeps do sujeito contemporâneo é de um embotamento criativo, poderia ser argumentado que os sujeitos nunca foram tão criativos, e que são inquestionáveis as produções e os avanços no momento histórico atual. De fato é inegável que a produção científica, tecnológica e os avanços nos mais variados campos de saber são marcos desta era. O imperativo do movimento, da transformação, do desenvolvimento, a valorização do novo, tudo isto faz parte dos ideais do mundo de hoje. O que é contraditório, num primeiro momento, é pensar que este mundo cada vez mais “criativo”, ou melhor, produtivo, é o mesmo que induz, ou potencializa, nos sujeitos uma vivência de vazio, de apatia, de desinvestimento, de dessubstancialização. Porém, tal contradição se esmaece quando olhamos a questão mais de perto, à luz do conceito winnicottiano de criatividade, ou melhor, à luz das considerações de Winnicott sobre o revés de uma experiência criativa, e mais especificamente do conceito de falso self.

Com o conceito winnicottiano de falso self, vimos que muitas vezes um sujeito pode aparentar estar bem inserido socialmente e ter um bom relacionamento com o mundo, o que não necessariamente significa que ele use o mundo de maneira criativa, ao contrário, ele pode estar experienciando o mundo de forma submissa e adaptativa. Dito de outro modo, pode-se pensar que a excelência no trabalho produtivo, intelectual, ou uma aparente boa inserção do sujeito em seu meio, seria indicativo de maturidade emocional e saúde psíquica, mas, como vimos, tal inferência pode ser apressada. O conceito winnicottiano de falso self nos fala justamente desta capacidade de adaptação do sujeito ao social, a qual, em maior ou menor grau, enfraquece nele sua originalidade criativa e seu sentimento de existência própria. Vimos que quando o falso self torna-se rígido e toma o lugar do self verdadeiro, não deixa espaço para a criatividade, ao contrário, o que ocorre é subordinação ou mecanização, e o sentimento é o de vazio, o de irrealidade, uma vez que o meio passa a ser percebido prioritariamente como

demandante e ameaçador. Neste sentido, podemos pensar que o atual aumento no sentimento de vazio existencial, que ocorre em paralelo ao crescimento de atividades socialmente produtivas e requisitadas, pode ser indicativo do predomínio de ações baseadas no falso self. Justamente por este caracterizar-se pela subordinação ao meio, pode facilmente ludibriar e levar a crer que se trata de sujeitos supostamente mais criativos.

Deste modo, se olhássemos apenas para os avanços da sociedade contemporânea, de fato, facilmente poderíamos afirmar que jamais fomos tão criativos, mas se pensarmos que o sofrimento psíquico atual gira em torno do sentimento de vazio existencial, logo perceberemos a contradição: como pode serem os indivíduos mais criativos e, ao mesmo tempo, estarem tão esvaziados do sentimento de existir? Com isto o que queremos dizer é que, embora pareça haver hoje um crescimento na “atividade criativa”, este nos parece mais um movimento reativo, no sentido de ações referidas e subordinadas à demanda e estimulação do meio e ao falso self, que de uma verdadeira ação criativa enraizada no sujeito, a qual fortalece o sentimento de existir. Vale citar Winnicott:

“É possível demonstrar que, em certas pessoas e em determinadas épocas, as atividades que indicam que uma pessoa está viva não passam de reações a estímulos. Retire os estímulos e o indivíduo não tem vida.” (Winnicott, 1999[1970]:23)

Vale lembrar que Winnicott contrapõe criação e reação, sendo que, para ele, é o sentimento subjetivo que se tem da experiência – se a experiência se relaciona ao verdadeiro self criativo ou ao falso self protetor – que faz a diferença entre uma atitude reativa ou criativa, e não a atitude em si. Assim, a criatividade de que Winnicott trata não se revela pelo produto da ação, ou seja, não é por ser uma obra de arte, por exemplo, que se pode dizer que determinada produção é criativa. Para sujeitos distintos, uma dada atitude pode ser experimentada por um deles como fazendo parte de seu ser, como algo que vem de seu íntimo, que o faz sentir vivo, original, criativo, e para o outro, como uma mera mecanização, adequação ou simplesmente uma ação esvaziada de sentido, que não lhe agrega em nada. Neste caso, tal atitude, na verdade, não viria transformar ou enriquecer o sujeito e seu mundo, mas seria uma forma de legitimar e amoldar-se ao meio. A visão, como não poderia deixar de ser, é sobre o sujeito, isto é, sobre a forma

como o sujeito sente a experiência. Assim, a reação contrapõe-se a criação por não ser uma ação referida ao verdadeiro self, mas por ser vazia, defensivamente referida ao meio, relativa ao falso self, o que, portanto, não faz o sujeito sentir-se mais vivo, usufruindo de sua singularidade.

Neste sentido se enfraquece, ou mesmo se apaga, a suposta contradição entre pensar que este mundo dito “criativo” é o mesmo mundo que potencializa um sentimento subjetivo de vazio existencial. Ou seja, é fato que o mundo é hoje mais produtivo, mas não que estas ações – tão cobradas pelo imperativo de iniciativa hoje – sejam de fato criativas, ao contrário, parece-nos que seria melhor falar em um mundo altamente avançado à custa de reações, ao invés de um mundo que dá espaço para a criação e singularidade dos sujeitos.

Assim, tanto se pensarmos no aspecto da reação que, em situações adversas, toma o lugar da criação, como se pensarmos no aspecto adaptativo do falso self, chegamos à conclusão de que um mundo mais produtivo não corresponde, necessariamente, a sujeitos mais criativos. Ao contrário, levando em consideração o crescimento no sentimento de vazio e da falta de um real investimento na vida hoje, acreditamos tratar-se de sujeitos cada vez menos criativos e mais desvitalizados, apesar dos impressionantes avanços e produções no mundo atual.

Enfim, com este estudo o que gostaríamos de ressaltar é a constatação de que muitos sujeitos sofrem por se sentirem vazios, apáticos, desamparados, em suma, sofrem de prejuízos na dimensão criativa, sendo esta situação potencializada no momento atual. Sendo assim, acreditamos que nada mais adequado ou privilegiado para a escuta destes sujeitos que a formulação de Winnicott acerca da necessária criatividade humana, já que é, justamente, a criatividade o que nos permite investir e acreditar na vida. Além do mais, esta teoria nos ajuda a repensar o mundo em que vivemos, pois mesmo apostando no sujeito, em seu potencial criativo e transformacional, Winnicott demonstra que o amparo do meio, no decorrer de toda a vida, é fundamental. Assim, este trabalho visa tanto ressaltar a relevância da teoria winnicottiana da criatividade para pensar o manejo e tratamento clínico destes casos em que há prejuízos no âmbito do viver criativo, como também sua relevância enquanto instrumental crítico privilegiado que permite questionar o mundo em que vivemos.

6. Referências bibliográficas

ABRAM, J. (2000) **A linguagem de Winnicott** – dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. Rio de Janeiro: Revinter.

BAUMAN, Z. (1998) **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BEZERRA JR, B. (2002) O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: Plastino, C. A. (org). **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contracapa.

COSTA, J. F. (2004) O uso do corpo como objeto transicional. In: **O vestígio e a aura**. Rio de Janeiro: Garamond.

_____. (2002) Criatividade, transgressão e ética. In: Plastino, C. A. (org). **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contracapa.

COPIT, M. S. (1996) Apresentação. In: LINS, M.I.A; LUZ. R. (org). **D. W. Winnicott: experiência clínica & experiência estética**. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

EHRENBERG, A (1998a). O indivíduo soberano ou o retorno do nervosismo. In: **La fatigue d'être-soi** – depression et société. Paris: Odile Jacob, 2000. Tradução: Elinor Romaguerra.

_____. (1998b). A depressão entre patologia da identificação e patologia da identidade. In: **La fatigue d'être-soi** – depression et société. Paris: Odile Jacob, 2000. Tradução: Denise Cipriano Jabour.

GARCIA, C. A.; COUTINHO, L. G. (2004) **Os novos rumos do individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo**. In: REVISTA PSYCHÊ (no prelo).

GARCIA, C. A. (2005) **Trauma e narcisismo negativo**: questões para a clínica contemporânea. In: REVISTA TRIEB.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. (1975) **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

LIPOVETSKY, G. (1983) **A era do vazio**. Lisboa: Relógio D'água.

LINS, M.I.A. (1998) Para além dos objetos. In: LINS, M.I.A & LUZ. R. (org). **D. W. Winnicott: experiência clínica & experiência estética**. Rio de Janeiro: Revinter.

_____. (1998) Relação e uso de objeto e as relações transferenciais. In: LINS, M.I.A & LUZ, R. (org). **D. W. Winnicott: experiência clínica & experiência estética**. Rio de Janeiro: Revinter.

_____. (1998) A ilusão e o uso criativo dos objetos. In: LINS, M.I.A & LUZ. R. (org). **D. W. Winnicott: experiência clínica & experiência estética**. Rio de Janeiro: Revinter.

_____. (2005) **Agressividade e provisão ambiental**. In: artigo publicado no site www.centrowinnicott.com.br.

LUZ, R. (1998) O espaço potencial. In: LINS, M.I.A & LUZ. R. (org). **D. W. Winnicott: experiência clínica & experiência estética**. Rio de Janeiro: Revinter.

MELLO FILHO, J.; SILVA, A. L. M.(1995) **Winnicott - 24 anos depois**. Rio de Janeiro: Revinter.

MELLO FILHO, J. (2003) **Vivendo num país de falsos-selves**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MACIEL, M. R. (2002) **Depressão e criatividade no indivíduo contemporâneo**. In: CADERNOS DE PSICANÁLISE – *CPRJ*, ano 24, vol 15, 11-124.

_____. (2003) **Depressão e criatividade na contemporaneidade** – um estudo a partir de Freud e Winnicott. Tese de doutorado, Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

ROUDINESCO, E. (2000) **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

SOUZA, O. (2002) Aspectos clínicos e metapsicológicos do uso de drogas. In: Plastino, C. A. (org). **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contracapa.

KHAN, M. R. (2000) Introdução. In: Winnicott, W. D., **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro, Imago.

KLAUTAU, P. (2002) **Encontros e desencontros entre Winnicott e Lacan**. São Paulo: Escuta.

WINNICOTT, D. W. (1952) Ansiedade associada à insegurança. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro, Imago, 2000.

_____. (1945) Desenvolvimento emocional primitivo. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro, Imago, 2000.

_____. (1949a) Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro, Imago, 2000.

_____. (1949b) A mente e sua relação com o psicossoma. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro, Imago, 2000.

_____. (1950) A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro, Imago, 2000.

_____. (1956a) A preocupação materna primária. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro, Imago, 2000.

_____. (1956b) A tendência anti-social. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro, Imago, 2000.

_____. (1960a) Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

_____. (1960b) Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

_____. (1960c) Agressão, culpa e reparação. In: _____. **Tudo começa em casa**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

_____. (1962a) Provisão para a criança na saúde e na crise. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

_____. (1962b) A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

_____. (1963) Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

_____. (1959-64) A criatividade e suas origens. In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

_____. (1964) O conceito de falso self. In: _____. **Tudo começa em casa**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

_____. (1967a) O conceito de indivíduo saudável. In: _____. **Tudo começa em casa**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

_____. (1967b) A localização da experiência cultural. In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

_____. (1967c) O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

_____. (1968) Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescentes e suas implicações para a educação superior. In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

_____. (1969) O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

_____. (1970) Vivendo de modo criativo. In: _____. **Tudo começa em casa**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

_____. (1971a) O brincar: uma exposição teórica. (self). In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

_____. (1971b) O brincar: a atividade criativa e a busca do eu (self). In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

_____. (1971c) O lugar em que vivemos. In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

_____. (1971d) Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

_____. (1971e) A localização da experiência cultural. In: _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

_____. (1988a) Criatividade primária. In: _____. **Natureza humana**. Rio de Janeiro, Imago, 1990.

_____. (1988b) O valor da ilusão e os estados transicionais. In: _____. **Natureza humana**. Rio de Janeiro, Imago, 1990.

_____. (1988c) A filosofia do “real”. In: _____. **Natureza humana**. Rio de Janeiro, Imago, 1990.